

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM SOCIEDADE,**  
**CULTURA E FRONTEIRAS – NÍVEL DE MESTRADO**  
**ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SOCIEDADE, CULTURA E FRONTEIRAS**

IARA BETHANIA RIAL ROSA

**OS MOVIMENTOS SOCIAIS CONECTADOS**  
**A VOZ ZAPATISTA QUE ECOA NA INTERNET**

FOZ DO IGUAÇU – PR  
2013

**IARA BETHANIA RIAL ROSA**

**OS MOVIMENTOS SOCIAIS CONECTADOS  
A VOZ ZAPATISTA QUE ECOA NA INTERNET**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – para obtenção do título de Mestre em Sociedade, Cultura e Fronteiras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Sociedade, Cultura e Fronteiras, nível de Mestrado – área de Concentração: Sociedade, Cultura e Fronteiras. Linha de Pesquisa: Trabalho, Política e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Fernando José Martins.  
Coorientadora: Profa. Dra. Victoria Inés Darling

FOZ DO IGUAÇU – PR  
2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca do Campus de Foz do Iguaçu – Unioeste  
Ficha catalográfica elaborada por Miriam Fenner R. Lucas - CRB-9/268

R788 Rosa, Iara Bethania Rial  
Os movimentos sociais conectados: a voz zapatista que ecoa na  
Internet / Iara Bethania Rial Rosa – Foz do Iguaçu, 2013.  
121 fl. : il. : tab. : gráf.

Orientador: Prof. Dr. Fernando José Martins.

Coorientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Victoria Inés Darling.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em  
Sociedade, Cultura e Fronteiras - Universidade Estadual do Oeste  
do Paraná.

1. Movimentos sociais e cibernética. 2. México – Política e  
governo. 3. Zapatismo. 4. Internet – Redes de informação - Aspectos  
sociais. I. Título.

CDU 321.1(72): 007  
316.422

IARA BETHANIA RIAL ROSA

**OS MOVIMENTOS SOCIAIS CONECTADOS  
A VOZ ZAPATISTA QUE ECOA NA INTERNET**

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Título de Mestre em Sociedade, Cultura e Fronteiras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós – Graduação *Stricto Sensu* em Sociedade, Cultura e Fronteiras – Nível de Mestrado, área de Concentração: Sociedade, Cultura e Fronteiras, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Maria da Glória Marcondes Gohn  
Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)  
Membro Efetivo (convidado)

---

Prof. Dr. Geraldo Augusto Pinto  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)  
Membro Efetivo (da Instituição)

---

Profa. Dra. Victoria Inês Darling  
Universidade Federal da Integração Latino Americana - UNILA  
Co-orientadora (convitada)

---

Prof. Dr. Fernando José Martins  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)  
Orientador

Foz do Iguaçu, 26 de fevereiro de 2013.

Aos meus pais, que sempre estiveram ao meu lado,  
A Bruna, irmã querida, a quem eu dedico um grande amor,  
Ao Elias, que acompanha meus passos, sempre tentando  
entender os caminhos que busco.

## AGRADECIMENTOS

Ao Professor Fernando José Martins, pela orientação paciente, pela amizade e pelos ensinamentos que me transformaram academicamente e humanamente, e que, antes de qualquer pessoa, foi quem me mostrou ser possível um “mundo onde caibam outros mundos”.

A Professora Victoria Darling, pela co-orientação e pela atenção dedicada a minha pesquisa, seu papel foi fundamental para a compreensão do Universo Zapatista, sem sua participação eu não teria alcançado os resultados esperados.

A Professora Renata Camacho Bezerra pela luta desempenhada em seu mandato em busca da criação do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Sociedade, Cultura e Fronteiras, sem um Programa de Mestrado em Foz do Iguaçu eu possivelmente não teria tido condições de continuar meus estudos.

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Sociedade, Cultura e Fronteiras, especialmente ao Professor Geraldo Augusto Pinto, por suas grandes contribuições para essa pesquisa.

Agradeço muito especialmente a Professora Maria da Glória Gohn, que enriqueceu essa pesquisa, não somente com sua participação em minha banca de defesa, mas também, pelos escritos oferecidos nos quais baseamos uma grande parte de nossos estudos.

A CAPES, pelo apoio financeiro através da bolsa de mestrado oferecida.

"Eu não acredito em caridade. Eu acredito em solidariedade. Caridade é vertical: vai de cima para baixo. Solidariedade é horizontal: respeita a outra pessoa e aprende com o outro. A maioria de nós tem muito que aprender com as outras pessoas".

(Eduardo Galeano)

ROSA, Iara Bethania Rial. **Os movimentos sociais conectados - A voz Zapatista que ecoa na Internet**. 2013. 121 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Foz do Iguaçu.

## RESUMO

Muitos Movimentos Sociais tem utilizado a Internet enquanto forma de comunicação e manifestação entre a sociedade civil externa e os próprios militantes do movimento. Cabe aos pesquisadores das ciências sociais demonstrarem e compreenderem como essa nova forma de militância ou como alguns denominam – Ciber militância tem ocorrido. A presente pesquisa tenciona contribuir com esses estudos por meio de um olhar específico: o olhar sobre o Movimento Zapatista, que em nossa opinião, concentra em seu bojo um leque de fenômenos possibilitados pela influência que a Internet e os usuários conectados promovem, fundamental para a compreensão dessa nova situação. A interação entre usuários e militantes do movimento ocorre de forma peculiar dentro do Movimento Social, uma vez que os militantes nativos de Chiapas não tiveram acesso a Internet em sua insurgência, em 1994, mas que tiveram suas vozes replicadas por meio dos simpatizantes que divulgavam seus comunicados. A partir disso, demonstrar as transformações ocorridas no Movimento Zapatista e as razões que fazem pessoas, ao redor do mundo assumirem como elemento identitário o Zapatismo é o cerne principal dessa investigação, nesse intuito, analisamos o papel dos atores sociais conectados a Internet, esclarecendo sua identidade, participação e buscando compreender o papel assumido pelas redes sociais online nesse fenômeno. Nesse sentido, apresentamos um aprofundamento teórico sobre os movimentos sociais e algumas categorias que os movem, a sociedade em rede, a Internet, os atores sociais e o ciberativismo, sempre enfatizando os caminhos percorridos pelo Zapatismo na Internet.

**PALAVRAS-CHAVE:** Movimentos sociais, Internet e Zapatismo.



ROSA, Iara Bethania Rial. **Los movimientos sociales conectados – La voz Zapatista que hace eco en Internet**. 2013. 121 f. Disertación (Maestría en Sociedad, Cultura e Fronteras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Foz do Iguaçu.

## RESUMO

Muchos movimientos sociales utilizan la Internet como una forma de comunicación y manifestación entre la sociedad civil externa y los propios militantes del movimiento. Cabe a los investigadores de las ciencias sociales demostrar y comprender como esa nueva forma de militancia o como algunos denominan – cybermilitancia, ha ocurrido. La presente investigación intenta contribuir con esos estudios por medio de un enfoque específico: el enfoque sobre el Movimiento Zapatista, que en nuestra opinión, concentra en su núcleo teórico una serie de fenómenos posibilitados por la influencia que la Internet y los usuarios conectados promueven, fundamental para la comprensión de esa nueva situación. La interacción entre los usuarios y militantes del movimiento ocurre de forma peculiar dentro del Movimiento Social, una vez que los militantes nativos de Chiapas, no tuvieron acceso a Internet en su insurgencia, en 1994, pero que tuvieron sus voces replicadas por medio de los simpatizantes que divulgaban sus comunicados. A partir de eso, demostrar las transformaciones ocurridas en el Movimiento Zapatista y las razones que hacen que personas, alrededor del mundo asumiesen como elemento identitario el Zapatismo que es la base principal de esta investigación, con ese intuio, analizamos el papel de los actores sociales conectados a Internet, elucidando su identidad, participación y buscando comprender el papel asumido por las redes sociales online en ese fenómeno. En ese sentido, presentamos una profundización teórica sobre los movimientos sociales y algunas categorías que los mueven, la sociedad en red, la Internet, los actores sociales y el cyberativismo, siempre enfatizando los caminos recorridos por el Zapatismo en la Internet.

**PALABRAS-CLAVE:** Movimientos sociales, Internet e Zapatismo.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Mapa de Chiapas.....	50
Figura 02 – Manifestação do dia 21 de dezembro de 2012.....	61
Figura 03 – Comunicado do Comitê Zapatista.....	62
Figura 04 – Small World.....	69
Figura 05 – Teia de grafos – década de 90.....	76
Figura 06 – Teia de grafos – atualidade .....	76
Figura 07 – Comunidade Zapatista.....	78
Figura 08 – Fórum da Comunidade Zapatista no Orkut.....	79
Figura 09 – Bloqueio do Facebook.....	80
Figura 10 – Utilização de Redes Sociais no México.....	80
Figura 11 – Fan Page EZLN.....	81
Figura 12 – Anonymous Brasil.....	94
Figura 13 – Publicação sobre a manifestação do dia 21 de dezembro.....	105

## LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Indicadores de Pobreza.....	37
Tabela 02 – Quanto à escolaridade e a saúde pública.....	38

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Nacionalidade dos pesquisados.....	85
Gráfico 02 – Pessoas que já estiveram nas regiões de conflitos no México.....	106

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>1 MOVIMENTOS SOCIAIS</b> .....	21
1.1 AMÉRICA LATINA, SUA CONSTITUIÇÃO, SEUS MOVIMENTOS .....	27
1.1.2 OS MOVIMENTOS ÉTNICOS LATINO-AMERICANOS E A TERRA .....	30
1.1.3 MOVIMENTOS SOCIAIS DE RESISTÊNCIA.....	34
1.2 DESIGUALDADES SOCIAIS.....	36
1.3 DIVISÃO E LUTA DE CLASSES .....	42
1.4 A SOLIDARIEDADE .....	44
1.5 MOVIMENTOS SOCIAIS EM REDE E REDES DE MOBILIZAÇÃO .....	46
<b>2 O PRIMEIRO DIA DE 1994, O AMANHECER EM CHIAPAS</b> .....	50
2.1 O CAMINHO MIDIÁTICO PERCORRIDO .....	57
2.2 A INTERNET E A SOCIEDADE EM REDE.....	63
2.2.1 A INTERNET .....	63
2.2.2 A ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE EM REDE .....	68
<b>3 AS REDES SOCIAIS E O ATIVISMO ONLINE (CIBERATIVISMO)</b> .....	75
3.1 ATORES SOCIAIS E IDENTIDADES .....	90
3.2 A PONTE SOCIEDADE – INTERNET E AS MUDANÇAS PERCEBIDAS NO EZLN. .	97
3.3 CIBERATIVISMO .....	102
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	108
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	114

## INTRODUÇÃO

Nos últimos anos a Internet abandonou o papel de ferramenta tecnológica e se transformou em um meio social digital. Por essa razão, entender esses avanços e suas limitações tornou-se uma dedicação de muitos autores. Enquanto meio de militância muitos já apontam essas limitações. Essa pesquisa tem caráter semelhante, procuramos entender as limitações da Internet, através dos seguintes questionamentos: No que ela tem sido importante? Quem ela transforma? Quem é transformado por ela?

Pela profundidade dessas questões, buscamos um movimento social que comportasse no seu íntimo vários dos fenômenos que a Internet é capaz de demonstrar: O Zapatismo, um movimento que cresceu concomitantemente a Internet e que nela conquistou um grande espaço de luta extrapolando muitas das fronteiras popularmente conhecidas.

Fazemos parte de um mundo que concentra riquezas nas mãos de poucos e impõe a miséria na vida de muitos, essa também é a realidade de um grande número de indígenas mexicanos que lutam por permanecer no mesmo território ocupado por seus antepassados – o Sudeste do México, uma área que ao longo das últimas décadas tem sido palco de diversas lutas e revoltas pela defesa deste território.

O território ocupado pelos indígenas representa mais que a terra que lhes garante subsistência. A relação extrapola a questão de propriedade de terra, nesses locais estão enraizadas sua história e a própria cultura desse povo, realidade comum em outros países do continente, nesse território os indígenas foram massacrados pela colonização exploratória, assim como afirma um provérbio indígena mapuche: *Cortaron nuestros frutos, podaron nuestras ramas, quemaron nuestro tronco, pero no pudieron arrancar nuestras raíces.*

Essas raízes, fixadas há séculos, são agredidas por razões comumente claras: a exploração dos ricos recursos naturais dessas áreas e concomitantemente a falta de espaço para essas pessoas, tanto na ordem econômica vigente quanto na própria formação da identidade do país, ambas movidas pelo neoliberalismo e a valorização do capital.

Essa falta de identidade de um povo com sua nacionalidade é uma das maiores revoltas dos Zapatistas, nos anos anteriores a sua insurgência esses camponeses, indígenas e mestiços oriundos dessa região, eram tratados por seus governantes como sombras invisíveis, não eram vistos nem lembrados, a máscara (passamontañas) foi um recurso utilizado, inicialmente dedicado à proteção dos Zapatistas que voltariam as suas moradias posteriormente aos embates, resultando posteriormente, para que enfim pudessem ser reconhecidos como parte do México.

E sobre essa necessidade, a do reconhecimento, Le Bot (1997) afirma que “todas as lutas pelo reconhecimento são frágeis e incertas”, e a dos Zapatistas “exige reformas econômicas, sociais, políticas e culturais que põem em perigo interesses adquiridos e também programas de modernização exclusiva”, e foram as lutas por esses direitos que motivaram a insurgência do EZLN - Exército Zapatista de Libertação Nacional em 1994, transformando a história do México e angariando a atenção do mundo inteiro através da mídia. Segundo Schulz diversas são as razões para o Zapatismo ter conquistado a mídia:

Inicialmente, o México é um país vizinho sobre o qual a mídia norte-americana informa com regularidade na seção de exterior, baseado no critério jornalístico de notícia “proximidade geográfica”. Devido à controvérsia em torno do NAFTA havia uma atenção adicional sobre o México. Com relação ao NAFTA haviam sido antecipadas as mais distintas consequências. Um levante guerrilheiro exatamente no dia em que passou a vigorar surgiu, contudo, como uma enorme surpresa. O debate sobre o NAFTA ganhou assim combustível adicional. No início do levante não havia clareza quanto à sua real dimensão. Logo chegaram ao noticiário dramáticas imagens de guerrilheiros mascarados em paisagem de florestas com neblina e soldados fortemente armados diante de mulheres indígenas (SCHULZ, 2007, p.115-116).

Todas essas questões contribuíram para que o movimento se lançasse também na Internet, fazendo com que a insurgência dos Zapatistas fosse acompanhada ao redor do mundo, gerando interferências significativas naquele momento e nos últimos 19 anos.

Identificar os pontos positivos e negativos que a participação desse movimento no meio midiático gerou é um desafio complexo que mesmo o Subcomandante Marcos em suas entrevistas diz ainda não poder determinar, e

afirma ainda, que em alguns momentos se arrepende da visibilidade que seu personagem conquistou nos primeiros anos<sup>1</sup>.

Por essa razão, nossa pesquisa não pretende alçar um voo tão alto e ousado, queremos, através de uma pesquisa analítica, relacionar as mudanças que as mídias trouxeram ao Zapatismo, principalmente no que diz respeito à Internet, ou em outras palavras: compreender o caminho que esse movimento toma através da Internet, e identificar como isso o transforma.

Nesse sentido, acreditamos que o cerne principal para entender como o movimento Zapatista se transforma é compreender quem o transforma. Para isso relacionamos em nossa pesquisa a participação da sociedade que em 1994 exigiu um diálogo com o movimento tencionando o fim da luta armada e o sujeito social que simpatiza com o movimento e exerce sua militância online.

Cabe clarificar, que com essa pesquisa não temos a pretensa ingenuidade de sugerir que a Internet, ou até mesmo a grande mídia que não se trata de ponto fundamental, mas recorrente a pesquisa, foram indispensáveis para a vida do Movimento ou para o surgimento do EZLN, entendemos que a Internet é uma tecnologia, que como qualquer outra, também serve como instrumento da classe dominante para a manutenção da subjugação das classes operárias, no entanto, em um momento em que o movimento Zapatista se encontra em uma transição entre um momento de reclusão e a volta ao cenário das manifestações, propomos um olhar sobre as consequências da aproximação do movimento com as mídias.

Nesse intuito, a priori realizamos um amplo estudo bibliográfico sobre o histórico do Movimento Zapatista e uma profunda análise dos comunicados emitidos pelo Movimento ao longo dos anos. Em um segundo momento, buscamos identificar, através de autores relacionados e nas entrevistas do Subcomandante Marcos e de outros militantes do movimento, a relação do EZLN com a Internet atualmente, focando sempre na participação do sujeito simpatizante do movimento Zapatista na Internet, tencionando que com isso possamos compreender de que forma a participação desse sujeito interfere no movimento.

---

<sup>1</sup> No livro Cortes de Caja, Laura Castellanos questiona Marcos, se depois de todos esses anos, ele acredita ter valido a pena, em resposta Marcos afirma que sim, mas, que se pudesse mudaria uma parte: a questão midiática, isso porque, segundo Marcos no princípio o movimento acreditou que a presença da imprensa faria bem ao movimento, mas que alguns meios mostraram uma imagem fútil do EZLN “como en la película del mestizo que se va con los indígenas. ¿Cómo se llama?... ¡Danza con lobos! Y eso era lo que vendían algunos medios”.



## II

Para esse estudo nos concentramos na metodologia analítica. Para isso, em um primeiro momento realizamos um levantamento de bibliografias relacionadas aos movimentos sociais, Zapatismo, *sociedade em rede*, redes sociais<sup>2</sup> e algumas das categorias que fazem parte da construção dos próprios movimentos sociais, a partir dessas leituras realizamos recortes sobre o tema que pretendíamos, uma tarefa que nos exigiu um grande esforço, uma vez que o tema se relaciona com vários outros fatores importantes. Obedecer aos nossos limites em alguns momentos foi frustrante.

Munidos desses elementos, bibliografia específica e direcionamento do tema, nos dedicamos a realização de uma análise interpretativa, para esse intuito, a análise documental, se fez importante, através dela realizamos um levantamento de documentos emitidos pelo EZLN – Exército Zapatista de Libertação Nacional. Nesse objetivo utilizamos obras publicadas a respeito, compilações de documentos e comunicados publicados pelo próprio movimento na Internet, ferramenta que nos possibilitou uma atualização constante de informações até o último dia de pesquisa.

Todos esses caminhos nos possibilitaram um estudo analítico a respeito do Movimento Zapatista, correspondendo ao nosso objetivo que era observar o fenômeno Zapatista online, relacionando os principais fatores desse fenômeno, que na sua maioria estavam relacionados à Internet, a organização da sociedade em rede, as redes sociais, a atuação do movimento online, o ciberativismo, etc.

Diante disso, procuramos também usar outra metodologia que nos propiciasse uma base teórica para o entendimento dos novos fenômenos, para esse fim, encontramos a netnografia, uma metodologia extremamente recente que se dedica à análise do conteúdo disponibilizado na Internet. Utilizamos autores como Christine Hine, Raquel Recuero, Adriana Amaral e Susana de Souza Gutierrez que tem se dedicado a essa metodologia.

A etnografia virtual ou netnografia é um processo que se desenvolve a partir da ação do pesquisador, de suas escolhas dentro do contexto

---

<sup>2</sup> A título de organização terminológica utilizaremos a expressão redes sociais complexas para definir as redes sociais que pretendem um estudo estrutural da sociedade e redes sociais àquelas que operam na Internet, como o Facebook e o Orkut.

pesquisado e, por isso, não tem uma estrutura rígida, pois depende do que vem do campo de pesquisa. Deste modo, parte de uma visão dialética da cultura, na qual esta se movimenta entre as estruturas sociais e as práticas sociais dos sujeitos históricos (GUTIERREZ, 2009, p. 4).

Além da influência metodológica, a Internet promoveu em nossa pesquisa um fenômeno singular, pois enquanto a utilizávamos como um método de observação, vivenciamos o uso e possivelmente a dinamicidade que ela é capaz de promover através da comunicação com os simpatizantes do movimento online.

Portanto, a Internet foi para nós como uma passarela, onde caminhamos buscando acessar as informações necessárias, enquanto o próprio movimento continuava caminhando em sua luta através dos comunicados que eram disponibilizados na rede de computadores. Nesse caminhar realizamos alguns questionários<sup>3</sup> online sobre a atuação dos sujeitos simpatizantes do Movimento Zapatista.

Os formulários foram oferecidos, basicamente, em páginas do Facebook e Orkut, e contribuíram com informações complementares importantes, principalmente, ao terceiro capítulo. Também serviram a própria compreensão do universo das redes sociais, uma vez que para a realização desses formulários a pesquisadora teve que adentrar a essas redes e vivenciar as mesmas experiências dos usuários simpatizantes conectados.

A pesquisa foi realizada nos meses de dezembro de 2012 e janeiro de 2013. Responderam a essa pesquisa 20 pessoas, a seleção dessas pessoas foi realizada de forma aleatória, com uma única restrição, que essas pessoas demonstrassem algum interesse pelo movimento Zapatista, através de comunidades ou grupos do Orkut e Facebook na Internet.

No formulário citado, o respondente foi convidado a preencher seu nome, ou perfil utilizado nas redes sociais, e-mail, idade, gênero, nacionalidade e os seguintes questionamentos sobre o Zapatismo:

- 1) ¿A través de qué medio usted tuvo acceso a este formulario? / Através de que meio você teve acesso a essa pesquisa?

---

<sup>3</sup> Os formulários foram realizados pela ferramenta online Google docs, essa ferramenta permite a criação de um formulário de perguntas objetivas e abertas que pode ser disponibilizado através de um link (endereço online) na Internet e pode ser acessado por usuários autorizados, ou como no nosso caso, por todos os usuários que acessarem o endereço: <https://docs.google.com/spreadsheets/viewform?formkey=dENMRkdUnkwbmRIVTZjZINKMW9iVEE6MQ#gid=0>.

- 2) ¿Usted ya visitó Chiapas en México? / Já esteve em Chiapas no México?
- 3) ¿Cuál fue el primer contacto que usted tuvo con el Ejército Zapatista? ¿A través de cual media? / Qual foi o primeiro contato que você teve com o Exército Zapatista? E foi através de qual mídia?
- 4) ¿Simpatiza con la lucha Zapatista? ¿ Cuáles son las razones? / Você simpatiza com a luta Zapatista? Por quais razões?
- 5) ¿Con qué información cuenta sobre el estado actual de la lucha zapatista?/ Quais informações você tem tido sobre a atual situação Zapatista?
- 6) ¿Conoce algún Comité de estudios Zapatistas o alguna Red Zapatista? ¿Colabora en alguno de ellos? / Conhece algum Comitê de Estudos Zapatistas ou alguma Rede Zapatista? Colabora com algum deles?
- 7) ¿Cuál es su consideración sobre la participación del EZLN en los medios?/ O que você acha sobre a participação do EZLN nas mídias?

Todo o formulário, como podemos observar, foi oferecido na língua portuguesa e espanhola, pois pensávamos que encontraríamos uma quantidade maior de simpatizantes latino-americanos, no entanto, tivemos contato com vários usuários falantes da língua inglesa, que, por limitação no domínio de outras línguas pela pesquisadora, não puderam ser acrescentados a essa pesquisa.

Além desse limite, reconhecemos outros dentro da metodologia adotada. Um deles se relaciona a brevidade temporal para a realização desse estudo, com o tempo restrito não pudemos fortalecer nossos vínculos de confiança entre pesquisadora e pesquisados, se os vínculos fossem mantidos por um tempo maior poderíamos ter obtido, desses usuários, muitas outras informações tão importantes quanto as que foram dadas.

Outra limitação foi o número de usuários contemplados, um número pequeno em relação ao universo online, porém, acreditamos que essa dificuldade foi superada pela densidade das respostas dadas.

Por fim, consideramos que as entrevistas se dispõem nessa pesquisa de forma complementar e que serviram também enquanto metodologia de aproximação ao tema apresentado.

Os resultados serão apresentados no terceiro capítulo. Além dos formulários, também ocorreu uma coleta de dados através da observação das redes sociais. Os dados conquistados através do formulário são divulgados com a

autorização prévia dos respondentes, as outras informações disponibilizadas aqui, advindas das redes sociais, como nomes de comunidades, tópicos disponíveis em fóruns e demais publicações, estão disponíveis a todos, caracterizado, portanto, uma informação de domínio público.

### III

A dissertação está dividida em três capítulos. A escolha das partes foram realizadas conforme se faziam necessárias, algumas foram suprimidas por questões metodológicas. Realizamos o recorte abrangendo as questões que pensávamos fundamentais, dessa maneira, apresentamos no primeiro capítulo uma análise sobre os movimentos sociais e as principais categorias que os permeiam, focando principalmente nas categorias envolvidas no movimento Zapatista e nos movimentos sociais latino-americanos.

No segundo capítulo centralizamos nas questões relacionadas ao Zapatismo, sua entrada na Internet e a sociedade em rede, sem a compreensão desses pontos seria impossível prosseguir em questões eminentes a nossa atual sociedade e a forma com que o Zapatismo alcançou a visibilidade nas Redes Sociais na Internet.

E é sobre as Redes Sociais que dedicamos o terceiro capítulo. Para a construção desse capítulo analisamos os atores sociais que estão presentes no movimento Zapatista como simpatizantes online ou “*zapatistas*” e o próprio militante do movimento, o indígena chiapaneco.

Por fim, esclarecemos que o título “Os movimentos sociais conectados – a voz Zapatista que ecoa na Internet” corresponde à ideia que cada vez mais os movimentos tem utilizado a Internet como meio de manifestação e visibilidade, e ao foco dessa pesquisa, o Zapatismo que tem sua voz multiplicada através de outras vozes que se espalham na rede, reproduzindo as principais informações do movimento.

## CAPÍTULO I

### OS MOVIMENTOS SOCIAIS

Os movimentos sociais latino-americanos e as categorias que os movem.

*Más poderosa que el rinoceronte, es la nube de mosquitos.  
Que crecen y crecen, zumban y zumban*  
**Manfred Max-Neef**

## 1 MOVIMENTOS SOCIAIS

Neste capítulo, pretendemos apresentar um marco teórico sobre os movimentos sociais e as categorias que os movem, focando nas categorias que dão sustentação aos estudos desta pesquisa, bem como ao movimento social eleito como base material e empírica da mesma – Os Zapatistas.

Consideramos o entendimento dos movimentos sociais, importante enquanto base fundamental do objeto de estudo, que foi eleito por nós, por sua participação na Internet a partir da década de 90, essa participação gera inúmeros outros fenômenos que serão explorados nos próximos capítulos, a este capítulo reservamos a função de promover ao leitor um possível entendimento dos fundamentos teóricos dos movimentos sociais. Além disso, propomos explorar o núcleo do Movimento Zapatista visando compreender sua organização, uma vez que, no princípio, o Zapatismo se caracteriza como um movimento guerrilheiro e posteriormente, com o apoio da sociedade civil, se reorganiza e se modifica.

Para início da reflexão, devemos esclarecer a questão das categorias e a importância da sua interpretação para este capítulo. Genericamente, as categorias são traços dos fenômenos, que devem ser interpretados para que tenhamos uma visão da totalidade real do mesmo. Segundo Cury, “elas [as categorias] ganham sentido enquanto instrumento de compreensão de uma realidade social concreta, compreensão esta que, por sua vez, só ganha sentido quando assumido pelos grupos e agentes que participam de uma prática educativa”. (CURY, 2000, p.21).

Martins explica a importância da compreensão das categorias para a interpretação de determinados fenômenos:

Categorizar vai além de nomear determinado fenômeno. E, ainda, qualquer fenômeno pode ser conceituado, mas somente categorias são portadoras de aspectos mais gerais e essenciais da realidade, portanto, ponto de partida para a compreensão dos demais fenômenos, pois são capazes de fornecer instrumentos de compreensão dos nexos e relações que integram a totalidade. (MARTINS, 2011, p.203).

Ambos os autores esclarecem que as categorias têm como característica a constante transformação. Além disso, não é possível conceituar uma categoria fora

de sua realidade, portanto, ela só é compreensível quando a observamos em consonância com o próprio fenômeno:

As categorias não são formas puras que dão conta de toda e qualquer realidade para todo sempre. Elas são relativas, ao mesmo tempo, ao real e ao pensamento, ou seja, a todo o movimento no real e no pensamento. Daí o fato de tanto pertencerem ao campo do conhecimento, quando indicarem os aspectos objetivos do fenômeno. As categorias, pois, só se dão como tais no movimento e a partir de um movimento. Consideradas isoladamente, tornam-se abstratas. (CURY, 2000, p.22).

Portanto, todas as categorias por nós apresentadas serão analisadas considerando o movimento Zapatista em sua totalidade e na própria construção de suas práticas definidoras. É necessário ressaltar que o próprio estudo dos movimentos sociais necessita de uma contundente explanação sobre as categorias adotadas para sua interpretação, pois “as categorias de análise também se alteram no quadro das teorias dos movimentos sociais” (GOHN, 2010, p. 29). Além da alteração no próprio quadro dos movimentos sociais, as ressignificações de sentidos das categorias, o uso social delas pelos movimentos, a temática abordada nesta dissertação não se resume ao estudo dos movimentos sociais. Portanto, é necessário também expor as categorias que se vinculam ao debate da tecnologia, da hegemonia e contra hegemonia entre outras abordadas durante o texto.

Quanto aos movimentos sociais, muitas são as definições que buscamos conceituar. Pretendemos beber na fonte de autores clássicos e contemporâneos, como Ilse Scherer-Warren, John Downing, John Holloway, Karl Marx, Manuel Castells e Maria da Glória Gohn, os quais inspiram grande parte dos estudiosos dos movimentos sociais e também a própria organização desses movimentos.

Partindo da definição terminológica do conceito Movimento Social, Darling afirma:

El término *movimiento social*, surgió en el ámbito de las Ciencias Sociales a principios del siglo XX. Su construcción se derivó de la necesidad de referencia exclusiva al movimiento obrero, durante su etapa de consolidación como protagonista principal de las luchas al interior de las sociedades con mayor desarrollo capitalista. (DARLING, 2008, p.16).

Segundo a definição de Scherer-Warren, os movimentos sociais estão pautados em um conjunto relacionado à práxis, o projeto do movimento, às ideologias norteadoras e sua organização. Dessa forma, os movimentos sociais são:

[...] como uma ação grupal transformadora (a práxis) voltada para a realização dos mesmos objetivos (o projeto), sob a orientação mais ou menos consciente de princípios valorativos comuns (a ideologia) e sob uma organização diretiva mais ou menos definida (a organização e sua direção). (SCHERER-WARREN, 1984, p.20).

Andrew Arato e Jean L. Cohen, apresentam três classificações de movimentos sociais. Segundo os autores, a primeira e mais antiga, define os movimentos sociais referindo-se a tumultos de multidão, rebelião de massas, grupo de pessoas motivadas pela emoção agindo de forma “cega e insensata”, o que pode ser conferido, do ponto de vista histórico, na obra de Eric Hobsbawm, *Rebeldes Primitivos, Estudos sobre formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX* (Arato e Cohen, 1992 apud Downing, 2002, p.56).

A segunda classificação, contrária à primeira, define os indivíduos como “atores racionais” que por serem pobres e desprovidos de bens, precisam criar recursos alternativos em busca de exercer influência sobre o processo político, promovendo assim ações como greves, passeatas, operações tartaruga e bloqueios de tráfego, essas, consideradas advindas de atores racionais por serem ações previamente organizadas. Assim, os movimentos sociais vão absorvendo as necessidades que os problemas sociais criam, através de uma organização de lutas de pessoas que tencionam a superação de um problema econômico, social, ou político corrente.

As características por si não são suficientes para essa segunda classificação. É necessário ressaltar que a cidadania, em seu sentido político pleno, compõe tal classificação. Assim, a organização dos movimentos sociais detém um caráter orgânico. Também vale ressaltar elementos históricos mundiais. O socialismo era uma alternativa perseguida por movimentos sociais e partidos políticos, colocava-se concretamente no cenário internacional. Esse cenário, somado às características expostas dos movimentos dessa segunda classificação, dão origem às lutas que movem os movimentos sociais contemporâneos, como é o caso do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST no Brasil e – também é possível dizer - o movimento Zapatista está inserido nesse contexto.



A terceira definição, apontada pelo autor, e mais recente, é originada no estudo dos Novos Movimentos Sociais – NMS. Dentro desses, encaixam-se o movimento ambiental, o movimento pacifista, o movimento feminista, e outros que apresentam novas especificidades. Definir essas especificidades tem sido a preocupação dos principais estudiosos dos movimentos sociais. Duriguetto e Montaña (2011, p.248) afirmam que os NMS servem tanto como complementos dos movimentos sociais já existentes, que tinham como fundamento a luta de classe, quanto como uma alternativa aos movimentos de classe tradicionais e aos partidos políticos de esquerda. Na verdade, há uma severa crítica aos novos movimentos sociais pelos estudiosos que mantêm relações com categorias como classes sociais e emancipação. Os próprios autores, na obra acima citada, efetuam considerações incisivas acerca do caráter fragmentário e desagregador de certos novos movimentos sociais.

Ao longo da dissertação esse debate acerca do caráter transformador ou não dos movimentos sociais será recorrente, pois, do ponto de vista cronológico e em algumas demandas apontadas, tanto o campo empírico da dissertação – os Zapatistas – quanto o debate central do trabalho, o uso das tecnologias, estão permeados por características dos novos movimentos sociais. Contudo, o referencial teórico adotado - as categorias que sustentam o trabalho - está ligado à emancipação, o que tenciona continuamente o debate proposto.

Dando sequência à tentativa de conceituação, indica-se a abordagem de Castells (2008, p.94-95) na qual afirma que os movimentos sociais “são o que dizem ser”, ou seja, suas práticas são auto definidoras e que interpretar o movimento dessa forma nos afasta de práticas pretensiosas de “interpretar a verdadeira consciência dos movimentos”. Essa definição, mais simples, evitaria então que buscássemos fórmulas de conduta e de representatividade entre os movimentos sociais. Ela também relaciona a categoria movimentos sociais com outra categoria necessária ao presente estudo: a de identidade, que será pormenorizada na sequência deste trabalho e utilizada, no decorrer da dissertação como um todo, tomada com maior ênfase no terceiro capítulo. Contudo, o que se pode afirmar de antemão, ancorado no pensamento de Gohn (2009, p.62), é que o movimento na sua ação que irá definir sua identidade, esse processo de política de identidade, se concretiza na luta, não se tratando então de uma definição pronta, ou segundo a

autora, não se trata de um reconhecimento outorgado, doado, uma inclusão de cima para baixo.

Gohn (1997, p.13) afirma que conceituar os movimentos sociais não é uma tarefa fácil. Por essa razão, nas últimas décadas, poucos autores têm se dedicado a essa incumbência. Uma das razões para esse impedimento é o caráter que o movimento social pode assumir, com diferentes formas de ações coletivas. As formas de organização e de ações coletivas determinam o caráter do movimento social, bem como os diferentes contextos, objetivos, perspectivas e formas de luta e enfrentamento. Contudo, em uma obra clássica sobre os estudos dos movimentos sociais, mesmo assumindo o risco de cometer equívocos, a autora, formula uma conceituação, que em nossa avaliação é a mais completa de nossa revisão de literatura:

Movimentos sociais são ações sociopolíticas construídas por atores sociais coletivos, pertencentes a diferentes classes e camadas sociais, articuladas em certos cenários da conjuntura socioeconômica e política de um país, criando um campo político de força social na sociedade civil. As ações se estruturam a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em conflito, litígios e disputas vivenciadas na sociedade. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva para o movimento, a partir dos interesses em comum. Esta identidade é amalgamada pela força do princípio da solidariedade e construída a partir da base referencial dos valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo, em espaços coletivos não institucionalizados. Os movimentos geram uma série de inovações nas esferas públicas (estatal e não-estatal) e privada; participam direta ou indiretamente da luta política de um país, e contribuem para o desenvolvimento e transformação da sociedade civil e política. Estas contribuições são observadas quando se realizam análises de períodos de média ou longa duração histórica, nos quais se observam os ciclos de protestos delineados. Os movimentos participam portanto da mudança social histórica de um país e o caráter das transformações geradas poderá ser tanto progressista como conservador ou reacionário, dependendo das forças sociopolíticas a que estão articulados, em suas densas redes; e dos projetos políticos que constroem com suas ações. Eles têm como base de suporte entidades organizadas da sociedade civil e política, com agendas de atuação construídas ao redor de demandas socioeconômicas ou político-culturais que abrangem as problemáticas conflituosas da sociedade onde atuam. (GOHN, 1997, p.251-2).

A citação é extensa, no entanto seus apontamentos são fundamentais para a constituição desse capítulo. A autora já indicou a temerosidade de se realizar

conceituações em virtude de sua complexidade e abrangência. Nesse sentido, é válido lembrar que a exposição dos conceitos e características destacadas anteriormente sobre os movimentos sociais não visam ensaiar uma conceituação, por mais sintética que seja. A exposição de tais características está sob a perspectiva da demonstração da categoria movimentos sociais usados no presente trabalho. Assim, o conjunto de apontamentos e a reunião de conceituações expostas, afirmam uma concepção categórica sobre os movimentos sociais, que dão sustentação a desdobramentos posteriores.

No entanto, é mister ressaltar que há abordagens distintas nesse debate, até mesmo inserções de terminologias que se aproximam de movimentos sociais, mas detêm características bastantes distintas, como é o caso da mobilização social.

Montaño e Duriguetto (2011, p.263), classificam movimento e mobilização social. Para os autores o primeiro conceito cabe a uma organização “com relativo grau de formalidade e estabilidade”, já uma mobilização social se esgota em seu fim, ou seja, é encerrada assim que seu objetivo esteja alcançado, com características efêmeras, pode-se até dizer que com certo grau de voluntarismo.

Para nossa pesquisa, a questão da mobilização social deve ser destacada, uma vez que essa pesquisa aborda as mídias e, mais especificamente a Internet, que tem como característica uma organização dinâmica, entretanto, efêmera, e detentora das mais variadas abordagens, que podem dar sustentação tanto para os movimentos sociais tradicionais, quanto às mobilizações sociais mais corriqueiras.

Assim, a definição de Gohn (2009, p.65), para mobilizações sociais associa-se à mudança de comportamento de um indivíduo ou a adesão a programas ou projetos sociais:

*Mobilização social* já tem outro sentido: refere-se a ativações que visam a mudança de comportamentos ou adesão a dados programas ou projetos sociais. Mobilização social, nessa última acepção, envolve uma série de processos, e um deles se articula com o termo citado, mobilidade social – mudança e comportamento, aquisição de novos valores, acesso a meios de inclusão social, etc. (GOHN, 2008, p.448).

Nesse caso, a intenção do sujeito e suas características políticas são diferentes dos sujeitos participantes de movimentos sociais; sua mobilização para participação também é diferenciada. Para ilustrar essa questão, Gohn (2008, p.449)

aponta que, diferentemente dos militantes dos movimentos sociais que lutam por causas para o todo, o enfoque dos participantes das mobilizações sociais é voltado ao cotidiano, à criação de redes comunicativas, à criação de imaginários sociais, que tencionem despertar o interesse nas pessoas.

Em outro estudo, dialogando inclusive com o mesmo autor, Maria da Glória Gohn é mais incisiva ao explicitar as diferenças entre movimentos e mobilização social e às implicações de tais diferenças:

A categoria movimento social tem sido substituída, na abordagem de vários analistas, pela de mobilização social, que também gera uma sigla M.S., voltada para a ação coletiva que busca resolver problemas sociais, diretamente, via a mobilização e engajamento de pessoas (cf. TORO, 2006). Nestas abordagens a dimensão do político é esquecida ou negada, substituída por um tipo de participação, construída-induzida. E a dimensão do político é o espaço possível de construção histórica, de análise da tensão existente entre os diferentes sujeitos e agentes sociopolíticos em cena. (GOHN, 2010, p. 28).

Esse apontamento é primordial para nossa dissertação, pois encerra o debate de qualquer tentativa, mesmo no interior de um estudo que tenha como foco mídias sociais e internet, de sucumbir à utilização, ou incorporações de categorias frouxas, que se desvinculem das perspectivas de movimentos sociais emancipatórios.

Esclarecidas as questões que se referem aos movimentos sociais, aos novos movimentos sociais e as mobilizações sociais, devemos abordar especificamente as categorias provenientes dos movimentos sociais da América Latina que, em si, como espaço, território, cenário de lutas e identidades coletivas, torna-se uma categoria dos estudos aqui realizados.

## 1.1 AMÉRICA LATINA, SUA CONSTITUIÇÃO, SEUS MOVIMENTOS

Assim como fora efetuado com a categoria movimentos sociais, o caso da América Latina também necessita de uma abordagem específica, entretanto entendemos que devido a sua complexidade não pode ser comportada por meio de uma definição categórica, dado seu alcance e as diferentes abordagens em seu

estudo, dessa forma, é necessário caracterizar enquanto um espaço geopolítico e cultural fundamental na presente discussão.

É digno de nota ressaltar que várias abordagens são efetuadas comumente quando o objeto é a América Latina. Talvez, contemporaneamente, a mais comum delas seja a integração comercial latino-americana. Também são comuns abordagens que ressaltam as diferenças entre os países e os povos constituintes da América Latina.

Longe desses debates, o que queremos expor neste espaço, no que tange à integração, é a perspectiva dos movimentos sociais, principalmente elementos comuns do povo latino-americano que são pontos de partida para movimentos sociais, que grosso modo, estão ligados à carência estrutural desse espaço geopolítico.

Pode-se inferir que um ponto de partida das similitudes na constituição da América Latina é o processo de colonização de exploração. O processo explorador, invasor, de genocídio dos povos indígenas, é uma constante nesse espaço geopolítico e, por inferência, ponto de convergência de uma série de contra organizações até os dias de hoje, inclusive do movimento Zapatista, que dá sustentação material a este trabalho.

O conflito das diversas culturas nativas com a colonização da América Latina tornou esse território um espaço propício para diversas lutas políticas e culturais. Herdamos aqui uma miscigenação atípica que, mesmo com um caráter similar que é a colonização pelos povos europeus, nos impede de assumir uma categoria identitária única.

Essas singularidades (o autor se refere ao perfil dos autóctones que viviam nas nossas terras e as disputas por conquistas de territórios pelo Brasil) foram, em grande medida, moldadas pelas nossas histórias coloniais, e em seguida as sucessivas hegemonias britânica e norte-americana na expansão do capitalismo também se mesclaram aos interesses já nacionais. Mas, de qualquer modo, cristalizaram-se em formações nacionais arredias, isolacionistas em grande parte, mesmo entre aquelas que, por razões de fala e história comum, tinham talvez outros motivos para buscar modalidades de cooperação supranacionais. (OLIVEIRA, 2006, p.27).

Nos vinte países que formam essa região são faladas, principalmente em razão da colonização, a língua espanhola, o português, o francês, e as línguas autóctones nativas. Oliveira (2006, p.46) afirma que as diferenças linguísticas,

mesmo estabelecido um forte parentesco entre elas, ainda pesam, principalmente no que diz respeito ao campo cultural. Portanto, a fronteira linguística ainda apresenta representatividade no que diz respeito ao nosso reconhecimento enquanto sujeitos latino-americanos.

Essa dificuldade da apropriação de identidade latino-americana é observada em toda a América Latina, mas, para nós brasileiros, é ainda mais difícil. Sader afirma que:

Vista do Brasil, a América Latina não existe. Existe a Argentina, existe o México, existe Cuba e, principalmente existem os Estados Unidos, como entorno geral de todos esses países em particular. Em nossa identidade não se inclui ser um país “latino-americano”. (Latino-americanos são os “outros”, quase “é a mãe”, numa recente transmissão de jogo pela televisão, o narrador se referia à forma dos uruguaios jogarem, dizendo: “os sul-americanos são catimbeiros”). Nossas referências identitárias apontam par a Europa – Portugal e França – e para nossas origens na mestiçagem – índios e negros. (SADER, 2006, p.177).

Vagarosamente, essa realidade tem se modificado, com o crescimento econômico dos países, especialmente do Brasil. Temos nos consolidado como um bloco econômico forte. Além disso, os governos de vários países têm demonstrado grande disposição para a integração latino-americana, Possivelmente, o primeiro passo para uma mudança comportamental, também para que nos reconheçamos enquanto latino-americanos.

Sem dúvidas, o continente latino-americano experimentou nas duas últimas décadas transformações econômicas-sociais expressivas que alteram a face das sociedades latino-americanas, dando-lhes um aspecto de modernidade – ainda que não tenham sido suficientes para modificar a situação de pobreza absoluta e relativa da maioria da população dessas sociedades. De qualquer forma, aquelas transformações afetam a maneira pela qual os agentes sociais se constituem e se relacionam entre si, apontando para novas formas de comportamento político-social. (LARANJEIRA, 1990, p.19).

Porém, a América Latina como categoria, incorpora dimensões que vão além do econômico; os debates culturais e principalmente étnicos são cruciais para o presente trabalho, uma vez que a existência de uma identidade latino-americana ultrapassa a situação econômica desses países.

### 1.1.2 Os movimentos étnicos latino-americanos e a terra

Para essa análise, primeiramente devemos lembrar que fazemos parte de uma sociedade em rede e esse conceito é muito relevante para a presente dissertação. Ele será retomado recorrentemente ao longo do texto. Contudo, se em rede somos interligados a pessoas de sociedades e culturas diferentes da nossa, essa proximidade, não produz uma homogeneização sociocultural e é justamente o contrário de um tecido homogêneo, um tecido social diverso, o que se encontra na América Latina, não somente no campo da tradição, dos costumes, da cultura, mas no campo da diversidade étnica existente nesse espaço.

Dessa forma, a América Latina se tornou um campo rico de estudos étnicos, no que diz respeito à variedade étnica e às injustiças enfrentadas por esse povo. Trejo (2006, p.227) realiza uma profunda análise sobre as relações étnicas e os movimentos sociais, apontando também o campo concreto de estudo desta pesquisa: o Zapatismo, como fator crucial para a atenção que esse campo tem conquistado nas últimas décadas:

Na América Latina, o estudo étnico tornou-se paulatinamente uma área muito rica para a análise interdisciplinar. A proliferação de organizações maias na Guatemala, nos últimos anos, a sublevação indígena no Equador, em 1990, e o surgimento do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) no México, em 1994, despertaram um interesse pouco usual em relação à temática indígena. (TREJO, 2006, p.227).

O autor menciona que, na literatura dedicada ao assunto, duas possibilidades são apontadas para o ressurgimento da luta indígena no contexto latino-americano. O primeiro seria resultado indireto de uma crise de identidade sentida pela classe. Em segundo lugar, a invasão de elementos alheios à cultura indígena em seu universo. Para o autor, as duas razões estão relacionadas à chegada de políticas neoliberais ao Campo e o “colapso do comunismo em 1989, com a queda do Muro de Berlim”. (Trejo, 2006, p.240). Esse último destaque se realiza sob a percepção de que os sujeitos latino-americanos, vendo enfraquecida a perspectiva socialista universal proposta pelo socialismo real, reorganizam-se a

partir de novos determinantes. E a retomada das questões étnicas, um tanto quando periféricas nas doutrinas socialistas, ganham espaço.

Entre os elementos externos que invadem involuntariamente o universo indígena e o transformam estão apontados, pelo autor acima destacado, o Estado populista latino-americano, a Igreja Católica<sup>4</sup> e uma gama de Igrejas Protestantes. A Igreja Católica, segundo Trejo, em países como Guatemala, Bolívia, Equador, Colômbia e México, promoveu discursos ideológicos de valorização do universo indígena no que diz respeito à linguagem e cultura. No entanto, em sua prática social concreta, promoveu a aculturação dos povos indígenas, em referências históricas e, por vezes, colaborou ou se omitiu frente à dizimação dos povos indígenas. O Estado, por sua vez, também tem ações contraditórias para com esses povos. As demarcações e políticas de assistência visam à inclusão e promovem a segregação na mesma medida. O fato relevante, conforme já destacado por Trejo, é que são instituições sociais que agiram e modificaram a situação indígena na América Latina.

Gohn (2008, p.440) também menciona o reaparecimento dos movimentos sociais indígenas na América Latina no novo século. O termo reaparecimento é utilizado porque, segundo a autora, a resistência indígena é secular, datando dos primórdios da história latino-americana, na qual está saliente o conflito da colonização, frente à civilização europeia e branca. Entretanto o movimento atualmente assume uma posição de luta por direitos e não mais somente de resistência.

Sabe-se que a luta dos indígenas de resistência à colonização europeia/branca é secular. Na atualidade, o elemento novo é a forma e o caráter que estas lutas têm assumido – não apenas de resistência, mas também de luta por direitos: reconhecimento de culturas e da própria existência, redistribuição de terras em territórios de seus ancestrais, escolarização na própria língua etc. (GOHN, 2010, p.18).

Estas novas lutas e seu caráter aproximam a demanda étnica e indígena do campo do Estado e das políticas públicas, Estado esse já apontado como instituição componente do debate, uma esfera que também é recorrente no estudo dos movimentos sociais contemporâneos. Entretanto, esse debate não será

---

<sup>4</sup> É digno de mencionar, que parte da influência que a Igreja Católica promove junto aos movimentos sociais está baseada na Teologia da Libertação, fator também comum no espaço latino-americano.



aprofundado neste espaço, em virtude da manutenção do foco dos estudos propostos.

Falando especificamente sobre o conflito indígena Zapatista, pode-se perceber um misto de elementos que impulsionaram os camponeses indígenas a se organizar enquanto movimento social. A falta de recursos básicos, como terra, comida e trabalho deve ser elencada como fator primeiro, entretanto, outras condições também fazem parte desse histórico, como a falta de identificação, por parte do restante da população, dos indígenas enquanto cidadãos mexicanos, a exploração intensa dos recursos disponíveis nas montanhas de Chiapas, a falta de investimentos desses recursos na região e inúmeros outros fatores que ocorreram ano após ano.

Por essa razão, um dos elementos básicos da importância do Movimento Zapatista enquanto Movimento Indígena é a faceta apontada por Gadea e Scherer-Warren:

Trata-se daquele aspecto que se refere à defesa de uma identidade cultural lesionada historicamente: a identidade indígena. O caráter étnico do movimento é indubitável e, assim, um novo terreno inaugura-se nos conflitos e nas lutas estabelecidas. Esse terreno é o cultural, o simbólico, o que se estabelece como consequência de uma pluralidade cultural ocultada e negada. (GADEA; SCHERER-WARREN, 2005, p.41).

Além das características étnicas e do novo terreno apontado por Scherer-Warren, o cultural, outra transformação está vigente no que diz respeito aos movimentos étnicos. Devido à globalização, suas lutas têm sido expandidas e transformadas, se articulam em escala internacional e se fortalecem para além dos espaços locais, argumento apontado pelo próprio Subcomandante Marcos:

Lo que pasa es que en el marco de la mundialización, el movimiento indígena adquiere un carácter diferente. Ahora, las luchas locales son inevitablemente internacionales. Al menos su impacto es internacional. En otras circunstancias históricas, tanto el levantamiento zapatista del 1 de enero de 1994 o la actual insurrección indígena en Ecuador, o el movimiento de mapuches en Chile, o incluso las protestas de los indígenas o de los Sin Tierra en Brasil, habrían sido considerados puramente como movimientos locales, muy alejados de los centros mundiales de poder. Habrían pasado desapercibidos a escala internacional. Pero hoy no. (SUBCOMANDANTE MARCOS apud RAMONET, 2001, p.36).

As novas formas de ação dos movimentos indígenas, seja de firmar sua identidade e cultura ou de partir a questões macros, são lutas de sobrevivência dos grupos autóctones e em todos os países latino-americanos. Vale ressaltar que para os indígenas, seja do ponto de vista cultural e até mesmo místico, seja materialmente por questões de sobrevivência, a terra é um elemento central em suas lutas. E também a terra, ou melhor, a questão agrária, é um elemento chave para as questões latino-americanas, que, direta ou indiretamente, se vinculam aos debates acerca da colonização, movimentos étnicos, questão indígena e, de modo geral, à categoria macro América Latina e seus movimentos sociais.

E é esse um dos motivos da luta pela terra ser uma das principais bandeiras dos movimentos sociais na América Latina. Isso ocorre, por exemplo, no Brasil com o MST – Movimento Sem Terra<sup>5</sup>, no México com os Zapatistas<sup>6</sup>, na Argentina com o MOCASE<sup>7</sup> - Movimento Campesino de Santiago del Estero, na Colômbia com o Movimento dos Sem Terra netos de Manuel QuintínLame<sup>8</sup> e outros movimentos.

Retomando a articulação das questões étnicas e agrárias, é importante ressaltar que, para os camponeses indígenas, o direito por terra é reivindicado e abrange questões muito além da manutenção e sobrevivência, pois a terra, além de seu sustento, corresponde à parte de sua identidade: é na terra que o índio enraíza sua cultura:

Os indígenas camponeses são conscientes de que o seu trabalho na terra lhes dá sentido à vida e os conserva como grupo social e humano. Por isso defendem seu modo de vida diante das imposições do sistema econômico e político. Ao mesmo tempo, são conscientes do custo social da modernização ao participar em sistemas regionais ao redor de uma cidade-mercado, elo principal da relação da comunidade com a sociedade capitalista. (ARELLANO, 2002, p.26).

O excerto exposto acima articula a complexidade da categoria exposta até aqui, mas também contém elementos da articulação da mesma. Estão enredados, no pensamento acima, elementos étnicos, culturais, agrários, econômicos e, sobretudo, políticos. Elementos que foram apontados como integrantes da grande

<sup>5</sup> FERNANDES, Bernardo Mançano. **MST, formação e territorialização**. São Paulo: Hucitec, 1996.

<sup>6</sup> ARELLANO, **As raízes do fenômeno de Chiapas – O já basta da Resistência Zapatista**. São Paulo: Alfarrabio, 2002.

<sup>7</sup> Caderno Mocase Via Campesina. 2010.

<sup>8</sup> MORENO QUINTERO, Renata. **Las organizaciones indígenas y campesinas frente al conflicto armado en el norte del Cauca**. Colombia: Revista Sociedad y Economía, núm. 15, diciembre, 2008, pp. 145-167 Universidad del Valle Colombia

categoria América Latina e figuram também como subcategorias. Contudo, há que se articular ainda mais, tais elementos com a categoria movimentos sociais. Nesse sentido, não é gratuitamente, que Gohn (1997, p.227) lista essa questão entre os “principais pontos a ser considerados na formulação de um paradigma latino-americano” dos movimentos sociais:

A questão agrária na América Latina tem sido palco de violentos conflitos e permanece como um tabu para certas elites dominantes, que relutam em discutir qualquer reforma nessa área. Dadas as relações de desigualdades sociais existentes, os camponeses em geral têm tido um papel importante em vários conflitos sociais, contrariando as análises clássicas marxistas que atribuíam aos camponeses um papel mais conservador do que progressista. (GOHN, 1997, p.238).

Frente às desigualdades e as novas configurações sociais, na qual os espaços urbanos estão também inflados por sujeitos do campo, expulsos por elementos da questão agrária, mal equacionada em toda América Latina, surgem os movimentos de resistência, que assimilam elementos tanto dos movimentos étnicos, indígenas, como de questões relacionadas à terra e são essas características debatidas a seguir.

### 1.1.3 Movimentos Sociais de resistência

Conforme a conjuntura da América Latina foi se transformando, novos posicionamentos políticos foram surgindo a partir da década de 90. A maioria deles com a intenção de nos consolidar como um bloco econômico tão forte quanto a União Europeia. Diante desses esforços, mesmo os governos considerados de “esquerda”, de alguma forma, compactuavam com o modelo político neoliberal e investiam firmemente no processo de globalização.

Nesse sentido, em alguns países, a pobreza foi acentuada e a população mais pobre deixada de lado. No caso da população de Chiapas, os resultados foram ainda mais desastrosos – a população indígena que era quase invisível foi abandonada na tentativa de tomada de uma identidade primeiro-mundista<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Para o positivismo mexicano, o país deveria se assemelhar à Europa, quanto maior fosse a semelhança, mais desenvolvida seria a nação mexicana, diante dessa concepção os indígenas e a

A partir de la primera década del siglo XXI, el panorama social de las tensiones mencionadas se vio reconfigurado profundamente. Como consecuencia de las transformaciones provocadas por el proceso de globalización, mientras en los países centrales surgían nuevos y se radicalizaban colectivos sociales organizados que, integrados en su mayoría por jóvenes que confluirán en lo que se conoce genéricamente como “movimiento antiglobalización hegemónica”, en América Latina emergieron y comenzaron a organizarse movimientos, que integrados por nuevos actores, protagonizarían los procesos de lucha que conocemos hasta el día de hoy. (DARLING, 2008, p.39).

O movimento de resistência acontece de diversas formas e não se limita aos movimentos sociais, fóruns de discussão e redes de mobilizações sociais: também podem ter como objetivo a resistência. Eles podem ser mais bem agrupados em um grande bloco proposto por Gohn (2010, p. 13) como “(...) movimentos globais ou globalizantes como o Fórum Social Mundial. São lutas que atuam em redes sociopolíticas e culturais, via fóruns, plenárias, colegiados, conselhos etc.”.

Há movimentos específicos consolidados que podem ser vistos como movimentos de resistência, como é o caso do Zapatismo. Seu intuito de luta, além das condições elementares de sobrevivência, questões étnicas e pontuais, é também a resistência contra as classes hegemônicas e a própria globalização, que cada vez mais os engolia dentro da Selva Lacandona<sup>10</sup>, tornando a resistência um único caminho possível até mesmo para o próprio México:

Convertendo-se, assim, numa espécie de “polo de concentração” das simpatias de amplos setores que, no México, resistem ao neoliberalismo e ao capitalismo selvagem, ao mesmo tempo em que se tornam referência no debate sobre os possíveis destinos nacionais, os neo zapatistas se colocam, desejem ou não, na vanguarda dos movimentos sociais de resistência popular mexicana da última década. Isso atribui sentido à afirmação de que “todo México é Chiapas”, ou seja, independentemente da solução que venha a ter esse conflito chiapaneco a curto ou médio prazo, nele se joga também, e em grande medida o destino do próprio México. (ROJAS, 2010, p.109).

---

posse comunal de terras representariam um “resíduo do passado”, que deveria ser eliminado através de armas ou da incorporação daqueles a cultura ocidental. (Gomézjara apud in Arellano, 2002, p.49).

<sup>10</sup> A Selva Lacandona é um território situado no México, repleto de montanhas, áreas íngremes provido de uma beleza singular e recursos naturais abundantes. Esse território ficou mundialmente conhecido por ser considerado o berço de criação do Exército Zapatista de Libertação Nacional.

Para o Zapatismo, a resistência é um ato de sobrevivência e se dá de diversas formas – na tentativa de manutenção da cultura indígena que foi, secularmente, oprimida, pela divulgação dos comunicados e até no uso das armas. Também estão inseridos nessa dimensão outros movimentos sociais de expressão que, junto a sua ação, resistem ao sistema hegemônico de organização social, como é o caso do MST no Brasil, movimento oriundo da concentração e das relações desiguais.

Novamente, ao analisar elementos da América Latina, seja do ponto de vista de sua constituição geral, seja de um movimento em específico, vemos que a essa análise tem como raiz elementos da desigualdade social. Não é para menos, pois em todas as dimensões da categoria, pode ser inserido tal debate. Dessa forma, em vez de inserir a desigualdade social no quadro dos elementos fundantes da questão latino-americana, vamos tomá-la enquanto categoria de análise do presente trabalho, o que faremos especificamente a seguir.

## 1.2 DESIGUALDADES SOCIAIS

As desigualdades sociais estão presentes, em maior ou menor escala, em toda a América Latina. Nossas dificuldades estão relacionadas à terra, ao desemprego, ao déficit na educação, às injustiças, à falta de moradia, de alimentação, de saúde, etc. Fatores propulsores de movimentos sociais, elementos dos quais é privada a maioria da população latino-americana, devido à concentração de renda, de riqueza, de poder, e assim por diante. Isso leva Michael Mann a afirmar que “A América Latina, é a região mais desigual em todo mundo. Isso também significa que a pobreza está espalhada por todo o continente”. (Mann, 2006, p.174).

Para evidenciar tal desigualdade e pobreza do continente e também ilustrar diretamente o território do qual faz parte o movimento social utilizado prioritariamente no presente trabalho, ilustraremos a presente condição com um caso específico.

No México, mais precisamente no Estado de Chiapas, região geográfica alvo de nossa pesquisa, a população vive a contradição comum à maioria dos países latino-americanos: o Estado é rico em recursos naturais (que são extremamente

explorados) enquanto sua população vive em profunda miséria e ausência dos elementos mais básicos de sobrevivência.

Buscando demonstrar a realidade dessa região, apresentamos a tabela que difere sobre a pobreza em que a região se encontra, em 2010, à população do estado de Chiapas era de 4.796.580 habitantes; desses, 85,7% encontrava-se em estado de pobreza, 37,9% encontra-se em situação extrema de pobreza, 98% da população tinha ao menos uma carência social e 62%, ao menos três tipos de carências sociais:

Tabela 1 – Indicadores de Pobreza<sup>11</sup>

<b>Indicadores de Pobreza no Estado de Chiapas</b>	
População em situação de pobreza	85,7%
População em situação de pobreza moderada	47,9%
População em situação de pobreza extrema	37,9%
<b>Privação social</b>	
População com algum tipo de carência social	98%
População com no mínimo três tipos de carências sociais	62,3%
<b>Indicadores de carência social</b>	
Déficit de educação	36,7%
Acesso aos serviços de saúde	50,1%
Acesso à alimentação	27%

Quanto à escolaridade, os dados também são preocupantes: 17,80% da população, com 15 anos ou mais, ainda são analfabetas; 8,91% das crianças de Chiapas, com a idade de 6 a 14 anos, não frequenta a escola e quase 60% da população de 15 anos ou mais não possui a educação básica completa. (Tabela 2).

No quesito saúde pública, 41,73% não tem acesso a esse recurso, tornando possível que doenças comuns se tornem pragas capazes de elevarem também as taxas de mortalidade entre crianças e adultos.

Ao que se refere à moradia, 14,71% ainda vive em chão de “terra batida”; 6,23% das casas não possui sanitários; 26,04% não tem água encanada e 3,68% não possui nem energia elétrica, mesmo sendo um recurso abundante em Chiapas.

<sup>11</sup> CONEVAL – Consejo Nacional de Evaluación de la Política de Desarrollo Social. **Índice de Rezago Social 2010 a nivel municipal y por localidad**. México – DF, 2011. Disponível em: < <http://www.coneval.gob.mx/cmsconeval/rw/pages/medicion/index.es.do>>. Acesso em: 20 de dezembro de 2012.

Tabela 2 – Quanto à escolaridade e a saúde pública<sup>12</sup>

<b>Quanto à escolaridade dos moradores do Estado de Chiapas</b>	
População de 15 anos ou mais analfabeta	17,80%
População de 6 a 14 anos que não frequenta a escola	8,91%
População de 15 anos ou mais com educação básica incompleta	59,93%
<b>População com direito a saúde pública</b>	
População sem direito a serviços de saúde pública	41,73%
<b>Indicadores de moradia</b>	
Moradias com piso de terra	14,71%
Moradias que não possuem sanitários	6,23%
Moradias que não possuem água encanada	26,04%
Moradias que não possuem energia elétrica	3,68%

Através da utilização dessas tabelas pretendemos demonstrar que a região chiapaneca está permeada de pobreza, através dos números podemos perceber que mais da metade dos habitantes se encontra em estado de pobreza (Tabela 1) e sofre com o déficit de educação pública (Tabela 2).

Segundo Gennari (2002, p.15), o Estado de Chiapas é fértil em riquezas naturais que são exploradas. O autor aponta que 82% dos recursos petroquímicos mexicanos pertencem a esse território e 20% da energia elétrica explorada vem das usinas hidrelétricas de Chiapas. O Estado ainda é rico na produção e exportação de milho e café. A produção de café de Chiapas corresponde a 35% da produção total mexicana.

Nos diversos estados da República mexicana, encontramos uma manifestação dramática da implantação da modernização, todavia como um processo que não transforma as estruturas produtivas senão para promover uma à custa do abandono de outras. O resultado disso tem sido a desintegração do campo. Quando trabalhamos no Estado de Michoacán fomos testemunhas disso. Em um lugar cuja riqueza está muito presente nos bosques e na agricultura e pouquíssimo na indústria, a madeira encontrada nas terras indígenas e de camponeses era cruelmente explorada por concessionários e pela clandestinidade. (BUENROSTRO Y ARELLANO, 2002, p.21-22).

Essa realidade ainda é verdadeira, devido à situação política que o México enfrenta e demonstra a contradição vivida em uma região rica em recursos naturais que pouco oferece ao seu povo, o país está mergulhado em corrupção, injustiça,

<sup>12</sup> Id., Acesso em: 20 de dezembro de 2012.

caos urbano e indiferença por parte de seus dirigentes<sup>13</sup>. Em um comunicado realizado no dia 24 de abril de 2012, por uma Comissão denominada JBG – Juntas de um Buen Gobierno, é afirmado que terras já reconquistadas estão sendo retiradas pelo governo nacional. Nas palavras do declarante, é possível perceber o retrocesso que o governo de Felipe Calderón representou<sup>14</sup>.

EXIGIMOS AL GOBIERNO QUE RETIRE A SU GENTE QUE TIENEN ORGANIZADA EN ESOS LUGARES MENCIONADOS PORQUE ESTAN HACIENDO MUCHO DAÑO, YA BASTA EL SEÑOR CAPATAS CALDERON MAYORDOMO SABINES CAPORAL ARTURO SUÑIGA.

QUE SON ESTOS LOS CARGOS QUE LES HAN DADO SUS AMOS PARA HACERNOS MAL ELLOS SON LOS RESPONSABLES DE LO QUE SUCEDE EN NUESTRO TERRITORIO. ZAPATISTAS ¿ QUE ? NO LES BASTA VER LA SANGRE CORRIDA DE LOS MAS DE 50,000 MUERTOS QUE HAN ASESINADO CON SUS FUERZAS POLICIACAS Y MILITARES EN TODO MEXICO.

ESTAS PERSONAS ESTAN ORGANIZADO EN LOS 3 NIVELES DEL MAL GOBIERNO, FEDERAL ESTATAL Y MUNICIPAL. Y AHORA DONDE ESTA ESA PAZ QUE TANTO DICEN. LA PAZ QUE ELLOS DICEN ES CUANDO ORGANIZAN GENTES ARMADOS PARA PROVOCAR A NUESTROS BASES DE APOYO ¿DONDE ESTA? LA JUSTICIA QUE TANTO DICE EL PELON DE CALDERON Y JUAN SABINES GUERRERO Y ARTURO SUÑIGA. (SUBCOMANDANTE MARCOS, 2012, s.p.).<sup>15</sup>

Essas ações e outras similares praticadas pelo governo acabam desestimulando os pequenos produtores a permanecerem em suas terras. Assim, partindo para áreas urbanas as desigualdades se acentuam. Sem emprego e sem estudo, o acesso a recursos básicos se torna difícil e os centros urbanos se inflam de forma desorganizada.

A respeito disso, Carrillo (2002, p.156) afirma que esse processo de crescimento demográfico na América Latina não foi só causado pelo crescimento da

<sup>13</sup> GRANT, Will. Corrupção, economia e narcotráfico: veja os desafios do novo presidente do México. **BBC – Brasil**, 01 de dezembro de 2012. Disponível em: <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/12/121201mexico\\_desafios\\_dg.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/12/121201mexico_desafios_dg.shtml)>.

<sup>14</sup> Em 1 de julho de 2012 ocorreu uma nova eleição presidencial no México e o eleito foi Enrique Peña Neto do partido PRI, cabe mencionar que o tempo de mandato presidencial no México é de seis anos.

<sup>15</sup> Na Internet, as frases ou textos, publicados em letras maiúsculas, correspondem a gritos ou a uma entonação grave, por essa razão, optamos por manter esse discurso na forma que foi publicado pelo EZLN, ou seja, em letras maiúsculas. O comunicado foi emitido em 24 de abril de 2012. (Disponível em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2012/04/24/la-jbg-el-camino-del-futuro-de-la-garrucha-denuncia-agresiones-despojo-de-tierras-y-robo-de-los-tres-niveles-del-mal-gobierno/>>). Acesso em 20 de novembro de 2012.



população, mas, principalmente pelos efeitos que a modernização capitalista ocasiona, expulsando os camponeses das zonas rurais, alguns até mesmo através de ações violentas, assim:

Este acelerado incremento de población en el contexto de una industrialización incapaz de incorporarla como mano de obra y de una estructura urbana insuficiente, dio lugar al surgimiento de la llamada "problemática urbana", expresada en fenómenos como la hiper urbanización, la macrocefalia urbana, "los cinturones de miseria" y las invasiones de predios urbanos. (CARRILLO, 2002, p.156).

Os efeitos sociais das desigualdades são os primeiros a serem quantificados pelos estudiosos e visivelmente identificados quando se trata de fazer uma abordagem progressista da organização social capitalista. Ocorre que os eventos da desigualdade nos dias de hoje são ampliados para além dos bolsões de pobreza. “Nos últimos tempos, as desigualdades latino-americanas mudaram um pouco e passaram a representar um perigo maior para a estrutura social”. (Mann, 2006, p.180). Esse perigo, ronda também as classes abastadas, cidades desenvolvidas, centros comerciais. Assim, os mecanismos e instituições estatais que, em última instância, operacionaliza as necessidades dos poderosos, são acionados. Essa ação pode ser visualizada nas políticas compensatórias para a contenção das desigualdades. O rol das políticas públicas dessa característica não age no combate a desigualdade em si, mas sim em suas consequências.

É importante destacar que esse fenômeno, embora esteja sendo tratado numa escala localizada no presente estudo, no âmbito da América Latina, toma abrangência global, principalmente devido à estratégia da mundialização do capital. A desigualdade não é mais um “privilégio” de alguns continentes ou algumas regiões.

No atual cenário global, caracterizado pela integração econômica, o desenvolvimento tecnológico e os avanços científicos, a desigualdade continua sendo um fenômeno cruel que afeta milhões de habitantes em todo o mundo, mas particularmente na América Latina e Caribe, região considerada atualmente como a mais desigual do planeta. O modelo global, implementado na América Latina há quase três décadas, demonstrou sua ineficácia, no transcurso de sua evolução, para gerar condições de desenvolvimento equitativo e inclusivo, contribuindo, sob todos os aspectos, para o aumento da brecha entre ricos e pobres. Com

importantes custos sociais, mantêm-se a concentração da renda e as desigualdades entre os países e no interior deles. (DÍAZ, 2007, p. 125)

A análise da autora acima evidencia a permanência da desigualdade no cenário global, mesmo com avanços significativos da ciência, tecnologia e, porque não dizer, riquezas. A autora indica um fenômeno interessante: o de que a desigualdade, mesmo no cenário global, insiste em se manifestar, tanto entre os países, como no interior deles, o que abrange inclusive territórios imperialistas, como os Estados Unidos da América. Contudo, o apontamento de maior relevo é o da escala planetária, que culmina no poder dos grandes exploradores mundiais e seus representantes. Na mesma obra, mais adiante, a autora é mais enfática nessa questão ao afirmar que “O Estado e suas instituições ficam em mãos das elites econômicas globais e dos organismos internacionais, cujo domínio transcende as fronteiras dos países até chegar a questionar sua soberania”. (DÍAZ, 2007, p. 144). No contexto de sua obra, a autora se remete a América Latina, mas esse apontamento cabe em escalas mundiais.

Em síntese, a questão da desigualdade é latente, não somente na experiência cotidiana dos sujeitos que são retratados nesta dissertação, mas também em outros contextos e no interior de um sistema social que necessita dessa categoria para sua reprodução: o capitalismo. Ocorre também que a desigualdade é histórica e alcança outras dimensões da vida, como indicam sinteticamente os autores de uma coletânea sobre desigualdade:

A pobreza e a desigualdade são construções sociais que se desenvolvem e consolidam a partir de estruturas, agentes e processos que lhes dão forma histórica concreta. Os países e regiões da América Latina moldaram, desde os tempos coloniais até nossos dias, expressões desses fenômenos sociais que, embora apresentem as peculiaridades próprias de cada contexto histórico e geográfico, compartilham um traço em comum: altíssimos níveis de pobreza e desigualdade que condicionam a vida política, econômica, social e cultural. (CIMADAMORE; CATANNI, 2007, p. 7)

A desigualdade enquanto condicionante de outros aspectos da vida, amplamente, como fora acima exposto, também é a perspectiva de categoria aqui adotada para este estudo. Porém, embora os autores acima destaquem a relação entre desigualdade e pobreza, há outra relação que para nós é crucial para a

compreensão dos movimentos sociais: a relação entre desigualdades e classes sociais. Essa última, também tomada enquanto categoria, completa a concepção já anunciada de movimentos sociais, e será pormenorizada a seguir.

### 1.3 DIVISÃO E LUTA DE CLASSES

No íntimo dos movimentos sociais, está a luta de classes, mesmo que para os novos movimentos sociais essa questão seja discutível<sup>16</sup>, acreditamos que a luta de classes está presente, seja na luta contra a exploração e apropriação de terra por parte de grandes grupos nacionais ou internacionais, seja na luta contra a exploração ambiental e a extração de recursos naturais, seja a luta contra o consumo ou a luta contra a tentativa de homogeneização das identidades. Ou seja, mesmo que os sujeitos dos movimentos sociais não assumam a luta de classes, ou ainda a neguem, para nós a luta de classes é inerente à constituição dos movimentos sociais e se coloca como mais uma categoria essencial para o estudo dos mesmos.

De modo bastante abrangente, Theotonio dos Santos, em uma obra voltada ao conceito de Classes Sociais, assim define:

Por classes sociais se entenderão os agregados básicos de indivíduos numa sociedade, os quais se opõem entre si pelo papel que desempenham no processo produtivo, do ponto de vista das relações que estabelecem entre si na organização do trabalho e quanto à propriedade. (SANTOS, 1983, p.41)

Cabe dizer que o conceito de classe no modo de produção capitalista tem relação com a divisão social exercida por ela. Montaño e Duriguetto (2006, 82) exemplificam: “classes rica e pobre, classes alta, média e baixa, classe dominante e subalterna, e até classe política etc.”.

É dentro dessas divisões que ocorre uma transformação pela qual os indivíduos podem tomar consciência de sua classe. Essa consciência é tomada pela

---

<sup>16</sup> Eder afirma que os estudos dos novos movimentos sociais tentam uma nova possibilidade, encontrar nesses movimentos novas divisões possíveis, substitutas as questões de classe. No entanto, o autor defende o argumento da importância do estudo das classes para compreensão dos movimentos sociais e sustenta essa posição devido o modo que a nossa sociedade está organizada. (EDER, 2001, p.6).

forma com o indivíduo lida com sua realidade, sendo a tomada da consciência condição essencial para sua transformação (Montaño e Duriguetto, 2006, p.98).

A partir dessa tomada de consciência de classe o indivíduo pode tomar rédeas de sua realidade, possibilitando ao mesmo, propriedade na criação de um movimento de resistência. Nesse sentido, outras esferas de participação seriam consideradas, como a participação do intelectual orgânico e do partido político.

Tal é assim que, para Lênin, partido e intelectual são, em essência, a mesma coisa: o partido é o instrumento organizacional do proletariado para a transmissão de classe, a definição das metas e as lutas de classe. (MONTAÑO; DURIGUETTO, 2006, p.111)

Vale ressaltar que para outros pensadores marxistas clássicos, como Gramsci, a função do partido assume a mesma função acima. Contudo, mesmo que a ação da consciência de classe e da luta de classes tenha sido reduzida e/ou discutida na forma como os movimentos sociais ou os novos movimentos sociais atuam, sua participação ainda é considerável, pois remete o movimento social ao seu sujeito militante. Afinal, as lutas sociais não podem somente estarem voltadas a fenômenos mundiais e, passados a segundo plano, os conflitos de classe dos militantes locais:

Assumimos que, como o velho movimento, os novos movimentos sociais contêm ambos os elementos. Eles são movimentos que lutam por mais justiça, por mais direitos e liberdade, e são simultaneamente movimentos que opõem categorias de pessoas a outras categorias, criando assim uma arena de conflito sobre questões nas quais os ganhos de alguns são necessariamente casados com as perdas de outros. Portanto, a fundamentação para a persistência no conceito de classe tem a ver, primeiro, com a suposição de que os novos movimentos sociais não podem ser reduzidos a movimentos que demandam inclusão universal. (Eder, 2001, p.6).

Nossa insistência na tomada de classe enquanto categoria teórica dos estudos sobre movimentos sociais, sobretudo na presente dissertação, reside na necessidade da compreensão de que as questões que demandam a ação dos movimentos são estruturais e estão imbricadas na constituição da sociedade capitalista, na qual, sem a divisão da sociedade em classes, sua reprodução se encontraria comprometida. Mas, há ainda outra face para a utilização dessa categoria, a chamada “consciência de classe, isto é, uma unidade de concepção do

mundo e da sociedade segundo seus interesses gerais de classe, o que dá origem a uma ideologia” (Santos, 1983, p.42). Em nosso entendimento, sem essa unidade na concepção de mundo e sem a compreensão estrutural da sociedade capitalista, a ação de movimentos sociais tende a isolar-se; os movimentos podem se confrontar, fortalecendo assim o próprio sistema.

Pretendemos dizer com isso, que no caso do Zapatismo a experiência na questão da luta de classes é transformada adquirindo novos aspectos, porém ela não é abandonada, pelo contrário, está presente nos discursos e nas práticas de militância, com a adesão de outras categorias, como as que vamos analisar a seguir.

#### 1.4 A SOLIDARIEDADE

As categorias arroladas até aqui estão envolvidas no método do materialismo histórico e dialético. Já a solidariedade é questionada por esse método enquanto categoria, porém, é crucial para o presente estudo. Alguns movimentos sociais despertam na população uma simpatia, as razões para que isso aconteça são tão complexas quanto à própria razão da insurgência de um movimento social. Segundo Gohn (2010, p.28):

A solidariedade existe nas duas (movimentos sociais e organizações cívicas), de forma diferente: nos movimentos é orgânica – criada por meio da experiência compartilhada de pertencer e vivenciar alguma situação de exclusão. Nas organizações cívicas ela é estratégia/instrumental, criada para atingir metas que resolvam problemas sociais de grupos excluídos economicamente ou culturalmente, a partir dos interesses destes grupos, mas que foram desenhados por projeto/programa de agentes externos. (Gohn, 2010, p.28).

A solidariedade enquanto categoria se torna mal vista no marxismo, justamente por essa apropriação utilizada nas organizações cívicas e, vista como uma estratégia do capital para o fortalecimento de sua reprodução. Isso não quer dizer que o marxista não se solidarize aos movimentos sociais.

No caso do movimento Zapatista, a solidariedade da sociedade civil foi muito intensa e merece grande atenção, afinal de contas, de forma geral, a população não costuma reconhecer um movimento armado. Além disso, desperta um fenômeno

que ainda não havia sido explorado, a solidariedade das pessoas distantes, através de redes sociais online.

Os Zapatistas mantêm círculos concêntricos de “zapatistas”, mantendo-os à distância e preservando a autenticidade do movimento, de maneira a que não possa ser absorvido ou abafado por eles. Até agora, este objectivo foi conseguido. Se o núcleo se desfizesse, alguns dos seus elementos e muitos dos membros das redes de solidariedade seriam sem dúvida recuperados pelas organizações políticas clássicas. O Zapatismo existe na medida em que anula as velhas categorias e os velhos esquemas, em que é capaz de transformar aqueles que se aproximam dele tanto ou mais do que é transformado por eles. (Le Bot, 1997, p.70).

Esse fenómeno, que envolve os “zapatistas”, despertou uma nova forma de solidariedade: pessoas foram comovidas pela simbologia do movimento, pela atuação, e responderam de alguma forma. Costumeiramente aqueles que se solidarizam com algum movimento vão as ruas em coro, ou demonstram seu posicionamento. A solidariedade na Internet através das redes sociais é mais simples, no que tange à tomada de consciência necessária para a apropriação dos princípios dos movimentos e talvez menos comprometida.

Independente da forma de solidariedade com o movimento, em todos os casos, existe um reconhecimento da sociedade com o Zapatismo, reconhecimento que ocorre algumas vezes de maneiras distintas, mas que de forma geral obedecem a fortes razões. Tarrow (1994, p.23), a respeito disto, afirma:

La gente no arriesga el pellejo ni sacrifica el tiempo en las actividades de los movimientos sociales a menos que crea tener una buena razón para hacerlo. Un objetivo común es a buena razón. (TARROW, 1994, p.23).

É importante concluir, então, que a solidariedade não parte somente do meio externo (sociedade civil) ao movimento social. A solidariedade costumeiramente parte também de um movimento a outro, de um indivíduo que compartilha dos mesmos problemas sociais ou econômicos, desde que exista uma tomada de consciência, seja ela de classe ou de exploração que os indivíduos são submetidos. Outra forma importante de solidariedade dentro dos movimentos sociais é aquela praticada pelos próprios participantes do movimento; sem ela as conquistas dos

movimentos seriam mais dificultosas especialmente no que diz respeito à luta dos movimentos por terra:

Em primeiro lugar, observa-se o fortalecimento das relações comunitárias e a desapropriação política do sentido destas relações. Em outras palavras, e a politização da própria sociabilidade. Por exemplo, nos acampamentos coletivos, tanto do Movimento dos Sem Terra como do Movimento das Barragens (inicialmente em Itaipu), as relações comunitárias, com ênfase na solidariedade e na cooperação, desenvolvem-se enquanto um novo modo de vida enquanto forma de luta. (SCHERER-WARREN, 1996, p.73).

Esse aspecto de fortalecimento das relações torna a luta mais forte e aumenta sua longevidade. Isso ocorre, por exemplo, nos assentamentos dos Sem Terra. Nessas comunidades, a luta é visível e organizada e só se mantém graças à solidariedade com a coletividade que é ali cultivada. Enquanto categoria, tal princípio poderia ser substituído por coletividade, cooperação; contudo é mesmo a solidariedade que se aplica como categoria de análise, pois toma para a ação entre os sujeitos que compõe os movimentos sociais, entre os movimentos e, principalmente, abrange os sujeitos sociais que não se vinculam formalmente ao movimento, mas com esses estabelecem vínculos graças aos recursos tecnológicos de comunicação.

## 1.5 MOVIMENTOS SOCIAIS EM REDE E REDES DE MOBILIZAÇÃO

Sabemos que a América Latina tem se transformado politicamente, socialmente e economicamente nas últimas décadas. Somos reconhecidos, de forma geral, como um território promissor, repleto de recursos naturais cobiçados por grandes potências mundiais.

Atrelada a essa transformação, está o desenvolvimento tecnológico que transformou nosso modo de vida, tornando algumas atividades mais simples e tornando outras possíveis. No caso dos movimentos na atualidade, também houve transformações, que vão desde a sua luta (como no caso dos indígenas que deixam a resistência de lado e partem em busca de uma consolidação de identidade), até sua forma de mobilização e manifestação.

Pode-se afirmar que há evidências empíricas de que na última década os movimentos populares e seus mediadores passaram por transformações que vão da valorização das organizações de base (*grassroots organizations*), para mais recentemente o reconhecimento crescente da importância das articulações, intercâmbios e formação de redes, temáticas e organizacionais (*network organizations*). (SCHERER-WARREN, 1996, p.9).

Iremos explorar o conceito de rede no segundo capítulo. Podemos adiantar que esse conceito vai permear toda a pesquisa e está firmemente relacionado à organização adotada pelo Movimento Zapatista a partir de sua insurgência. Por ora, pretendemos explorar a importância da *rede social* enquanto categoria fundamental na análise das relações constituídas na atual sociedade, sua importância para os movimentos sociais contemporâneos e, sobretudo, para a presente dissertação.

Rede social passa a ter, na atualidade, para vários pesquisadores, um papel até mais importante do que o movimento social. Sabemos que rede é uma categoria muito utilizada, com diferentes sentidos, constituindo-se até certo modismo. Ela é importante na análise das relações sociais de um dado território ou comunidade de significados porque permite a leitura e a tradução da diversidade sociocultural e política existentes nessas relações. (GOHN, 2010, p.32).

Acreditamos nas redes sociais como ferramentas possíveis aos próprios movimentos. Não as percebemos como substitutas dos movimentos, mas sim, facetas que podem ser assumidas por determinados movimentos, tornando possível uma articulação mais ágil e eficiente entre os participantes dos movimentos.

É isso que buscamos encontrar na análise das redes sociais: uma categoria que trabalhe em favor dos movimentos sociais, seja como ferramenta de análise sociológica para o entendimento das estruturas sociais ou como meio de aproximação entre os sujeitos sociais pertencentes aos movimentos.

Entendemos também que as redes sociais (complexas) são próximas das mobilizações sociais, mas que essas não podem substituir a complexidade dos movimentos sociais e que determinar a diferença das mobilizações aos movimentos sociais nas redes sociais é uma difícil tarefa. Pormenores e diferenças das subcategorias geradas por esses fenômenos serão discutidas a seguir.

Ao longo dessa pesquisa podemos entender o movimento Zapatista como um movimento social contraditório, afinal aparece como um movimento guerrilheiro e opta pelo diálogo, é indígena e mestiço, propõe a solução de problemas locais e



apresenta problemas transnacionais, defende uma identidade e muitas, compartilha de contradições capazes de demonstrar o que é um movimento em si, uma construção constante de saberes através de suas próprias ações.

Nesse sentido, o da importância da luta por terra, pela defesa do território e pelos valores enraizados ali, é que fundamentamos nossa pesquisa, utilizando como campo de pesquisa o Movimento Zapatista, o qual apresenta uma luta histórica pela autonomia dentro das comunidades indígenas Zapatistas.

Em síntese, o presente capítulo pretendeu expor as categorias de análise da presente dissertação e ainda a compreensão que adotamos de cada categoria, pois estamos cientes de que tanto as categorias, como também a interpretação que se tem delas oscila de acordo com o pesquisador, a pesquisa, o método, etc. A última categoria abordada que, grosso modo, podemos chamar “redes” é crucial para o desenvolvimento das questões abordadas. É justamente a relação dos movimentos sociais e o uso da tecnologia a premissa básica dessa pesquisa. Contudo, há um foco empírico bem definido: o movimento zapatista, no qual observaremos a premissa básica, para isso. É necessário compreender esse movimento e é o que será exposto no capítulo seguinte.

## **CAPÍTULO II**

### **O ZAPATISMO**

Da insurgência até aos dias atuais.

*“Um belo dia decidimos virar soldados para que noutra dia os soldados não sejam  
mais necessários”.*

**Subcomandante Marcos (Gennari, 2002, p.59).**

## 2 O PRIMEIRO DIA DE 1994, O AMANHECER EM CHIAPAS

Dedicamos o presente capítulo a um maior entendimento do universo Zapatista. Consideramos o Zapatismo como um movimento de resistência, que utiliza a Internet e outros meios midiáticos a esse fim, no entanto essas escolhas acarretam outras, que transformam a perspectivas da luta indígena na América Latina.

Em um primeiro momento, antes de um aprofundamento sobre as questões que culminaram na formação e insurgência do Zapatismo, cabe explicarmos o contexto geográfico dessa região, como podemos observar no mapa, o estado de Chiapas está situado no Sudeste mexicano e faz fronteira com a Guatemala, os estados mexicanos de Campeche, Tabasco, Veracruz e Oaxaca e o Oceano Pacífico.



Figura 1 – Mapa de Chiapas<sup>17</sup>

Dito isso, podemos nos apegar a história temporal, a história da insurgência do Zapatismo em Chiapas, que ao contrário do que muitos pensam, tem seu início anos antes, no final da década de 60, depois do massacre da Praça de Três Culturas, na cidade de Tlatelolco, com a derrota sofrida nessa ocasião, e o saldo de mortes geradas pelo conflito, uma parte da liderança do movimento estudantil se

<sup>17</sup> Geoatlas. Mapa de Chiapas. Disponível em: < [http://www.geoatlas.com/medias/maps/countries/mexico/me92o/mexico\\_phy.pdf](http://www.geoatlas.com/medias/maps/countries/mexico/me92o/mexico_phy.pdf)>. Acesso em: 20 de dezembro de 2012.

engaja em movimentos sociais, movimentos guerrilheiros, movimentos de campesinatos e alguns alçam outros voos, fundando partidos políticos. (Gennari, 2002, p.21).

Por volta da década de 70, algumas dessas lideranças chegam ao estado de Chiapas. Ao longo dos anos, essas pessoas passam a se organizar, não com o intuito de proclamar uma guerra, mas sim, de elaborar um esquema para uma possível defesa. Segundo Marcos, “a ideia era que quando chegasse a hora, o povo iria precisar de um grupo armado para defender-se, para combater, para resistir a ação do exército”. (Le Bot *apud* Gennari, 2002, p.23).

Na década de 80, o movimento segue em ritmo de organização e transformação; no ano de 1984, o Subcomandante Marcos chega à Selva Lacandona, segundo ele, o movimento nessa época era formado por dois componentes: de um lado, os indígenas da selva, que viviam isolados; e, de outro, indígenas politizados (*intelectuais orgânicos*), com grande poder organizacional e conhecimento de luta política. Quando esses dois grupos se encontram com o grupo militar, formado pelas lideranças já descritas, acordam a necessidade pela luta armada.

Com a intenção de organização de estratégias de luta e atuação, o movimento define por um local onde conseguiriam estruturar seu exército em silêncio: a Selva Lacandona, a Selva escolhida foi capaz de preparar os Zapatistas para os caminhos tortuosos que viriam pela frente:

Instalámo-nos pois na floresta, em La Pesadilla, que era realmente um pesadelo, sem qualquer apoio de aldeias, só com este pequeno grupo de índios politizados, apenas dez, e sem qualquer possibilidade de apoio das comunidades. A nossa logística alargava-se. Proveniente da cidade, tornava-se clandestina até chegar aos acampamentos, e também, nessa altura nas comunidades. Passávamos perto das aldeias a noite, escondidos, e as pessoas julgavam que éramos ladrões de gado, bandidos ou feiticeiros. Muitos dos que agora são nossos companheiros, incluindo comandantes de Comité, perseguiam-nos nessa altura como malfeitores. (LE BOT, 1997, p.88).

Percebemos, por meio dos relatos dos Zapatistas e de alguns autores, que a sobrevivência nas montanhas de Chiapas era tortuosa, no entanto, também é perceptível que a maior dificuldade não era as intempéries climáticas e geográficas

daquela região, mas sim, o esquecimento político e social, uma vez que Chiapas é o estado mais pobre e contraditório do México:

Cuanto más resalta la gran riqueza natural de Chiapas más agrade la miseria de su población, que es la otra cara de sus aportaciones a la reproducción mundial del capital. Esta miseria es creada a través del mismo proceso que ha desarrollado el conocimiento de la naturaleza y las capacidades de producción que propician la valoración de los recursos bióticos de la región. La reestructuración capitalista que ha permitido la expansión de estos capitales tecnológicamente tan adelantados es la que produce exceso de población en el mundo, la que exige menores costos de fuerza de trabajo y una disponibilidad más elástica de la misma. Contradictoriamente, este territorio tan rico es también el más pobre, seguramente de los más pobres del mundo, y su miseria contribuye a fijar los nuevos límites, cuantitativos y cualitativos del ejército proletario mundial, en activo y de reserva, a determinar los bajos niveles salariales, a presionar hacia una movilidad creciente de los migrantes internacionales, fundamentalmente de los ilegales y a absorber a la población supuestamente sobrante. (CECENÁ; BARREDA, 1995, s.p.)

As dificuldades encontradas e superadas na Selva Lacandona permitiram que esse grupo fosse respeitado pelos indígenas conhecedores dessa região. No momento que o respeito dos indígenas foi conquistado, houve, também, uma aproximação desse grupo com eles, para Marcos, além disso, a convivência com a Selva lhes ensinou a cultivar a esperança e a confiar em dias melhores.

[...] E a montanha te faz uma promessa, te diz “Bom, estas dificuldades que estamos tendo, ou que vocês têm, um dia serão recompensadas; um dia você vai usar isso que você está aprendendo e vai te servir para alguma coisa, não pessoalmente para você, e sim para este país no qual te coube viver para o bem ou para o mal, no qual você nasceu”. (LE BOT *apud* GENNARI, 2002, p.33).

Ao mesmo tempo em que as divergências foram encontradas e superadas, a aproximação do movimento com os indígenas era cada vez maior. Contribuindo para o crescimento do movimento, nos anos seguintes, os indígenas vão tomando o Movimento Zapatista até o momento em que não havia quase ladinos<sup>18</sup> (Le Bot, 1997, p. 93).

---

<sup>18</sup> “Ladino: mestiço do Estado de Chiapas. Pode ser filho de pai espanhol e mãe índia ou filho de pai índio e mãe espanhola”. (Arellano, 2002, p.27).

Já na metade da década de 80, havia assimilação, por parte dos indígenas, “da bagagem política e cultural acumulada pela organização político-militar”, esse contato se transformou em algo novo, essas transformações foram ocorrendo sem serem previstas. (Le Bot *apud* Gennari, 2002, p.36).

Alguns autores e o próprio Subcomandante Marcos, apontam que o sucesso para essa aproximação fecunda, foi a participação do Velho Antônio<sup>19</sup>, que promove um laço de contiguidade entre o indígenas e o movimento:

A figura do velho Antonio, introduzida por Marcos, representa a memória histórica dos povos maias e também autocrítica de seus próprios deuses e de um passado que não se toma como único e admirável. Trata-se de um “antes” para poder ir mais longe depois. (ARELLANO, 2002, p.79)

Essa aproximação associada a um conjunto de dificuldades<sup>20</sup>, culminadas principalmente pela reforma do artigo 27<sup>21</sup> da Constituição mexicana, fizeram com que o movimento aumentasse ainda mais e que a luta armada se tornasse cada vez mais eminente. Nos anos posteriores, as lideranças passaram a realizar consultas com a comunidade para decidir sobre a deflagração da luta armada.

A intenção desse relato histórico é também esclarecer a participação indígena no movimento, segundo essas informações, ela não foi ingênua, nem manipulada pelas lideranças Zapatistas, mas sim, um grupo de pessoas movimentadas pelas dificuldades enfrentadas, geradas, principalmente, pelo descaso do governo com a população indígena mexicana, sobre isso Le Bot afirma:

É errado considerar os indígenas como marionetas manipuladas por uma organização político-militar exterior às comunidades, pela Igreja

---

<sup>19</sup> Existe uma discordância de informações entre a entrevista realizada pelo Le Bot ao Subcomandante Marcos, em que Marcos afirma que o Velho Antônio não é um personagem literário, ou seja, que de fato houve a convivência do Subcomandante Marcos com o Velho Antônio, já Arellano (2002, p.79) afirma que, o Velho Antônio foi um personagem literário introduzido pelo Subcomandante Marcos.

<sup>20</sup> O Subcomandante Marcos define que o crescimento do EZLN pode ser explicado por diversos fatores, como, a fraude eleitoral de 1988, a queda do preço do café, as graves epidemias que atingem os moradores da Selva na mesma época, a incursão do exército federal na Selva para a fiscalização de possíveis plantações de maconha, uma onda de assassinatos que ocorreram no Norte de Chiapas atribuídos aos *Guardias Blancas* e definitivamente a reforma promovida por Salinas, do artigo 27 (Gennari *apud* Le Bot, 2002, p.41).

<sup>21</sup> “Com a reforma do artigo 27 da Constituição, o governo não apenas anulou juridicamente a possibilidade de fortalecer a produção camponesa, tornando ilegal a luta pela terra, como acentuou a repressão seletiva e a exclusão dos grupos camponeses pobres ou indígenas dos espaços de negociação”. (Arellano, 2002, p.31).

ou por um sector da Igreja, por forças políticas ocultas interessadas em refrear a modernização do México e a sua inserção no grande mercado, ou seja, por um Marcos que esconderia o seu jogo atrás de um discurso poético-militar e de um manejo hábil de símbolos e que não passara de uma metamorfose pós-moderna do caudillo latino-americano instigado por ambição e poder. (LE BOT, 1997, p. 17).

Portanto, o que dá vida ao movimento social não são outras forças além das dificuldades vividas, no caso do Zapatismo, são essas dificuldades que fazem com que os indígenas não pensem em desistir ou resigna-se diante do governo.

Na noite de 01 de janeiro de 1994, com grande surpresa, o mundo assiste o aparecimento do EZLN – Exército Zapatista de Libertação Nacional. Sem compreender exatamente as pretensões do movimento muitos teóricos dos movimentos sociais e jornalistas partem imediatamente para a região dos conflitos, buscando maiores informações sobre a insurgência, que ocorre em um momento peculiar:

Con su *ya basta* del 1º de enero de 1994 los zapatistas nos lanzaron un desafío terrible, tanto teórico como práctico. Todavía estamos tratando de asimilar ese desafío. El *ya basta* de los zapatistas fue obviamente una locura, porque se levantaron cuando todos los revolucionarios estaban en la cama o ya muertos. Se levantaron cuando ya no tenía sentido levantarse. (MATAMOROS; HOLLOWAY; TISCHLER, 2008, p. 15).

No mesmo sentido, Brige; Ortiz; Ferrari (2006, p.26) afirmam que o EZLN surgiu contrariando as análises dos teóricos, direitistas e esquerdistas, despontando como um novo grito vindo de um lugar remoto e não esperado mostrando que a resistência “continuava e se refazia”.

Muito provavelmente não havia sentido no levante, mas com certeza havia razões: o exército zapatista insurge simultaneamente ao Acordo Norte Americano de Livre Comércio – NAFTA – entrar em vigência, composto por mais de mil itens, esse acordo buscava aproximar comercialmente três países: Canadá, Estados Unidos e México, sendo que a participação mexicana ocorreu intencionalmente voltada ao grande número de consumidores dos produtos americanos que esse país concentra e da mão de obra barata que disponibiliza.

A criação do NAFTA é um aspecto fundamental do levante Zapatista, no entanto, outros fatores contribuem para a insurgência, os povos chiapanecos

descendentes de Tzotzil, Tojolobal, Chol, Mame, Zoque, Tzetal<sup>22</sup>, exigiam: “terra, pão, trabalho, saúde, educação, moradia, governar e governar-se, democracia, justiça, liberdade”. (Brige; Ortiz; Ferrari, 2006, p.22).

Na primeira Declaração da Selva Lacandona, os Zapatistas afirmam que a luta do povo mexicano é por *trabalho, teto, alimentação, saúde, educação, independência, liberdade, democracia, justiça e paz*. (Comandancia General del EZLN, 1993). Com essas reivindicações, milhares de mestiços e indígenas armados<sup>23</sup> desceram das grandes montanhas da selva Lacandona e ocuparam cidades e localidades do Estado de Chiapas<sup>24</sup>, por essa ocupação houve diversos confrontos que causaram surpresa e curiosidade no México e no mundo todo.

Nos dias seguintes ao levante indígena, os principais jornais do mundo estampavam em suas páginas fotos dos guerrilheiros zapatistas (ou neo-zapatistas), com seus rostos cobertos por passamontañas<sup>25</sup> e paliacates, mesmo com os rostos cobertos, essa era primeira vez que os zapatistas se sentiam visíveis, a passamontañas se tornou um símbolo muito forte do Zapatismo, sua inserção no movimento não foi planejada, a intenção do uso era que os participantes do movimento não fossem perseguidos após a insurgência, pois muitos deles, depois da revolta, voltariam aos seus locais de moradia e trabalho.

Nos dias seguintes ao dia 01 de janeiro, os embates continuavam e os indígenas sofriam com represarias pelo levante. Segundo Gennari (2002, p.55), nesses dias, houve uma militarização dessa região com invasões as comunidades indígenas e prisões arbitrárias. A comunidade civil reage, exigindo do governo uma tentativa de diálogo com o Zapatismo para que as mortes cessassem, da mesma forma, exigem da liderança do próprio movimento a mesma postura, ou seja, que o

---

<sup>22</sup> Tzotzil, Tojolobal, Chol, Mame, Zoque, Tzetal são etnias descendentes dos povos Maias que habitam a região dos confrontos.

<sup>23</sup> O Subcomandante Marcos, em uma de suas entrevistas, explica a origem dos armamentos pertencentes ao movimento, segundo o Subcomandante, oriundas basicamente da compra ilegal, principalmente, da própria polícia mexicana, que no combate ao narcotráfico apreende e revende ao mercado negro, dos *guardias blancas* dos próprios camponeses que possuíam armas de caça e outras armas rudimentares. (Le Bot *apud* Gennari, 2002, p.25).

<sup>24</sup> Chiapas é estado de muitas contradições, 82% da planta petroquímica e 20% das Usinas Hidrelétricas pertencem a Chiapas e, mesmo assim, somente 1/3 da população possui energia elétrica. De suas florestas são exploradas madeiras nobres e sua produção agrícola e pecuária também alcança índices altos, principalmente, na produção de café, no entanto, 54 em cada 100 moradores de Chiapas estão desnutridos. (Gennari, 2002, p.16).

<sup>25</sup> As passamontañas são máscaras de lã preta, semelhante às utilizadas por esquiadores, e as paliacates são lenços vermelhos que ocultam a identidade (Ortiz, 2007, p.26), ambas são comumente utilizadas pelos militantes do movimento zapatista.



movimento opte pelo diálogo com o governo, essa reação faz com que o movimento tenha que reorganizar seu planejamento.

Talvez, seja nesse momento que a história do movimento começa a se transformar, os Zapatistas optam pela promoção do diálogo com a sociedade civil:

Tanto para o EZLN como para o governo Salinas tratava-se de disputar o apoio popular numa situação política complexa. A opção dos indígenas zapatistas é de abrir espaços de participação e de diálogo com a sociedade civil que possibilitem ouvir suas demandas, apoiar suas lutas e fazer-se ouvir. (GENNARI, 2002, p.57).

Essa opção, pelo diálogo com a sociedade, faz com que os comunicados mudem, para que os “receptores” do mundo todo reconheçam os apelos do EZLN. Além disso, o fato da sociedade civil desejar um diálogo com um movimento guerrilheiro é um momento único na história que talvez tenha garantido a sobrevivência do Zapatismo, conforme o aponte de Ortiz, Brige e Ferrari (p.33, 2007):

Talvez, sem essa combinação de resistência das comunidades e das bases indígenas do EZLN com a articulação de uma ampla rede de relações políticas e de solidariedade nacional e internacional, o movimento zapatista já teria sido mortalmente golpeado pelo governo e o exército mexicano. Sua força nunca esteve nem estará nas armas ou na guerra de guerrilhas, e provavelmente por isso a lógica militar que o governo mexicano adotou para tentar vencer o EZLN tem se mostrado incapaz de derrotá-lo. (BRIGE; ORTIZ; FERRARI, p.33, 2007).

Essa reorganização do movimento, ou como alguns autores intitulam, a criação do neozapatismo tem uma grande influência na construção da história do Zapatismo como conhecemos, foi essa escolha que determinou o formato relacional do movimento, sociedade civil e meios de comunicação:

Otra forma de entender el neo zapatismo es como un proceso dinámico constituido por una pluralidad de intereses, voluntades e identidades, que lo inscriben dentro de un campo de contradicciones y de tensiones no resueltas. Como primera premisa podemos apuntar que el neo zapatismo no es ni homogéneo ni mucho menos monolítico [...] (LEVYA SOLANO; SONNLEITNER, 2000, p.164).

Os caminhos que os Zapatistas tomam em função dessa relação serão percorridos adiante, em uma breve análise das declarações, comunicados e o caminho midiático que os Zapatistas acabam adotando.

## 2.1 O CAMINHO MIDIÁTICO PERCORRIDO

Em toda a bibliografia consultada sobre o movimento Zapatista, a relação mídia – Zapatismo é sempre muito explorada, muitos são os autores que tem se dedicado a essa temática, para a nossa pesquisa esclarecer essa relação é fundamental por algumas razões: procuramos demonstrar a importância das mídias na história Zapatista e o quanto essa participação transforma o movimento guerrilheiro, que segundo Castells (1999, p.103), é tido como o primeiro movimento guerrilheiro informacional, Schulz também ressalta a atenção que os Zapatistas receberam da mídia mundialmente:

El levantamiento de indígenas campesinos en el Estado mexicano de Chiapas recibió una atención mediática mundial inusitada inspirando un movimiento transnacional a favor de los insurgentes y en protesta contra el Tratado de Libre Comercio del Atlántico Norte (TLCAN) y en general, contra el modo de globalización neoliberal (SCHULZ, 2011, p.2).

O movimento Zapatista no início era semelhante a muitos movimentos guerrilheiros, tinha na sua apresentação a revolta pela forma que a população se encontrava, portava armas e declarava sua luta, no entanto, bastaram-se poucos dias para todos perceberem as diferenças. O movimento foi amplamente divulgado e angariava solidariedade em todo o mundo, no momento que o movimento passa a reconhecer essa transformação suas demandas também são transformadas, conforme a afirmação do Subcomandante Marcos:

Existe portanto o EZLN propriamente dito, as comunidades índias, é o zapatismo original. Depois o zapatismo civil, que aparece durante o diálogo de San Cristóbal seguido da Convenção Nacional Democrática, e que procura organizar-se. Quer dizer, começa como uma espécie de comitê de solidariedade difuso, virado para o que se passa aqui, e isso evolui para uma organização política. (SUB. MARCOS apud LE BOT, p.149, 1997).

Esse fenômeno, capaz de possibilitar uma frente Zapatista civil, também é alimentando pela divulgação das grandes mídias. Essa participação na mídia, principalmente, nos grandes conglomerados midiáticos não é gratuita, tampouco um caminho de uma única via e, no caso dos Zapatistas, causou grandes transformações dentro do movimento, principalmente, no que diz respeito à participação da própria sociedade no momento que toma conhecimento da história do movimento por meio da mídia.

Por questão de delimitação metodológica, não abordaremos nesta pesquisa a participação do movimento no que diz respeito às grandes mídias, como, a televisão, as revistas e as rádios. Deter-nos-emos, unicamente, na participação desse movimento na Internet, que no ano da insurgência, ainda engatinhava especialmente nos países latino-americanos.

Podemos adiantar que a participação desse movimento na Internet foi explorada de forma exagerada e serviu perfeitamente a muitos propósitos, os assumidos pelo movimento com o percorrer dos dias e, principalmente, aos objetivos propostos pela mídia e pelo próprio governo mexicano e esses, diferentemente dos propósitos zapatistas, são correlativos com a tomada de poder, considerando que “a hegemonia não existe passivamente como forma de dominação. Renova-se continuamente, recria-se, defende-se e modifica-se” (Willians, 1999 *apud* Góes, 1999, p.3), dessa forma, muitos mecanismos foram criados para a classe hegemônica obtivesse benefícios com a revolta, como é observado:

Nos primeiros anos do conflito parecia que a causa dos zapatistas estava muito melhor representada que aquelas do governo mexicano, graças ao apoio voluntário na Internet. Ultimamente, porém, o governo se recuperou nessa área e oferece diversos e coloridos sítios na Internet em espanhol e em inglês, que contêm arquivos de declarações à imprensa, projetos de lei, discursos do presidente, fotos e vídeos (<http://www.presidencia.gob.mx>). Na página inicial se faz referência especial a acontecimentos atuais. Colocam à disposição páginas especiais para crianças. Sobre o tema Chiapas há uma extensa seção especial. À pedido, são encaminhados regularmente por e-mail notas de imprensa aos assinantes. Também o governo estadual de Chiapas possui nesse interim sua própria página na Internet (<http://www.chiapas.gob.mx>), que de acordo com os dados do contador de visitas, instalado há um ano, recebeu 37.000 visitas. (SCHULZ, 2007, p.120).

Podemos perceber, então, que a classe hegemônica cria formas de se adaptar em prol da manutenção do seu estado de poder, a Internet com sua

dinamicidade fortalece essa capacidade, além disso, outro benefício, que a classe hegemônica conquista com a participação do Zapatismo nas mídias, tem relação com comércio eletrônico que se fortalece cada vez mais na Internet. Schulz (2011) apresenta um exemplo da utilização da atenção que o EZLN despertava:

La identificación de los Zapatistas como maestros en el uso de la computadora se ha vuelto tan fuerte que fue incluso utilizada por la industria de los avisos comerciales. Un aviso de página completa para computadoras personales en un periódico alemán de gran tirada retrataba a un rebelde sonriente en un passamontañas acechando la pantalla. Los anunciantes debían estar convencidos que su capacidad imaginativa era fácilmente comprendida por sus potenciales clientes y que esto dispararía sus ventas (SCHULZ, 2011, p.3).

Além da faceta comercial, que o uso da Internet pelos Zapatistas promovia como no exemplo apresentado, dizer que o Zapatismo era um movimento da Internet, também fazia parte de outro discurso – o discurso do próprio governo, esse discurso permitia que o Estado “acalmasse” os investidores do exterior sobre a força Zapatista, sobre a guerrilha e conseqüentemente a estabilidade política mexicana. De acordo com Schulz (2011):

Su caracterización del conflicto de Chiapas como una guerra de “tinta, palabras escritas e Internet” tenía el objetivo de desestimar la dimensión militar de la lucha armada. El gobierno mexicano mantuvo la posición que aseguraba que la insurrección se limitaba a sólo unos pocos municipios de un Estado periférico, que ni una bala había sido disparada después del breve combate inicial, y que todo el asunto fue esencialmente inflado fuera de toda proporción por el discurso mediático. (SCHULZ, 2011, p.3).

Para resistir ao poder de domínio desenvolvido pela classe hegemônica, Gramsci afirma “a necessidade de desafiar e destronar o domínio cultural e a liderança (=hegemonia) de suas classes dominantes com uma visão alternativa coerente e convincente a respeito de como a sociedade poderia organizar-se”. (Downing, 2002, p.47).

Portanto, a classe hegemônica transforma ao seu favor as representações sociais que lhe são interessantes, tornando os espaços midiáticos restritos aos seus interesses, por essa razão, os avanços conquistados pelos zapatistas, são maiores

no que diz respeito à Internet e aos Comitês organizados em rede e, mesmo esses, apresentam interesses próprios:

Mira, tú no te das cuenta porque estás del otro lado de la grabadora. Pero la atención de los medios marea. Si no estás vacunado o eres irónico, te los crees. La atención de los medios produce un efecto de “venado lampareado”<sup>26</sup>. De tal manera que grupos de solidaridad, sobre todo europeos que se acercaran a nosotros recibieron mucha atención de los medios. Imagínate ¿quiénes sabían cómo estaba la jugada de los territorios zapatistas en Europa? pues estos grupos de solidaridad. (SUBCOMANDANTE MARCOS in: CASTELLANOS, 2008, p.61).

Atualmente, o Zapatismo não pode mais ser definido como um fenômeno midiático, a grande mídia perdeu o interesse nos comunicados zapatistas, o movimento passa por um momento de introspecção, um momento de um olhar íntimo sobre sua história, um momento que possivelmente não desperta qualquer interesse por parte das mídias, que buscam para seus noticiários curiosidades e notícias apelativas, sobre isso Marcos afirma:

En el momento en que preguntaban a sus pares de México por qué dejamos de ser un fenómeno mediático les respondían: “porque criticó a López Obrador”, “es que debieron de haberse quedado callados”. Y eso provoca el distanciamiento y la crítica. No se atreven a decirlo abiertamente, pero expresaban: “no pues es que el zapatismo ya pasó de moda, ya no es como antes, sí ya no tiene atención de los medios para qué los apoyamos, mejor apoyamos la lucha de Oaxaca o de Atenco, que sí jalan la atención de medios”. (SUBCOMANDANTE MARCOS in: CASTELLANOS, 2008, p.62).

De fato, as informações na mídia, seja ela televisão, internet, rádio, revistas, etc. são selecionadas conforme seu apelo midiático, quando o EZLN opta por divulgar as misérias que aquela região apresenta, abrindo mão de falar sobre as passamontañas, a figura mítica do indígena zapatista e a identidade do Subcomandante Marcos, esse apelo é diminuído a ponto de não despertar mais o interesse da mídia. Nesse momento, se o movimento fosse construído somente nessas bases, as suas lutas seriam extintas.

Outra razão que provoca esse afastamento, possivelmente seja o distanciamiento que o EZLN tem adotado no que diz respeito ao seu posicionamento

---

<sup>26</sup> O termo utilizado pelo Subcomandante se refere a um cervo, que a noite, ao ter contato com a luz de um carro ou de uma lanterna com luz intensa, fica sem qualquer reação.

partidário, principalmente nas últimas eleições (ano de 2012), o México esperava um posicionamento da Comandância do Zapatismo que não ocorreu.

É possível observar, que a mídia esteve presente na história Zapatista enquanto o movimento gerava audiência a esses meios e, cabe dizer, que quando o movimento se deflagra midiaticamente, o Subcomandante Marcos tem total ciência das ações que os tornaram visíveis, portanto, a presença dos Zapatistas nas mídias não foi mal vista pelo movimento, no início.

Hoje o silêncio Zapatista é confundido com o afastamento midiático, de forma que muitos acreditam que se o Zapatismo não está na mídia, ele não existe mais. Investigando mais profundamente, percebemos que o Zapatismo não está adormecido e tem buscado um olhar e um movimento interno.

Uma das razões que nos permitem essa afirmação ocorreu no dia 21 de dezembro de 2012. Nesse dia, muitas pessoas no mundo inteiro se preocupavam com o fim do mundo previsto por alguns videntes “fundamentados” na (má) interpretação do calendário Maia, no estado de Chiapas 40 mil verdadeiros descendentes Maias marchavam silenciosamente pelas ruas de San Cristóbal de Las Casas, Palenque, Las Margaritas, Ocosingo e Altamirano.



Figura 02 – Manifestação do dia 21 de dezembro de 2012

Como sempre, enfrentando grandes intempéries, homens, mulheres e crianças marcharam sob uma chuva forte em um silêncio ensurdecedor, estabelecendo mais uma vez uma lógica adotada pelos Zapatistas durante toda a sua história, que para serem vistos tiveram que se esconder atrás de passamontañas e que para serem ouvidos tiveram que silenciar.

# ¿ESCUCHARON?

**Es el sonido de su mundo derrumbándose.**

**Es el del nuestro resurgiendo.**

**El día que fue el día, era noche.**

**Y noche será el día que será el día.**

¡DEMOCRACIA!

¡LIBERTAD!

¡JUSTICIA!

Desde las montañas del Sureste Mexicano.  
Por el Comité Clandestino Revolucionario Indígena-Comandancia General del

EZLN.  
*Subcomandante Insurgente Marcos*  
Subcomandante Insurgente Marcos.  
México, Diciembre del 2012.

Figura 03 – Comunicado do Comitê clandestino revolucionário indígena – Comandância General del Ejército Zapatista de Liberación Nacional – México

O dia escolhido para o ressurgimento tem relação com o fim do calendário Maia de fato, o que não foi dito nas interpretações apocalípticas e os Zapatistas, tão brilhantemente, demonstraram em suas manifestações é que os Maias acreditam em um calendário separado por ciclos, nesse calendário, o dia 21 representa um recomeço:

El 21 de diciembre marca el comienzo de un nuevo “baktun”, el ciclo temporal más largo del calendario maya. Cada uno de estos ciclos representa unos 394 años según la cuenta occidental. Ni fin del mundo, ni tampoco “nueva era”: los zapatistas, más terrenales, decidieron bajar de la selva Lacandona en este súper año nuevo maya para decirle a México que todavía existen, que son muchos, que mantienen su organización y que las deudas del sistema político con ellos aún están pendientes de pago. (VÁZQUEZ, 2012, s.p.)<sup>27</sup>.

A magnitude dessa manifestação demonstra que o Movimento não deixou de se organizar, pelo contrário, pela grande concentração de pessoas e pelo modelo de manifestação (articulada e organizada), podemos perceber que movimento respira e com grande fôlego.

<sup>27</sup> VÁSQUEZ, Federico. **La (re)vuelta del zapatismo**. Buenos Aires, dez. 2012. Sección Opinión. Disponível em: <<http://www.telam.com.ar/notas/201212/2731-la-re-vuelta-del-zapatismo.html>>. Acesso em 31 de dezembro de 2012.

Essas manifestações foram acompanhadas por diversos Internautas e Blogueiros da Internet no Brasil e no mundo todo, em redes sociais, como, o Facebook, a divulgação sobre a manifestação gerou discussões e compartilhamentos, de pessoas que simpatizam e acompanham o movimento e daquelas que pouco sabem, independente das visões adotadas, essas informações são disponibilizadas e discutidas na rede, para o entendimento desse fenômeno, precisamos compreender como a Internet se organiza e a sociedade em rede na qual estamos inseridos.

## 2.2 A INTERNET E A SOCIEDADE EM REDE

### 2.2.1 A Internet

De acordo com uma concepção histórico materialista, o trabalho é o ponto que difere o homem dos outros animais, o homem é capaz de transformar a natureza da qual faz parte em busca de sua subsistência, essa capacidade humana, a de transformar a natureza, provoca outro fenômeno: a necessidade de deter conhecimentos e armazená-los, algo relacionado a capacidade constitutiva e organizacional do homem.

Na objetividade histórica o trabalho, como atividade vital do homem, é o princípio do conhecimento. O processo ativo da gênese e da diversificação do conhecimento situa-se historicamente, sendo determinado pelas formas de organizações produtivas e sociais. Este processo revela o esforço do homem em compreender a realidade e, a partir daí, interferir em nível do real historicamente em produção. (CATAPAN et al., 1992, p.4)

Para o homem, a escrita correspondeu a esse anseio, dominar o conhecimento de sua história e descrevê-la:

O ímpeto de acumular as palavras em textos “coerentes” e de acumular, por sua vez, esses textos em espaços acessíveis, com o intuito de recuperar informações anteriormente registradas, dependeu diretamente do desenvolvimento de uma forma de escrever que se prestasse a essa acumulação. Por volta de 3000 a.C., foi desenvolvida pelos sumérios a primeira forma daquilo que viria a ser conhecido como um alfabeto. O surgimento de depósitos específicos para textos que deveriam ser consultados posteriormente



já pode certamente ser identificado por volta de 2700 a.C. (STEINBERG, 2004, p.64).

Entretanto, logo o homem percebeu que além de “espaços acessíveis”, seria impossível armazenar todas as informações e que mesmo as impressões necessitariam, além de uma metodologia de arquivo específica, um espaço amplo para que pudessem ser arquivadas.

Nesse intento, nenhum método foi tão eficaz quanto os computadores e, posteriormente, a Internet. Não pretendemos com essa pesquisa um estudo aprofundado sobre a Internet e seu surgimento, porém, é importante trazer a tona alguns fatos, uma vez que a sua criação está intimamente ligada com os caminhos assumidos e as possibilidades proporcionadas por esta ferramenta tão utilizada pelos simpatizantes do Movimento Zapatista.

Segundo Castells (2003, p.13) a Internet tem a origem relacionada com a ARPANET, uma rede de computadores montada em 1969, formada pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos e com o intuito exclusivamente para fins militares. Em 1990, a tecnologia disponibilizada pela ARPANET se torna obsoleta e em um afastamento da Força Militar a Internet é libertada do restrito círculo. Desse momento em diante, a Internet se popularizou em velocidade exponencial e essa informação é corroborada por Castells (2003, p.15) que afirma que até o final do ano de 1990, nos EUA, a maioria dos computadores tinha a capacidade de se conectar à rede.

A partir desse momento, houve uma corrida de jovens superdotados pela conquista desse novo território, esse foi o caso de Linus Torvalds, pioneiro na fundação de um sistema operacional livre; Marc Andreessen e Eric Bina, que criaram o primeiro navegador possível; e tantos outros que fizeram do Vale do Silício nos EUA, uma região de intensa produção de inovações tecnológicas.

A internet ainda guarda a marca do espírito de seus fundadores: a especulação intelectual dos universitários e o espírito rebelde do submundo da contracultura. Com relação a isso, certas lutas mais interessantes travadas em escala planetária pelos movimentos sociais só são eficazes graças à Internet. (RAMONET *apud* STEINBERG, 2004, P.51).

De lá para cá, o alcance da Internet só tem aumentado, principalmente o acesso às redes sociais disponíveis, esse contato dos indivíduos com a informação

veiculada nesses espaços online gera inúmeras curiosidades, que são interessantes para a nossa pesquisa.

O primeiro fator tem origem nas pesquisas de Cole (2005, p.319), realizada ao longo de cinco anos, o estudo visava estabelecer as características dos indivíduos conectados e a incidência dessas conexões sobre os outros meios de comunicação, segundo essas pesquisas os indivíduos que se conectam à rede assistem menos televisão e utilizam esse meio como importante fonte de informação.

A atenção a esse fenômeno é importante por que pessoas conectadas à Internet costumam ter perfil, opiniões e interesses totalmente diferentes dos telespectadores da televisão, uma vez que, se consideradas como fonte de informação, tem suas informações transmitidas de forma totalmente opostas no que diz respeito à interação com as informações e a seleção das mesmas.

Nos Estados Unidos, a Internet assume um papel preponderante na busca de informação, tendo até suplantado a importância da televisão para o mesmo fim. Este índice de uso na procura de informação, registra-se na maioria dos países membros do projeto. Apenas na Suécia, a maioria dos utilizadores não considera a Internet como fonte de informação importante ou muito importante [...] A região que apresenta índices mais elevados de utilização da Web, para fins informativos, é o centro urbano do Chile, onde 81,8% afirmam que a Internet é importante na procura e obtenção de informação [...] (COLE, 2005, p.328).

O conhecimento disponibilizado na Internet é gigantesco e se amplia a cada segundo, no entanto, existem muitos problemas ainda não superados, que tornam alguns dos conhecimentos disponibilizados na rede duvidosos. Quando observamos a *Internet*, temos o pré-conceito que este espaço virtual é um campo sem leis e sem regras, principalmente pela quantidade de informações disponíveis e essa ideia não é totalmente errônea.

E é para isso que Cole (Id.), chama-nos a atenção, o autor afirma que no momento que a Internet se torna uma ferramenta importante como fonte de informações, é essencial avaliar a credibilidade desses conteúdos, é essa credibilidade de informações que fará com que os indivíduos considerem a Internet como uma importante ferramenta de informação.

É essa atenção que pretendemos ter na análise da utilização dessa ferramenta pelos Zapatistas. A Internet foi amplamente utilizada pelo movimento,

principalmente, pelos simpatizantes do Zapatismo, para informar sobre os acontecimentos ocorridos em 1994. É importante dizer, que em 1994 poucas pessoas se conectavam à Internet, tornando essa ferramenta restrita, além disso, sua qualidade ainda era muito reduzida inclusive no México, o primeiro país a se conectar à rede:

México fue el primer país latinoamericano que entró en la red. En 1994, de acuerdo a información publicada por la Comisión Federal de Telecomunicaciones mexicana (CFT, 2000) había un estimado de 39 mil usuarios de Internet en México, esto considerando sólo una pequeña fracción de la población, la cual incluía importantes multiplicadores. (SCHULZ, 2011, p.5)

A forma com que os Zapatistas acessaram a esse meio é interessante e muito diferente da que imaginamos quando afirmam que o movimento é informacional ou cibernético. Quando os conflitos iniciaram, correspondentes de diversos lugares do mundo foram ao México para obter mais informações sobre o que ocorria, alguns desses correspondentes e simpatizantes do Movimento, quando obtinham acesso aos comunicados disponibilizados pela cúpula Zapatista ou, até mesmo, comunicados escritos pelo próprio Subcomandante Marcos, disponibilizavam os textos na Internet.

Jornais como *La Jornada* – o primeiro a reproduzir a Declaração da Selva Lacandona – e simpatizantes mexicanos do movimento Zapatista se encarregavam de colocar os textos do EZLN nos endereços eletrônicos que foram surgindo e se proliferando com informações sobre Chiapas (BRIGE; ORTIZ; FERRARI, 2007, p.41).

Naquele momento, a rede utilizada era denominada *LaNeta*<sup>28</sup>, uma rede mexicana de conexão alternativa. Nela, estavam conectados *movimentos de direitos humanos, ONGs e ativistas em vários países* (Brige; Ortiz; Ferrari, 2007, p.41), partindo dessa rede as informações foram sendo disponibilizadas<sup>29</sup> e compartilhadas, logo pessoas do mundo inteiro puderam, perceber os atos de

<sup>28</sup> O Programa LaNeta S.C. é uma organização civil criada em 1991, servindo de comunicação para instituições não governamentais e sem fins lucrativos. (Disponível em <http://www.laneta.apc.or> no dia 07 de julho de 2012).

<sup>29</sup> Quando afirmamos que as informações foram disponibilizadas e compartilhadas, o compartilhamento é uma ação diante do que foi disponibilizado, muito do que é disponibilizado nunca chega a ser compartilhado.

violência que ocorriam no México e de alguma forma as reações foram sendo sentidas:

Em fevereiro de 1995, quando o governo mexicano ordenou a captura da comandância Zapatista e as tropas do exército federal invadiram as comunidades indígenas, novamente essa rede informacional de solidariedade foi ativada com força total. Mensagens de repúdio à ofensiva militar do governo eram enviadas todos os dias à presidência do México, congestionando as linhas de fax e abarrotando o correio eletrônico. (BRIGE; ORTIZ; FERRARI, 2007, p.43).

De várias formas a Internet transformou a história dos Zapatistas. A zona onde os confrontos ocorriam eram isoladas e se não houvesse uma ferramenta assim, talvez o mundo nunca soubesse sobre as mortes violentas geradas pelos conflitos e a violência que o governo cometia negando condições básicas de sobrevivência àqueles que viviam nas montanhas de Chiapas.

Combinando formas tradicionais de comunicação das comunidades indígenas com a tecnologia de telecomunicações do final do século, os Zapatistas souberam furar o bloqueio informativo e sua voz foi ouvida em todo o planeta. (BRIGE; ORTIZ; FERRARI, 2007, p.43).

O problema da Internet é que, por meio dela, não podemos sentir a fome que as crianças passam em Chiapas, nem perceber a invisibilidade de ser um indígena em um país que tenciona ser primeiro-mundista. Por meio da rede de computadores, do quarto, sala ou do escritório mediado pelas fibras óticas, não se pode pisar em uma terra rica e sentir a dor de tê-la tirada dos seus pés em razão da exploração e do capital. Por meio da rede de computadores, não se pode olhar os olhos dos chiapanecos que lutaram no dia 01 de janeiro de 1994, por essa razão, quando se desliga a Internet alguns se esquecem da fome, da invisibilidade, da dor e do abandono e continuam suas vidas, e os zapatistas sua luta, dessa mesma forma ocorre com diversos movimentos sociais, alguns, como os zapatistas, continuam, e outros morrem engolidos pela efemeridade da Internet.

A volubilidade da Internet e da própria sociedade atual é definida por Bauman (2010) como consequência da modernidade líquida que vivemos:

No atual estágio “líquido” da modernidade, os líquidos são deliberadamente impedidos de se solidificarem. A temperatura elevada — ou seja, o impulso de transgredir, de substituir, de acelerar a circulação de mercadorias rentáveis — não dá ao fluxo uma oportunidade de abrandar, nem o tempo necessário para condensar e solidificar-se em formas estáveis, com uma maior expectativa de vida. (BAUMAN, 2010, s.p.).

Para entender mais sobre a efemeridade da Internet, o uso dessa tecnologia tanto por nós, quanto pelo movimento Zapatista, que se deu por uma rede de contatos organizada, é necessário um entendimento sobre essa constituição e sobre o posicionamento desse novo ator social.

### 2.2.2 A organização da Sociedade em Rede

Uma rede é um conjunto de nós interconectados (Castells, 2001, p.7), sua forma de representar a sociedade ou uma parte dela é antiga, porém tem sido muito utilizada nas pesquisas nas áreas sociais, através de uma amostra de grafos<sup>30</sup>, é possível demonstrar a organização de um determinado sistema.

Nas ciências sociais, o uso das redes sociais também é antigo, mas foi revigorado nos últimos tempos como instrumento de análise e articulação de políticas sociais a exemplo dos estudos de Marques (2003, 2007), Lavalle et. Al. (2006), Bringel e Falero (2008), ou redes de mobilizações e movimentos sociais na sociologia, tais como Villasante (2002), Cohen (2003), Fontes (2006); Laniado e Baiardi (2006) e Scherer-Warren (1993, 1999, 2007, 2009). (GOHN, 2010, p.33).

Essa possibilidade, de estar a um nó de algo ou alguém, possibilitou uma mudança no mundo que não pode ser mensurada virtualmente, podemos estar a um clique de uma pessoa no Japão ou a um passo de um movimento social em Cuba. Fazemos parte de teias relacionais conjuntas e dinâmicas e a Internet é a ferramenta que nos possibilita essa proximidade.

Essa teia, por exemplo, foi a que nos possibilitou enxergar e nos solidarizar com um movimento social mexicano, com reivindicações justas e dificuldades semelhantes às encontradas por outros movimentos sociais conhecidos.

---

<sup>30</sup> Segundo Recuero (2010, p.21), “um grafo é a representação de uma rede, constituído de nós e arestas que conectam esses nós. A teoria dos grafos é uma parte da matemática aplicada que se dedica a estudar as propriedades dos diferentes tipos de grafos”.

A ampliação da inclusão digital possibilitou, em alguns lugares, a democratização ao acesso virtual a meios culturais, políticos, tecnológicos e comunicacionais no mundo, esse acesso, conseqüentemente, transformou a Internet e culminou em uma organização social complexa e singular – uma rede de “teias” organizadas ponto a ponto. Esse modo de ver a sociedade fez com que pessoas imensamente diferentes (no que tange a cultura, sociedade e economia) sejam dispostas a poucos nós de distância ou, como demonstra os estudos de dois matemáticos Watts & Strogatz *apud* Steinberg (2004, p.75), através de *padrões altamente conectados*, onde qualquer indivíduo pode ser conectado a outro, desde que pertencentes a mesma rede, essa rede foi denominada *small world* e nos permite uma ideia da estrutura das conexões:

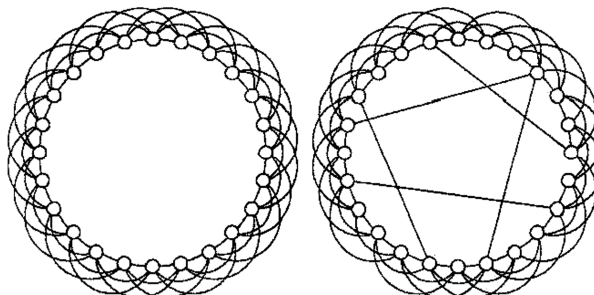


Figura 04: Small World – a partir de curtas ligações podemos ligar os atores sociais de uma mesma rede<sup>31</sup>

Esse exemplo pode ser observado através do *Twitter*, onde estamos ligados a contatos que seguem outros contatos, que talvez se sigam entre si: @meu perfil segue o @MST\_Oficial<sup>32</sup> que segue o @vozdacomunidade<sup>33</sup> que me segue e a outras 982 pessoas.

Essa organização em rede, demonstrada através do *twitter*, mas observada de diversas formas na Internet, deve ser contemplada dentro do estudo que pretendemos realizar – a temática, quase que naturalmente, é interdisciplinar, pois, visualizar essa realidade em sua totalidade depende de fatores intrínsecos, necessários para entender uma sociedade em um movimento tão frenético quanto a nossa.

<sup>31</sup> C.F.< [http://www.emeraldinsight.com/content\\_images/fig/2780630501012.png](http://www.emeraldinsight.com/content_images/fig/2780630501012.png) >;

<sup>32</sup> Perfil do Movimento Sem Terra no twitter oficial: [www.twitter.com/mst\\_oficial](http://www.twitter.com/mst_oficial);

<sup>33</sup> Perfil que ficou famoso em 2011, durante a invasão ao morro do Alemão, devido à ação da polícia nenhuma rede de televisão pode acompanhar o que acontecia no morro, o perfil @voz da comunidade era atualizado constantemente com informações sobre a operação policial.

Respeitando a perspectiva interdisciplinar e a definição de Recuero (2010, p.17), na qual afirma que para entender um fenômeno não basta observar suas partes, mas suas partes em interação, entendemos que para compreender a organização de alguns movimentos sociais através das redes sociais online, faz-se necessário além de compreender os movimentos sociais na contemporaneidade, compreender também a sociedade em rede.

Já em 1969 McLuhan (1996) afirmava, talvez com uma visão romantizada, que estava vivendo em um mundo do agora, onde fatores como tempo e espaço desapareceram, definindo nossa sociedade como uma aldeia global que caminha para uma homogeneização política, cultural, econômica e social, interligando todas as regiões do mundo, possibilitando uma teia de informações diversas.

Essa informação é ainda mais verdadeira nos nossos dias e é promovida principalmente pela *Internet*, onde através de uma realidade virtual são publicadas informações quase simultaneamente as suas ocorrências, permitindo um mundo em que a acessibilidade a esse fluxo de informações é ininterrupta e dinamizada no sentido da interação do ator social com as informações.

Castells (p.40, 1999) nos possibilita compreender a relação das mídias e a sociedade atual, definida por ele “sociedade em rede”, que estabelece novas formas de relações sociais:

[...] um novo sistema de comunicação que fala cada vez mais uma língua universal digital tanto está promovendo a integração global da produção e distribuição das palavras, sons e imagens da nossa cultura como os personalizando ao gosto das identidades e humores dos indivíduos. As redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela. (CASTELLS, 1999, p.40).

Esses novos agrupamentos sociais, apontados por Castells (1999) e Recuero (2010, p.21), fornecem ferramentas ímpares sobre organicidade e dinamicidade para o estudo dos aspectos sociais do ciberespaço<sup>34</sup>.

---

<sup>34</sup> O termo ciberespaço está presente na obra de Willian Gibson de 1984, intitulada *Neuromancer*, essa obra de ficção científica diz muito sobre a sociedade que conhecemos, uma sociedade formada e transformada por recursos tecnológicos, o ciberespaço nada mais é que um espaço online aberto onde os indivíduos (re)constroem mundialmente suas histórias e de outros atores sociais.

As especificidades da Internet, segundo Recuero (p. 33, 2009), promovem uma interação mútua “construída, negociada e criativa” entre os espaços online, cabe ressaltar, porém, que a Internet só se constitui assim, devido aos seus adeptos e sua arquitetura específica, permitindo a conexão entre os atores sociais, Castells (2001, p. 8) afirma que a Internet é uma alavanca na transição para uma nova forma de sociedade, a sociedade em rede.

A representação das estruturas em rede nos permite visualizar ligações simples ou complexas de forma linear e completa, a sociedade em rede pode ser apresentada através de uma amostra com poucos nós e arestas ou em uma apresentação mais complexa através de rede de nós.

No que diz respeito aos movimentos sociais, cabe clarificar, que, como já foi mencionado anteriormente, com a sociedade em rede os movimentos sociais mudam sua representação, passando do micro para o macro. Questões universais são relacionadas para que, assim, os movimentos tenham mais visibilidade, Scherer-Warren (1996, p.9) afirma que na última década (no contexto de 1986 a 1996), os movimentos populares passaram por uma transformação, partindo da valorização dos grupos de base até o reconhecimento da “importância das articulações, intercâmbio e formação de redes, temáticas e organizacionais”.

Isso possibilita a criação de redes com identidades coletivas em defesa de carências comuns à sociedade. Scherer-Warren (1996, p.115) exemplifica que essas carências são relacionadas à religião, gênero, etnia, meio ambiente, direitos humanos, etc.; além dos movimentos sociais, diversas instituições tem utilizado desse recurso para promoção de conhecimento, as Universidades, por exemplo, criam redes, que através da Internet reúnem grandes e pequenas Universidades, situadas nas capitais ou não, formando uma rede de colaboradores com disposição a discutir os mais variados temas.

Essas redes são possíveis porque na Internet é mais simples de relacionar interesses comuns. Logo, os indivíduos com interesses similares pertencentes a várias áreas se encontram mais facilmente e podem assim trocar informações através de mensagens *online* ou *off-line*.

Focando em nosso objeto, o movimento Zapatista utilizou-se da rede para propagar suas reivindicações. Por meio da criação de comitês com acesso à Internet, o movimento consegue fazer ecoar sua voz em vários países no mundo, o Comitê Central do Zapatismo é o CCRI – Comitê Clandestino Revolucionário:



O movimento Zapatista se organiza em redes. O Comitê Clandestino Revolucionário Indígena do EZLN (CCRI del EZLN) é o órgão que comanda as ações do Exército Zapatista, e é organizado como um conselho indígena, no qual participam as 7 etnias que compõem o movimento (tzetal, tzotil, chol, tolobal, mam, zoque e mestizo), esta é a primeira rede: a de comunidades que formam a base de apoio do Exército Zapatista. Outras organizações estruturadas como redes são os comitês civis. Os comitês formam a ligação do EZLN com a sociedade civil, os dois comitês mais importantes são o *Enlace Civil* e a Frente Zapatista de Libertação Nacional – FZLN. Estes comitês mexicanos são responsáveis pela base civil de apoio ao movimento. (FRANCHI, 2003, p.285).

Segundo Franchi (2003, p.286), existem vários comitês civis espalhados no mundo inteiro, inclusive no Brasil chamado Comitê Avante Zapatista – CAZ, os comitês são(eram)<sup>35</sup> interligados, formando uma grande rede, que, através da Internet, divulgam(ram) comunicados, manifestos, denúncias, marcam(ram) passeatas e manifestações de apoio ao movimento, alcançando através dessas ações um grande número de pessoas.

Os comitês civis que discutiam as causas dos Zapatistas são(eram) formados por simpatizantes do movimento Zapatista e de outros movimentos revolucionários, militantes dos movimentos por terra e pesquisadores da história Zapatista.

No Brasil, existem registros na Internet de ações do CAZ em defesa do Zapatismo nos primeiros anos do século XXI. Atualmente, os sites e e-mails indicados como sendo de domínio desse Comitê não são mais válidos, apontando para uma extinção dessa organização. De qualquer forma, alguns dos registros encontrados online<sup>36</sup> validam a existência e atuação desse Comitê.

Essas redes diminuíram a fronteira geográfica e a fronteira da linguagem entre o Zapatismo e o mundo, as pessoas pertencentes a essa conjunto de Comitês compartilhavam os textos e o conhecimento adquirido traduzidos para sua própria língua aumentando ainda mais a rede de colaboradores especialmente na Internet.

Estudar a organização da Sociedade em Rede para entender os Movimentos Sociais em Rede foi fundamental, essa nova organização permitiu, por exemplo, que de fato o Zapatismo assumisse uma busca pela superação de problemas universais, através da observação de outras necessidades de outros movimentos e o mais

---

<sup>35</sup> Existem alguns registros que alguns desses Comitês, ao redor do mundo, ainda resistem. No Brasil, o CAZ não apresenta registros de sua existência nos últimos dois anos.

<sup>36</sup> Através da ferramenta de busca [www.google.com.br](http://www.google.com.br) diversos registros do CAZ foram encontrados, a maioria deles diz respeito a textos compartilhados em outros fóruns principalmente no Centro de Mídia Independente (<http://www.midiaindependente.org>).

importante, que pudessem ser vistos por indivíduos acometidos das mesmas injustiças sociais através da Internet. Na Internet, esses sujeitos assumem um comportamento diferente no que diz respeito a sua identidade, a qual vai sendo construída de forma representativa e nem sempre condizente com a realidade.

No terceiro e último capítulo nos aprofundaremos nessas questões, principalmente, no que diz respeito ao ciberativismo e as formas de representatividade do Movimento Zapatista na Internet.

## **CAPÍTULO III**

### **MILITANTES ONLINE**

As redes sociais e a identidade dos sujeitos sociais online.

*“Quem controla o passado, controla o futuro;  
quem controla o presente controla o passado”.*  
**Orwell, George (Orwell, 1986, p.25).**

### 3 AS REDES SOCIAIS E O ATIVISMO ONLINE (CIBERATIVISMO).

Nos primeiros dois capítulos dialogamos sobre os movimentos sociais, os movimentos sociais em rede, a Sociedade em Rede e a Internet. Neste último capítulo pretendemos explorar as redes sociais e a identidade dos sujeitos conectados e a partir de exemplos relacionados ao movimento Zapatista observar as influências diretas realizadas por esses sujeitos conectados através do ciberativismo.

No final do século XX a Internet já era uma ferramenta consolidada em muitos países, observamos no capítulo II a sua estrutura, cabe agora o levantamento de alguns traços importantes no intuito do entendimento das redes sociais, considerando o grande acesso dessas redes na América Latina:

Em Junho de 2011, 114,5 milhões de pessoas na América Latina visitaram um site de rede social, representando 96% da população on-line total da região. As redes sociais não são um fenômeno somente amplo na América Latina, ele também está em franca ascensão – com um aumento de 16% na audiência no último ano. (comScore, 2011, p.2)<sup>37</sup>.

A popularização das redes sociais não é novidade, Na década de 90 muitos provedores começam a oferecer o serviço de “Internet grátis”<sup>38</sup>, a AOL – América Online era um desses provedores, por meio de uma agressiva divulgação de *CD’S*<sup>39</sup> e disquetes. A empresa chegou a distribuir 20 milhões de *CD’S* somente no Brasil<sup>40</sup>.

Nessa época, no Brasil, a dinâmica das redes sociais, a conexão e as características dos sujeitos conectados e suas relações sociais eram diversas das de hoje, o acesso era restrito a indivíduos de classe média – alta (que no mínimo deveriam disponibilizar de um telefone residencial, uma realidade incomum no Brasil em uma época em que as linhas telefônicas eram vendidas por preços exorbitantes),

<sup>37</sup> A Ascensão das Redes Sociais na América Latina [online]. Disponível em: <[http://www.comscore.com/por/Insights/Presentations\\_and\\_Whitepapers/2011/The\\_Rise\\_of\\_Social\\_Networking\\_in\\_Latin\\_America](http://www.comscore.com/por/Insights/Presentations_and_Whitepapers/2011/The_Rise_of_Social_Networking_in_Latin_America). Acesso no dia 15 de dezembro de 2012.

<sup>38</sup> Na verdade, o que esses servidores permitiam, era a conexão através dos seus provedores grátis ou temporariamente grátis, o custo da Internet era cobrado através da conta telefônica conforme a quantidade de pulsos utilizados, a conexão durante o dia custava ao usuário um pulso a cada três minutos, enquanto a conexão durante a madrugada custava um pulso por conexão.

<sup>39</sup> Além do discador que permitiria a conexão “grátis” o provedor disponibiliza também nesses *cd’s* softwares utilitários e algumas mídias como imagens, por exemplo, esse compartilhamento consolidava a propaganda do provedor em uma época que o acesso a softwares ou *clip-arts* ainda era restrita.

<sup>40</sup> VIEIRA, Eduardo. **Os bastidores da Internet no Brasil**. Barueri – SP: Manole, 2003.

essa restrição tornava os indivíduos online diversos, distantes e desconhecidos externamente à rede.

Se pensarmos em uma sociedade em rede e realizarmos uma análise dos grafos comparando a estrutura das redes sociais na década de 90<sup>41</sup> e a estrutura das redes sociais na atualidade<sup>42</sup>, a estrutura se aproximaria a uma teia de redes semelhantes às ilustrações desenhadas pela presente pesquisadora e aqui demonstradas:

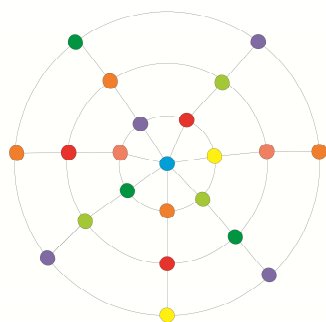


Figura 05 – teia de grafos representando a organização das redes sociais na década de 90.

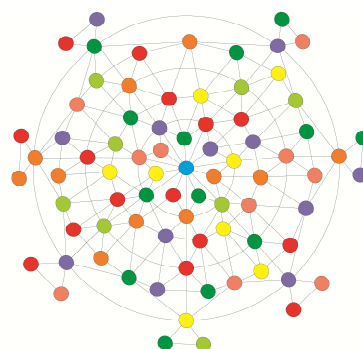


Figura 06 – teia de grafos representando a organização das redes sociais na atualidade.

Pretendemos demonstrar com as representações em grafos, que durante a década de 90, o indivíduo conectado não possuía uma grande gama de pessoas conhecidas online, dessa forma os sujeitos se relacionavam com outros indivíduos provenientes de outras cidades, estados e países, o encontro desses sujeitos se dava por salas de bate-papo online (*chats*), no Brasil, por exemplo, oferecidos por sites como a UOL<sup>43</sup>, BOL<sup>44</sup> e algum tempo depois a IG<sup>45</sup> que assim como a AOL utilizava a prática de envio de *CD's* e a promessa de “Internet grátis”.

O relacionamento dos indivíduos nessa época gerava em nós, novos usuários da rede, o encantamento com o que a globalização supostamente seria capaz de proporcionar – o contato com diversas culturas e aproximação de indivíduos geograficamente distantes e assim uma transposição de fronteiras.

A conexão era realizada através de um modem *dial-up* e linhas telefônicas padrões através de pulsos telefônicos que determinava a forma de cobrança

<sup>41</sup> ROSA, Iara Bethania Rial. Representação da teia de grafos na década de 90.

<sup>42</sup> Id., Representação da teia de grafos na atualidade.

<sup>43</sup> CF. <<http://batepapo.uol.com.br/>>

<sup>44</sup> CF. <<http://bpbol.uol.com.br/#rmcl>>

<sup>45</sup> CF. <<http://batepapo.ig.com.br/>>

conforme o uso, esse sistema de conexão, por mais estranho que pareça, também influenciava a forma com que os sujeitos se relacionavam.

Com o tempo fracionado as relações se construíam e se diluíam em questão de horas, além disso, as redes de bate-papo não possuíam ferramentas de arquivo de contatos e isso tornava as relações ainda mais passageiras, essa condição diminuía o encantamento proporcionado, logo, surgiam outras formas de comunicação online.

Em 1995<sup>46</sup> uma nova rede de *chats* chega ao Brasil, o IRC permitia uma rede chats separadas por canais, esses canais possibilitavam aos usuários uma aproximação por interesses relacionais, costumeiramente separados por bairros, cidades, estados, alunos de uma mesma escola, fãs de alguma banda, etc., além da relação de interesses essa ferramenta também oferecia a possibilidade do arquivamento de contatos e o acesso a eles sempre que ambos estivessem online, essa possibilidade gerava um reconhecimento.

Recuero (2002) através de sua pesquisa empírica sobre o IRC, observou que os usuários do IRC preocupavam-se com a manutenção do mesmo *nick* nos canais<sup>47</sup> frequentados e com a sua identificação por parte dos outros usuários, “uma decorrência (e uma exigência) dos laços sociais estabelecidos, uma vez que para que o usuário consiga resgatar as relações que estabeleceu, ele precisa ser reconhecido”.

Em 2004 uma nova rede social era lançada – o *Orkut*, sua proposta era inovadora e polêmica, pois o cadastro na rede dependia de um convite enviado por outro usuário, o objetivo do Orkut era relacionar indivíduos já conhecidos na vida real, além disso, a ferramenta permitia o compartilhamento de fotos e mensagens com todos seus contatos conhecidos, com a popularização dessa rede social acirra-se a discussão sobre direitos autorais, *bullying* na rede e preservação de identidade, uma vez que usuários *fakes* utilizavam-se de fotos e nomes de outros usuários para praticar delitos ou qualquer outra ação sem serem descobertos.

O Orkut funciona basicamente através de perfis e comunidades. Os perfis são criados pelas pessoas ao se cadastrar, que indicam também quem são seus amigos (onde aparece a rede social conectada ao ator). As comunidades são criadas pelos indivíduos e

---

<sup>46</sup>Internet Relay Chat[online]. Disponível em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Internet\\_Relay\\_Chat](http://pt.wikipedia.org/wiki/Internet_Relay_Chat)>. Acesso em dia 14 de dezembro de 2012.

<sup>47</sup> Os canais denominados aqui, se aproximam as salas de bate papo dos chats já mencionados.

podem agregar grupos, funcionando como fóruns, com tópicos (nova pasta de assunto) e mensagens (que ficam dentro da pasta do assunto). (RECUERO, 2009, p. 167).

O Orkut foi um avanço no estreitamento dos laços sociais, essa rede disponibilizava diversos recursos que permitiam que os usuários se aproximassem por suas afinidades, esses encontros geravam uma infinidade de discussões dos mais variados temas, a criação e a lotação das comunidades eram instantâneas de forma que qualquer fenômeno que ocorresse logo recebia um grande número de comunidades criadas a respeito. No Brasil o Orkut conquistou muitos usuários o que possibilitava uma enorme gama de usuários conhecidos e desconhecidos disponíveis nessa rede.

Focando em nosso estudo, pesquisamos nessa rede social e obtivemos um grande número de comunidades relacionadas, algumas com poucos membros, outras com mais, a título de demonstração, a comunidade brasileira “EZLN - Zapatistas”<sup>48</sup> 3.119 membros e foi criada em 07 de novembro de 2004:



Figura 07 – Comunidade do Orkut  
EZLN - Zapatistas

A partir dessa comunidade podemos observar a constituição das comunidades, nela é possível discutir sobre diversos assuntos, como, por exemplo, a atuação do Subcomandante Marcos, regimes políticos, mobilizações brasileiras, Chiapas, e até mesmo outros assuntos compartilhados por pessoas que buscam na comunidade uma ferramenta de publicidade.

<sup>48</sup> CF. <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=701105>> [online]



Figura 08 – Fórum - Comunidade do Orkut EZLN - Zapatistas

Atualmente o Orkut perdeu um grande número de usuários em razão da criação do Facebook e hoje é a terceira maior rede da América Latina, enquanto o Facebook ocupa o primeiro lugar, e o Twitter o quarto lugar:

Facebook mostrou grande liderança do mercado de redes sociais na América Latina, alcançando mais de 91% dos visitantes. Windows Live Profile ficou em segundo lugar, com mais de 35,5 milhões de visitantes na região. Orkut ficou com o terceiro lugar, com 34,4 milhões de visitantes, causado em grande parte pela popularidade do site no Brasil, enquanto o Twitter ficou em quarto lugar, com 24,3 milhões de visitantes. (comScore, 2011, p.2)

O Facebook se popularizou por ser uma rede ainda mais interativa, nela você recebe e dissemina informações de forma rápida e com o auxílio de alguns aplicativos como o Instagram<sup>49</sup>, Foursquare<sup>50</sup> e outros que atuam juntamente a rede, graças a aplicativos como esses a troca de informações pessoais ficou ainda mais frenética, além disso, o Facebook permite ao usuário aproximação com marcas e interesses através das *fan pages*, possibilitando a essa rede social um grande ganho mercadológico.

Um dos pontos que devem ser explícitos no que se refere ao Facebook, e que ele foi criado para o relacionamento exclusivo entre usuários conhecidos,

<sup>49</sup>O Instagram é um aplicativo que transmite fotos captadas pelo celular instantaneamente a Internet, essas fotos podem ser compartilhadas em redes sociais como Facebook e a própria rede social criada pelo Instagram o diferencial desse aplicativo está no tratamento de fotos que permite ao usuário aplicar efeitos de edição em suas imagens.

<sup>50</sup>Foursquare é um aplicativo que permite ao usuário, através de qualquer aparelho conectado a Internet, compartilhar sua localização nas redes sociais.



portanto, o usuário que “adiciona” contatos em busca de novas amizades ou qualquer outro fim recebe um aviso que o alerta sobre a política de privacidade do Facebook, o usuário tem sua conta bloqueada por um tempo limitado ou ilimitado no caso do usuário insistir nesta ação, isso restringe o acesso às pessoas e dificulta que novas redes, baseadas nos mesmos interesses sejam possíveis, um ponto extremamente negativo no que refere às redes de movimentos sociais, mas positivo no que diz respeito a publicação de propagandas e *spams* nas redes sociais.

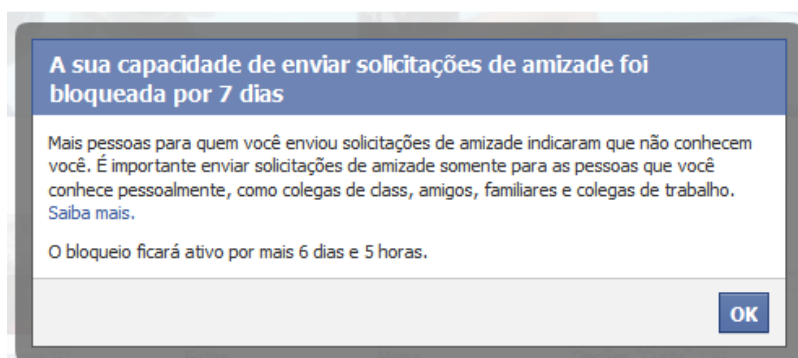


Figura 09 – Bloqueio do Facebook

Voltando-nos ao nosso enfoque de pesquisa, é importante dizer, que no México as redes sociais também estão popularizadas, 20,7<sup>51</sup> milhões de pessoas estão conectadas as redes sociais e o Facebook é a rede social mais visitada.

Fatos sobre Redes Sociais no México	
Fonte: comScore Media Metrix, Jun-2011, Visitantes no México idade 6+ Casa/Local de Trabalho	
20,7 Milhões	Audiência Total de Redes Sociais
90,8%	População On-line Visitando Redes Sociais
8,8 Bilhões	Minutos Totais para a Categoria de Redes Sociais
27,1%	Porcentagem de todos os Minutos On-line
7,1 Horas	Média de Tempo Gasto por Visitante durante o Mês
Facebook	Principal site de Redes Sociais

Figura 10 – Tabela sobre a utilização das Redes Sociais no México

<sup>51</sup> **A Ascensão das Redes Sociais na América Latina** [online]. Disponível em: [http://www.comscore.com/por/Insights/Presentations\\_and\\_Whitepapers/2011/The\\_Rise\\_of\\_Social\\_Networking\\_in\\_Latin\\_America](http://www.comscore.com/por/Insights/Presentations_and_Whitepapers/2011/The_Rise_of_Social_Networking_in_Latin_America). Acesso no dia 15 de dezembro de 2012.

Dois ferramentas do Facebook se destacam na questão do ativismo online, a primeira permite a criação de páginas (*fan pages*) que podem ser curtidas<sup>52</sup> e acompanhadas pelos usuários, a segunda são os Grupos, essa ferramenta se aproxima das comunidades do Orkut, em algumas é possível discutir sobre o meio ambiente, a situação política das cidades, do país, e até mesmo, utilizada por alguns usuários como ferramenta para discutir e organizar manifestações de alguns movimentos sociais, portanto trata-se de uma ferramenta dinâmica.

A ferramenta de criação de páginas possibilita uma infinidade de ações, como por exemplo, por meio da discussão sobre os movimentos sociais, o usuário pode acompanhar as ações que o movimento social tem tomado e discuti-las com outros usuários, pode também curtir alguma publicação relacionada, no caso do Zapatismo existem várias *fan pages* com esse propósito de diversos países, conforme o exemplo do grupo EZLN:



Figura 11 – *Fan page* EZLN

De acordo com o exemplo apresentado podemos perceber que 68.825 pessoas “curtiram” a página apresentada, isso significa que de alguma forma o usuário apresenta alguma afinidade ou interesse relativos ao movimento Zapatista, e deseja receber atualizações sobre o movimento.

Na Internet além da simpatia demonstrada muitos usuários, dedicam ao movimento Zapatista, outras formas de apoio e para isso utilizam outros meios

<sup>52</sup> O termo “curtir” (em espanhol “me gusta”) representa uma ferramenta do Facebook que permite que o usuário, diante de uma determinada publicação, a assinale, isso pode representar duas atitudes - que o usuário está ciente da postagem e/ou que ele aprova o conteúdo postado.

online, esses meios podem ser acessados por qualquer pessoa, de qualquer parte do mundo.

Observemos alguns casos de militância online, onde o usuário manifesta seu apoio e sua simpatia pelo movimento Zapatista. O primeiro exemplo pode ser percebido no site “Red de Solidariedad con Chiapas” de Buenos Aires Argentina, esse grupo realiza reuniões e divulga as reuniões e informações sobre o movimento em sua própria homepage<sup>53</sup>. Nessa homepage tanto os donos da página quanto outros usuários costumam participar demonstrando a sua admiração para com o movimento, o autor da página afirma:

La red de Solidariedad con Chiapas de Buenos Aires somos un grupo de personas que simpatizamos con el zapatismo y tenemos ganas de ayudar a difundir su palabra. Creemos que las demandas zapatistas son universales y podemos verlas en nuestros pueblos y países. La Red es un espacio **abierto**, en **constante cambio y evolución**, caminando, tejiendo y aprendiendo junto a todos y todas los que tengan ganas de aportar su energía. (Red de Solidariedad Zapatista. 2011, s.p.)<sup>54</sup>.

Corroborando com as informações do autor da página outros usuários participam e demonstram seu apoio através de comentários realizados após as postagens, os comentários abaixo foram realizados em relação a apresentação da página apresentada acima:

Hola! me gusta mucho la página y me gustaria que me llegue info acerca de las actividades.. ¡VIVA EL ZAPATISMO! (Comentário 1).

Hola, hace tiempo que estoy interesada por el zapatismo, sin haber tenido ningún acercamiento en profundidad. Me gustaría poder conocerlos.(Comentário 2)<sup>55</sup>.

Outro exemplo é o perfil “Red vs represión”, no Facebook esse perfil conta com aproximadamente 2000 seguidores. Seus compartilhamentos são sobre a atuação do Movimento Zapatista na atualidade, seus tópicos são comentados e apoiados por outros usuários, que compartilham suas mensagens e as discutem, como por exemplo, a postagem realizada:

<sup>53</sup> CF., < <http://www.redchiapas.org/> >

<sup>54</sup> CF., < <http://www.redchiapas.org/red> >

<sup>55</sup> Id., < <http://www.redchiapas.org/red> >

[...] No al agotamiento de la lucha social por el Estado, ni el evismo  
 No a la confrontación del indio contra el indio  
 Contra el despojo y la represión: ¡La solidaridad! [...] <sup>56</sup>

Nessas mensagens os usuários costumam “curtir” as postagens, compartilhar ou até comentá-las com mensagens de apoio aos Zapatistas, conforme as respostas dos usuários:

Somos la dignidad rebelde... (Comentário 3).  
 Mi solidaridad desde cualquier rincón de la patria grande.  
 (Comentário 4).  
 Viva Marcos... y su ejército EZLN...UNICA ESPERANZA PARA  
 MEXICO....(Comentário 5) <sup>57</sup>

Em outras postagens realizadas pelo Enlace Zapatista <sup>58</sup>, o qual publica todos os comunicados Zapatistas, encontramos muitos usuários se posicionando e demonstrando seu apoio, esses usuários. No comunicado de 30 de dezembro, no qual o EZLN anuncia seus próximos passos, essa postagem foi comentada por mais de cem pessoas, que na sua grande maioria demonstram apoiar as ações do EZLN e defendem a volta de suas ações, conforme as mensagens realizadas pelos visitantes da página:

Bienvenidos los Zapatistas, Bienvenida la lucha que es de todos. Salud por este inicio de año, que mejor es ya con ustedes y nosotros desde este año que se va, pero con el corazón siempre con esos que dicen desde abajo. Un abrazo con todo el cariño y va mi ayuda en lo que necesiten. (Comentário 6).

Tengo 22 años y más joven yo empecé a conocerlos sin ir a un caracol o marcha. Han surgido otros movimientos y me he adherido a ellos, así he tenido la oportunidad de presenciar su acto el 21 de dic. Mi sueño es poder aportar algo a la revolución política espiritual y social. Son una gran inspiración. Arriba el EZLN, Arriba los zapatistas! (Comentário 7).

¡EZLN, EZLN, EZLN, EZLN, EZLN!: es el estruendo monumental que se oirá los próximos meses y años. Nadie podrá negar ese meticuloso sonido formado por siglos de miseria y lucha, de esperanza; nadie podrá hacerse el occiso al llamado histórico: ¡¡¡el momento de reivindicación indígena es innegable!!! (Comentário 8).

<sup>56</sup> CF., < <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=476001595800157&set=a.100724216661232.1020.100001709611524&type=1&theater>>

<sup>57</sup> Id., < <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=476001595800157&set=a.100724216661232.1020.100001709611524&type=1&theater>>

<sup>58</sup> Na página do Enlace Zapatista são postados todos os comunicados Zapatistas, como se trata de uma organização em rede os comunicados são traduzidos para outro sete idiomas por usuários de todo mundo, essa é uma das vantagens promovidos pela organização em rede.

La lucha sigue, siempre, brav@s compañer@s. Desde Fortaleza, Brasil. Faz muito tempo...Nossa luta se irmana a de vocês e junt@s vamos construindo um novo mundo. Forte abraço em tod@s. (Comentário 9).

Já os perfis que responderam nosso formulário foram questionados sobre a simpatia que dedicavam ao movimento (¿Simpatiza con la lucha Zapatista? ¿Cuáles son las razones? / Você simpatiza com a luta Zapatista? Por quais razões?), diante da questão todos os respondentes se mostraram simpatizantes, conforme esses relatos podemos observar que além da simpatia dedicada ao movimento existe identificação com a identidade Zapatista.

Simpatizo por la lucha socialista y pelos derechos de los pueblos originales y por todos los marginalizados en Latinoamérica. (Perfil A)<sup>59</sup>.

Identifico-me, por que o EZLN é um exemplo de luta e resistência, é a gota de esperança para mostrar ao mundo que existem outras alternativas, que é possível que todos vivam em paz com dignidade e autonomia.(Perfil B)<sup>60</sup>.

Si, simpatizo.

- 1.- Porque le recordaron a la nación el olvido en el que se mantiene a los grupos indígenas.
- 2.- Porque no buscan hacerse del poder, por el contrario, buscan que este sea ejercido por el pueblo, bajo el principio de "Mandar obedeciendo"
- 3.- Han incluido en su lucha por la igualdad, la justicia y la paz con dignidad, no solo a los indígenas, sino a todos los grupos minoritarios o vulnerables presas de la discriminación, como lo son jóvenes, ancianos, homosexuales, mujeres, etc. bajo la bandera de "Un mundo donde quepan muchos mundos"
- 4.- Han sido ejemplo para los más recientes movimientos altermundistas en el mundo como os Okupas, los indignados, la acampados, etc. (Perfil C)<sup>61</sup>.

Sí, porque son la voz del pueblo. Ellos son valientes y defienden sus derechos. (Perfil D)<sup>62</sup>.

Si... porque considero que ellos a través de esa lucha permanente levantan la dignidad de los de abajo, de los pueblos del mundo humillados por los poderosos por esos que globalizan el dolor y la escases, coincido en que hay que defender con la vida el respeto a la

<sup>59</sup> ROSA, Iara Bethania Rial. **Questionário online realizado com os simpatizantes do Movimento Zapatista**. Foz do Iguaçu, 13 de janeiro de 2013.

<sup>60</sup> Id., 17 de janeiro de 2013

<sup>61</sup> Id., 19 de janeiro de 2013.

<sup>62</sup> Id., 21 de janeiro de 2013.

tierra y a sus recursos que se distribuyan con equidad y se exploten concienzudamente, sobre todo porque que compartimos la consigna de mantener la democracia, la libertad y la justicia que haya un todo para todos! (Perfil E)<sup>63</sup>.

Os perfis dos usuários entrevistados possuem várias características comuns, todos participam de grupos e *fan pages* relacionadas a outras questões, como orientação política, contrariedade a ordem econômica vigente e crítica àqueles que não lutam por mudanças, de forma geral seus posicionamentos são claros. Alguns desses usuários se relacionam entre si. Todos costumam compartilhar imagens e notícias nas quais demonstram indignação ou admiração.

Não houve qualquer direcionamento da nossa parte, sobre a nacionalidade de nossos entrevistados, buscamos os contatos sem nos dedicarmos a qualquer nacionalidade específica, dessa forma, 10% eram argentinos, 30% brasileiros, 5% gregos, 5% hondurenhos, 45% mexicanos e 5% peruanos.

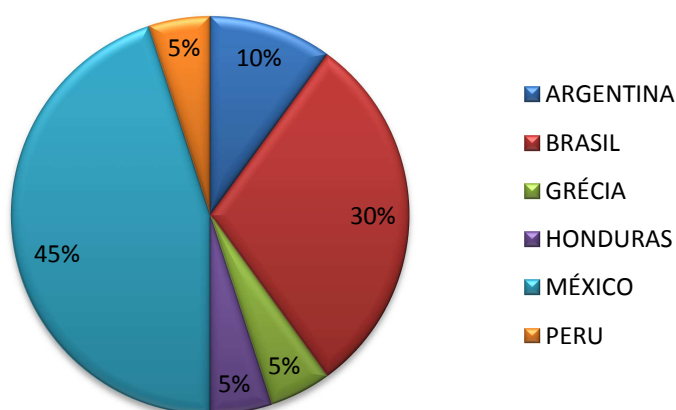


Gráfico 01 – Nacionalidade dos pesquisados.

O formulário foi disponibilizado em diversos meios (Facebook, Orkut, e-mails), de diversas formas, no entanto obtivemos 100% das respostas (20 formulários) via Facebook, essas respostas foram conquistadas principalmente através de diálogos estabelecidos entre os usuários e a pesquisadora, nessas conversas os usuários eram convidados a responder o questionário disponível online.

<sup>63</sup> Id., 21 de janeiro de 2013.

Durante essas conversas tivemos diversos tipos de reações, muito dos usuários se sentiam inseguros de conversar sobre a sua simpatia pelo movimento, alguns nos bloquearam por essa insegurança, segundo o depoimento de um deles:

Entiendo, pero no doy ese tipo de información por internet, es algo que me reservo para mí, entiendo que es importante para vos, pero también es importante para mí y me manejo de esa manera... espero me sepas entender, pero información política pública no doy. (Perfil não utilizado na tabulação da pesquisa)<sup>64</sup>.

Assim o usuário nos indicou que adicionássemos outro contato, que também simpatiza com o movimento Zapatista e que poderia nos ajudar em nossa pesquisa, o usuário foi procurado e nos atendeu prontamente, sem nos questionar sobre a origem de nosso contato, por isso, a impressão que o usuário pode ser um *fake* e que com esse perfil o usuário sinta mais liberdade em declarar seus posicionamentos:

Te recomiendo que veas a (perfil indicado), ese puede ayudarte acá en Facebook, búscalo simpatiza con el EZLN. (Perfil não utilizado na tabulação da pesquisa).

Este tipo de posicionamento é compreensível, principalmente dentro do Zapatismo, o movimento como todos sabem, utiliza passamontañas, o objetivo desse recurso não é somente enquanto um símbolo característico do movimento, mas sim, uma proteção aos indígenas que depois dos confrontos deveriam voltar as sua região e enfrentar as represarias advindas dos agricultores e militares contrários ao movimento.

Outro fundamento é o caráter armado que o movimento apresentou na sua insurgência, quando compartilhamos uma informação estamos compartilhando com colegas de trabalho, colegas de faculdade, amigos, pessoas adicionadas por qualquer outro motivo, que nem sempre terão o entendimento necessário para compreender um movimento nos moldes do Zapatismo. A distância geográfica contribui para esse afastamento e para o conhecimento que as pessoas tem do movimento, um conhecimento distante e fragmentado da realidade dos povos chiapanecos.

---

<sup>64</sup> ROSA, Lara Bethania Rial. **Entrevista online realizada com os simpatizantes do Movimento Zapatista**. Foz do Iguaçu, 5 de janeiro de 2013.

Mesmo os usuários que demonstram um grande interesse e conhecimento sobre o EZLN, alegam pouco saber sobre a situação real do movimento, isso ocorre devido ao afastamento do usuário com o movimento e do movimento com as grandes mídias. Esse afastamento potencializa a importância das redes de informação criadas nas redes sociais e na Internet. No entanto, esse tipo de interação com o movimento restringe a participação do usuário como telespectador do movimento, os usuários quando questionados sobre as informações que tem obtido do movimento (¿Con qué información cuenta sobre el estado actual de la lucha zapatista?/ Quais informações você tem tido sobre a atual situação Zapatista?) afirmaram:

Sólo por medio de la rede, nada más.<sup>65</sup> (Perfil A).

Até então basicamente nenhuma, acompanho paginas da internet, sei de um novo grupo muito parecido com o EZLN, mas novas informações de grande valor, não possuo<sup>66</sup>. (Perfil B).

Con la información de las redes del EZLN...<sup>67</sup> (Perfil C).

Con las ultimas noticias que giran los medios zapatistas a través de comunicados en la red o en la radio<sup>68</sup>. (Perfil D).

Há cinco anos deixei de atuar na área sindical, o acesso às informações em primeira mão reduziram-se sensivelmente, mas sigo acompanhando, na medida do possível, sobretudo através da internet<sup>69</sup>. (Perfil E).

La informacion de primera mano esta en el internet y se ha hecho masivo en las redes sociales el cual tiene mayor impacto y puede llegar a cualquiera en cualquier parte del mundo. (Perfil F).

Distantes geograficamente do movimento, como a maioria dos pesquisados e mesmo alguns mexicanos, possuem as informações pontuais, sobre grandes manifestações, comunicados importantes e princípios gerais que são espalhados pelas redes sociais.

As informações disponibilizadas pelos sites dizem respeito à luta, aos anseios do movimento, mas poucas são as informações sobre o número de

---

<sup>65</sup> Id., 20 de janeiro de 2013.

<sup>66</sup> Id., 17 de janeiro de 2013.

<sup>67</sup> Id., 21 de janeiro de 2013.

<sup>68</sup> Id., 18 de janeiro de 2013.

<sup>69</sup> Id., 19 de janeiro de 2013.



indígenas que passam por dificuldades, sobre o número de crianças nas escolas ou fora delas. Também não são discutidas pelos usuários maneiras de solucionar os problemas com os quais o movimento tem se confrontado, formas sustentáveis de melhorar a situação das pessoas que vivenciam os problemas relatados.

Em casos específicos, como no caso dos comitês ou redes de apoio, existem reuniões entre os simpatizantes. Esses encontros possibilitam um aprofundamento de informações e discussões sobre o EZLN, no entanto, uma parcela pequena dos usuários fazem parte dessas redes, no caso de nossa pesquisa nenhum dos usuários questionados desempenham esse tipo de participação.

Além das redes sociais apresentadas e outras que não traremos ao debate, existe o *Twitter*, nessa rede social o usuário pode através de 140 caracteres manifestar o que pensa, compartilhar *links* de *homepages* de seu interesse, seguir pessoas (*follow*) e outros grupos, mais profundamente:

Trata-se de uma plataforma de *micro blogging* que explodiu nos últimos anos, afiliando milhões de usuário por todo o mundo. Inicialmente restrita a poucas comunidades, estas geralmente ligadas à tecnologia digital e à blogosfera internacional, rapidamente a plataforma começou a ser adotada por celebridades, receber níveis cada vez maiores de atenção por parte dos meios de comunicação de massa e conseqüentemente a atrair segmentos sociais mais amplos e diversificados. (ISRAEL apud SANTAELLA; LEMOS, 2010, p.64).

Conforme os segmentos sociais foram se aproximando do Twitter vários entraves foram levantados no que diz respeito à atuação do usuário no Twitter, pois em alguns países a atuação foi ativa, influenciando até mesmo, na opinião de alguns autores e da mídia em geral, grandes manifestações políticas, essa questão levanta um debate sobre a importância do Twitter no que diz respeito aos movimentos e as manifestações sociais.

Alguns autores como Gladwell (2010) questionam as interferências que a Internet é capaz de causar dentro das organizações civis e principalmente no que diz respeito a participação dos indivíduos dentro dos movimentos sociais, sensibilizados através de redes sociais, nesse sentido o autor afirma que a “revolução não será tuitada” e dentre os motivos apresentados pelo o autor estão a falta de compromisso e os laços enfraquecidos entre os sujeitos online:

O ativismo associado às redes sociais nada tem em comum com isso. As plataformas dessas redes são construídas em torno de vínculos fracos. O Twitter é uma forma de seguir (ou ser seguido por) pessoas que talvez nunca tenha encontrado cara a cara. O Facebook é uma ferramenta para administrar o seu elenco de conhecidos, para manter contato com pessoas das quais de outra forma você teria poucas notícias. É por isso que se pode ter mil "amigos" no Facebook, coisa impossível na vida real. Sob muitos aspectos, isso é maravilhoso. Há força nos vínculos fracos, como observou o sociólogo Mark Granovetter. Nossos conhecidos - e não nossos amigos- são a nossa maior fonte de novas ideias e informações. A internet nos permite explorar a potência dessas formas de conexão distante com eficiência maravilhosa. É sensacional para a difusão de inovações, para a colaboração interdisciplinar, para integrar compradores e vendedores e para as funções logísticas das conquistas amorosas. Mas vínculos fracos raramente conduzem a ativismo de alto risco. (GLADWELL, 2010, s.p.).

De algumas maneiras concordamos com o autor, os vínculos ainda estão enfraquecidos, no entanto conforme apresentamos no histórico sobre as redes sociais utilizadas pelos usuários nos últimos anos, observamos um crescimento acompanhado de uma grande transformação, e um estreitamento nas relações dos usuários, considerando que estamos caminhando nos uso das tecnologias podemos acreditar que cada vez mais as redes sociais irão mediar as relações sociais e servirão, enquanto meios de renovação das próprias lutas sociais.

Portanto, as mudanças que devem ocorrer nos próximos anos, não devem ser outorgadas somente as redes sociais, ou simplesmente a Internet, uma revolução depende de algo mais, de uma transformação do indivíduo, esta para ocorrer, requer que tenhamos um reconhecimento dos problemas sociais vividos mundialmente, seja por meio das redes sociais ou não, ou ao menos, um reconhecimento identitário sugerindo uma transmutação das minorias em grandes maiorias, segundo Schulz:

A qualidade comunicativa das deliberações não é determinada pela infraestrutura das mídias. Ela depende da disposição dos atores sociais para o reconhecimento recíproco. Por meio do reconhecimento as esferas públicas podem sempre se reconstituir. Através de limitações e exclusões elas se fragmentam e se desintegram. As estruturas das esferas públicas estão, nesse sentido, sempre em movimento. E a extensão a que estas esferas públicas sempre em mudança podem se tornar eficazes e desenvolvem seu potencial democrático, depende, em grande

medida, da criatividade dos atores sociais envolvidos. (SCHULZ, 2007, p.125).

Considerando a importância dos atores sociais na tomada de consciência e atitude, é importante entender os atores sociais, suas identidades assumidas na Internet, e suas ações nos movimentos ou mobilizações sociais.

### 3.1 ATORES SOCIAIS E IDENTIDADES

Souza (1985), um importante sociólogo brasileiro da década de 80, realiza um estudo sobre as categorias necessárias à análise de conjunturas políticas. Nesse estudo o autor identifica os acontecimentos, cenários, atores, relações de força e articulação entre “estrutura” e “conjuntura” como categorias fundamentais.

Dentro dessa pesquisa, algumas dessas categorias já foram pormenorizadas, restando a esse tópico debater sobre o ator social, que constitui uma das categorias relacionadas aos movimentos sociais. Sua apresentação é indispensável, uma vez que ela molda as especificidades que o movimento social conquista ao longo de sua história, segundo Souza:

O ator é alguém que representa, que encarna um papel dentro de um enredo, de uma trama de relações. Um determinado indivíduo é um ator social quando ele representa algo para a sociedade (para o grupo, a classe, o país), encarna uma ideia, uma reivindicação, um projeto, uma promessa, uma denúncia. (SOUZA, 1985, p.12).

O conceito de ator social é amplo, pode até mesmo compreender outras instituições participantes dessa conjuntura. Para fins desse estudo, dois atores sociais, que fazem parte da história do levante Zapatista são fundamentais, o primeiro é o militante indígena e mestiço das regiões chiapanecas, o segundo é o simpatizante que estava situado em qualquer lugar do mundo, “conectado” ao movimento e a todas as suas ações por meio dos comunicados e notícias que chegavam diretamente de Chiapas.

As características desses atores são imensamente diferentes, os simpatizantes ou ciberativistas, do movimento possuem um perfil identitário diverso dos militantes, buscaremos apresentar essas diferenças – a diferença entre um

indivíduo que se simpatiza com a luta do Zapatismo e o apoia pela Internet, e o militante apoderado e consciente dos princípios que o movimento busca defender, clarificando que o primeiro e o maior responsável pela aproximação das práticas de lutas às redes sociais, e o segundo no caso dos Zapatistas, era formado basicamente por indígenas e mestiços que constituíram um dos movimentos guerrilheiros mais bem organizados da história latino americana.

Uma vez que lidamos com dois atores sociais diversos e sabemos que suas identidades são diferentes, devemos esclarecer a categoria identidade, o que significa um perfil identitário, para então analisar a principal característica de cada um: a identidade assumida online e a identidade indígena.

Casanova apresenta a Identidade como um termo comum às novas ciências, segundo o autor identidade corresponde ao:

Indivíduo ou grupo que é igual a si mesmo nos diversos momentos de sua existência por ter certa unidade biológica, social, cultural, linguística e política que se mantém e o identifica em meio a mudanças e o distingue dos demais, dos outros, do outro. Como sistema autônomo, subordina toda transformação à conservação de sua identidade. A conservação da identidade pode subordinar todas as mudanças para esse objetivo; mas pode aproveitar os fluxos de informação para ampliar sua identidade com “os outros” que têm objetivos semelhantes que fazem parte de um “nós outros” em ampliação. (CASANOVA, 2006, p.328).

A identidade além de ser objeto constante de estudo das ciências sociais também está relacionada a modernidade,

A luta desses atores sociais, os que possuem uma identidade indígena, foi pela melhoria das condições de vida do povo, por meio da luta por uma autonomia que lhes conferissem oportunidades que não lhes eram oferecidas. Além disso, os indígenas lutavam para que lhes conferissem outra identidade, uma identidade mexicana que não lhes era reconhecida até o levante, é que até hoje é uma das lutas do Zapatismo.

Além da identidade indígena assumida por esses atores sociais, existe outra a de militante, que imprime aos atores sociais uma postura social ativa, para fins de conceituação apresentamos a definição dada por Gohn (2008, p.444), nela a autora explica as características desse sujeito:

Os sujeitos dos movimentos sociais saberão fazer leituras do mundo, identificar projetos diferentes ou convergentes, se participarem integralmente das ações coletivas, desde seu início, geradas por uma demanda socioeconômica ou cultural relativa, e não pelo simples reconhecimento no plano dos valores ou da moral. (GOHN, 2008, p.444-445).

As leituras de mundo, citadas por Gohn e que fazem parte da construção do indivíduo são construídas através de suas interações e vivências, esse desenvolvimento pode ocorrer individualmente ou coletivamente relacionada então à construção da identidade coletiva. Os atores sociais, ativamente participantes de movimentos sociais, muitas vezes, almejam uma consciência crítica, que o permita entender sua história e o possibilitem compreender as manobras exercidas pelas classes hegemônicas que tencionam a extinção dos movimentos sociais organizados, nesses casos, a informação e o conhecimento adquiridos podem ser consideradas, também, armas do movimento, utilizadas com o intuito de formação de uma consciência crítica e de resistência.

Além da identidade de militante empenhado na resistência e na sobrevivência, o movimento Zapatista tem o perfil identitário indígena no cerne de sua luta, conforme o aponte de Le Bot (1997, p.17)

Quem nos dá a natureza e o sentido do zapatismo é um ator social e cultural (étnico) que se lança em uma insurreição armada e se projeta na cena política. É ele que, por não conseguir atingir as suas aspirações e reivindicações por outras vias, dá origem a um movimento armado e procura construir um movimento político civil cujo objetivo não é a conquista do poder. (LE BOT, 1997, p.17).

Portanto esse sujeito, militante zapatista, possui identidade indígena, mexicana e até mesmo uma identidade universal:

O ator zapatista é étnico, nacional e universal. Quer-se mexicano sem deixar de ser índio, pretende um México onde seja reconhecido e escutado. É universal *não contra* sua identidade índia, mas *precisamente porque ela é* índia. (LE BOT, 1997, p. 18).

Através do Zapatismo, uma identidade coletiva é reafirmada e isso não caracteriza a perda da identidade individual desse povo, possibilitando que outros indivíduos, através das informações vindas do movimento através da Internet, ou de outros meios, se identifiquem com o Zapatismo.

Na Internet, o ator social faz parte de uma rede e assume outro perfil identitário, ou uma representação de sua identidade. No *twitter* são os usuários, em redes sociais como *Orkut*, *Facebook* e *Blog* são os perfis; em comunidades *online* e *games*, são os *chars* ou *avatars*, em alguns fóruns, são os *ID's*, e em algumas redes existem hierarquias, onde alguns adotam a identidade de moderadores ou administradores, figuras detentoras de algum poder no meio que atuam.

Outro ator comum na rede de computadores e que tem feito história, são os *hackers*, inúmeras são suas ações nos últimos anos, especialmente no que diz respeito à pretensão de regulamentação da *Internet*. Ataques a sites de governos de diversos países tem ocorrido, configurando esses sujeitos como militantes de valores culturais próprios, além disso, esses sujeitos angariam admiradores, que mesmo não sendo *hackers* defendem suas bandeiras, isso ocorreu, no ano de 2010, com o criador do WikiLeaks, Julian Assange que trouxe uma nova representação além da que o mundo conhecia, *hackers* antes considerados “piratas tecnológicos” agora são vistos por algumas pessoas como defensores de uma sociedade justa. Assange conseguiu alcançar esse posto publicando informações importantes e sigilosas dos governos de inúmeros países. Em seu livro “Filosofia hacker” defende que o verdadeiro compromisso do *hacker* está em compartilhar as informações na rede e de não prejudicar os sistemas invadidos<sup>70</sup>.

Outro fenômeno interessante, relacionados à identidade *hacker*, foi o surgimento de um movimento denominado *Anonymous*<sup>71</sup>, esse grupo de reação eclodiu com a tentativa de implantação de medidas que regulamentavam os conteúdos disponíveis online, essa iniciativa partiu do governo americano e em pouco tempo o movimento se organizou em repúdio a essa tentativa, em alguns dias o movimento angariou apoio de uma grande parte dos usuários das redes sociais, é importante mencionar que as medidas pretendidas pelo governo americano foram amenizadas depois do movimento realizado na Internet por esse e outros grupos, o que representa uma vitória deste movimento.

---

<sup>70</sup>Disponível em <http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI4831223-EI8142,00-Saiba+quem+e+Julian+Assange+o+criador+do+site+WikiLeaks.html> no dia 02 de julho de 2012.

<sup>71</sup> Disponível em [www.anonymousbrasil.com/](http://www.anonymousbrasil.com/) no dia 02 de julho de 2012.

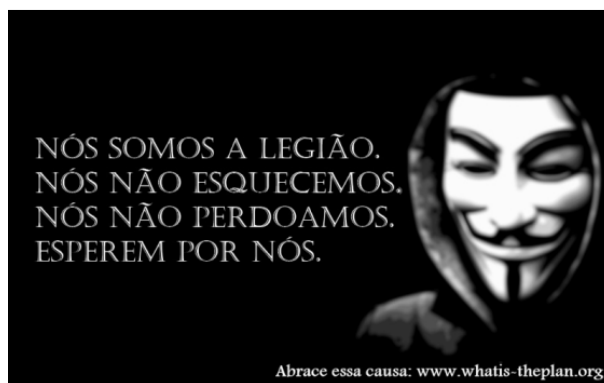


Figura 12 – Anonymus Brasil

Diferente dos *Anonymus*, que buscam manter uma identidade anônima protegida por uma máscara, algumas pessoas buscam personificar sua identidade na Internet. Algumas ferramentas, como, jogos online e redes sociais permitem tal representação, dessa forma, é possível até a criação de personagens com características físicas similares as de seus donos, ou seja, formas de aproximar a sua identidade a esses elementos até humanizando essas representações:

Como Döring, Lemos e Sibilia perceberam, há um processo permanente de construção e expressão da identidade por parte dos atores no ciberespaço. Um processo que perpassa não apenas as páginas pessoais, como *fotologs* e *weblogs*, *nickname* sem *chats* e a apropriação de espaços como os perfis em softwares como o Orkut e o MySpace. Essas apropriações funcionam como uma presença do “eu” no ciberespaço, um espaço privado e, ao mesmo tempo, público. Essa individualização dessa expressão, de alguém “que fala” através desse espaço é que permite que as redes sociais sejam expressas na Internet (RECUERO, 2009, p.26-27).

Entretanto, nem todos os sujeitos são identificáveis em seus perfis. Com a popularização das redes sociais, tornou-se comum, também a criação de usuários *fakes*, com o propósito, basicamente, de publicar e acessar informações sem que ocorra qualquer identificação, assim como ocorreu no caso que relatamos onde o perfil pesquisado ofereceu outro perfil para que esse perfil nos respondesse, garantido ao usuário segurança sobre as informações compartilhadas.

São esses atores sociais, disponíveis online, anônimos ou não, e suas representações que fizeram e fazem que com a *Internet* se concretize como um meio interessante aos movimentos sociais, a participação desses sujeitos nas suas diversas formas torna os movimentos sociais grandes movimentos em rede,

compostos por um emaranhado de nós, principalmente os movimentos com apelos mais gerais, como por exemplo, o movimento ambiental e LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros.

Mas o que leva um indivíduo a se sensibilizar com uma causa distante da sua realidade? E porque essa compreensão é importante para a nossa pesquisa?

Pelo caráter da militância desses sujeitos, pois a contribuição que essa participação promove aos movimentos sociais ainda é mínima, maiores são as contribuições às mobilizações sociais que ocorrem, com maior frequência, organizados através da Internet.

Portanto, a consciência que o movimento ou mobilização social promove nos sujeito é diferente da consciência do militante de movimentos, digamos, presenciais. Por essa razão para Castells (1999, p.117) os sujeitos, participantes de movimentos sociais, com o advento da Internet não deixaram de se organizar e de se manifestar em defesa de seus interesses, entretanto, esse sujeitos promovem “coalizões frouxas, mobilizações semi-espontâneas e movimentos *ad hoc* do tipo neo-anarquista substituem as organizações formais”.

Isso ocorre pela efemeridade com que as coisas acontecem na rede, as informações acabam sendo sobrepostas, participar de um movimento ou de um abaixo-assinado se torna uma tarefa simples e capaz de ser executada em poucos segundos, não exigindo do participante o desenvolvimento de qualquer estudo sobre a história do movimento, nem conhecimento sobre todas as lutas e princípios ideológicos que motivam a ação do movimento social, as informações chegam aos indivíduos de forma rápida e são substituídas quase que simultaneamente.

Manter uma participação real e frequente diante dessas condições torna-se uma tarefa difícil em uma sociedade de “fluxos contínuos”, além disso, a participação através da rede de computadores é, geralmente, motivada por questões emocionais ou outras influências, como a participação de personalidades televisivas, assim, as manifestações são, costumeiramente, contra violência com crianças e animais, violência no trânsito e questões ambientais, essas manifestações na Internet ou promovidas através dela, mesmo que façam parte da atuação de movimentos sociais consolidados costumam ser pontuais em sua ação, assim como a participação de muitas pessoas.

Além disso, podemos perceber que com a dinamicidade da Internet, o ator social online tem sua identidade reconstruída todo o momento, caminhando por



perfis variados e identidades anônimas, onde as próprias redes sociais são substituídas, como o caso do Orkut e Facebook, já a identidade de um indígena, por exemplo, é construída e mantida historicamente, isso faz muita diferença na atuação interna dos movimentos, afinal a tomada de uma identidade também está relacionada à resistência dos indivíduos:

Muchas veces estas luchas toman la forma de la defensa de las viejas identidades. Ya que la identidad es la cristalización de cierto estilo de vida o de cierto nivel de vida, es imposible separar la lucha para defender la existencia material de la defensa de cierta identidad: los petroleros, los ferrocarrileros o los mineros que luchan para preservar sus empleos luchan para defender su identidad y para mantener su nivel de vida, sin distinción. Muchas veces la afirmación de una vieja identidad (somos mexicanos, musulmanes, chechenos, mujeres) o una nueva afirmación o reafirmación de una identidad (somos gay, somos jubilados) es una forma obvia de resistencia contra la imposición de una identidad ajena. En todos estos casos, se busca definir o reafirmar una identidad y se define la lucha a partir de esta identidad. (HOLLOWAY, 1996, p.45-46).

Portanto enquanto simpatizantes não temos necessariamente como fator decisivo a defesa de nossa própria identidade, esse fator inibe o estabelecimento de laços de solidariedade, ao mesmo tempo em que, a definição de uma identidade é contraditória, pois pode resultar em uma divisão, uma não identificação entre as causas:

Las luchas definidas a partir de una identidad son siempre contradictorias. En eso no hay distinción entre las definiciones "progresistas" ("soy negro", "soy mujer"), incluso clasistas ("somos el proletariado"), y las definiciones "reaccionarias" ("soy blanco", "soy hombre", "soy burgués"). La definición de una identidad por sí siempre impone un límite, siempre impone un "nosotros somos" predefinido sobre un "nosotros vivimos" sin predefinición. Esta contradicción implica inevitablemente que la identidad se vuelve un rol, un papel actuado, una ficción, una máscara. Lo que empieza como movimiento de liberación se vuelve falso, opresivo. (HOLLOWAY, 1996, p.46).

No intuito de apartarmos as arestas deixadas, é importante dizer que a identidade indígena é historicamente construída, mas, assim como as outras identidades está em constante movimento, portanto não se trata de uma identidade fixa, pronta e acabada, no caso da identidade do indígena de Chiapas, se reconstrói

a cada dia, a cada conflito íntimo do movimento ou de luta, afinal, da sua luta depende sua vida.

Essa diferença estabelecida, a de sobrevivência, é considerável entre um ator apresentado (Zapatista) e o outro (simpatizante do movimento), é que um depende sua vida da militância, da luta e da organização dos movimentos, e o outro, se solidariza com essas causas, mas, não as conhece através dos seus olhos, muitas vezes, somente através da tela do computador, criando uma distância, muitas vezes, intransponível.

No caso do movimento Zapatista existe uma tentativa de superar essa distância, através dos documentos e comunicados dedicados as redes de comitês civis e aos simpatizantes do movimento, esses comunicados são como gritos capazes de serem ouvidos no mundo todo, chamando a atenção para as dificuldades vividas em Chiapas e mais do que isso, nunca deixando de existir:

Quando não haviam câmeras, microfones, canetas, ouvidos e olhares, existíamos.  
Quando nos caluniaram, existíamos.  
Quando nos silenciaram, existíamos.  
E aqui estamos, existindo. (EZLN, 2012, s.p.).

Isso cabe também para o debate sobre os movimentos sociais como um todo, e ainda mais para uma postura que se volta para a questão da emancipação. A identidade sócio-política construída na práxis dos movimentos sociais é um elemento determinante para o êxito das lutas desses movimentos. E quando inserimos a emancipação como horizonte para esses movimentos, a articulação entre essas identidades construídas e à emancipação é fundamental. Por isso é necessário ter clareza sobre a categoria identidade, e, no estudo que envolve as tecnologias, a internet e suas ferramentas tão fluidas, buscar a utilização consistente da categoria identidade.

### 3.2 A PONTE SOCIEDADE – INTERNET E AS MUDANÇAS PERCEBIDAS NO EZLN.

Ao longo dos anos, muitos comunicados foram emitidos pelo Comando Geral do Exército Zapatista, as funções desses comunicados são diversas, mas, de forma geral, podemos dizer que servem para informar sobre os problemas das

comunidades, as injustiças cometidas pelo governo mexicano e a posição que o EZLN adota diante de assuntos polêmicos.

Portanto, os comunicados constroem uma ponte entre a sociedade e os zapatistas, ou ainda, uma ponte entre os militantes e os simpatizantes do movimento. Cabe dizer, que a participação dos indivíduos gerada pelo acesso a esses comunicados, transformou a história do movimento, Marcos afirma que houve uma pressão da sociedade para que o Zapatismo se desarmasse e que optasse pelo diálogo, a partir dessa cobrança o movimento tenta atender essas expectativas, influenciando assim as ações posteriores que o movimento adotou:

Apareceu outra força que nos propunha o diálogo, não era o governo, era o povo. Do povo, só esperávamos que nos ignorasse ou que combatessem ao nosso lado. Mas nenhuma destas duas hipóteses estava a acontecer. Toda essa gente, milhares, dezenas, centenas de milhares, possivelmente milhões, não queriam acompanhar-nos na revolta, mas também não nos deixavam combater. Nem queriam que nos aniquilassem. Queriam que dialogássemos. Isto veio abalar todas as nossas ideias preconcebidas e foi isso que redefiniu o zapatismo, o neozapatismo. (SUB. MARCOS apud LE BOT, p.140, 1997).

A transformação do movimento Zapatista repercute diretamente nos comunicados que sofrem alterações no momento em que os Zapatistas optam por um diálogo com a sociedade, pois é através dos comunicados que o movimento cria uma ponte, no caso da nossa pesquisa, a sociedade representada pelos atores sociais online.

Os comunicados e declarações são de autoria do Subcomandante Marcos e passam pelo crivo de aprovação da Comandância Zapatista, são eles que decidem o que precisa ser comunicado e o que deve ser retirado dos textos de Marcos, os textos são muito bem redigidos devido ao domínio profundo dos recursos literários de Marcos, dessa forma, os textos conquistam uma grande visibilidade, especialmente, na Internet, onde são publicados e compartilhados, Marcos consegue através de seus comunicados converter textos políticos em textos poéticos, e através dessa estratégia conquista simpatizantes e até mesmo leitores que não se interessam por política.

La colección de documentos producidos por el propio EZLN refleja, en su enorme variedad y tamaño, en su particular estilo, lo acelerado

de los tiempos que se iniciaron en 1994, el trastocamiento de un devenir que se halla profundamente comprimido y en donde se han quemado varias etapas militares y políticas a gran velocidad. Refleja la transformación del discurso político en discurso poético y el uso radicalmente creativo de la guerra y de la información. (LEÓN, 1994, p.12)

A primeira Declaração da Selva Lacandona foi publicada no dia 2 de janeiro de 1994, o comunicado dedica-se a uma declaração de guerra, demonstração de propósitos e um relato da situação do EZLN naquele momento. Para os dirigentes do EZLN sua luta era justa e baseada na Constituição mexicana que assevera: “La soberanía nacional reside esencial y originariamente em el pueblo. Todo poder público dimana del pueblo y se instituye para beneficio de éste” (Artigo 39 da Constituição Política dos Estados Unidos Mexicanos de 1917<sup>72</sup>).

Já nessa declaração é possível observar uma atenção do Zapatismo com a sociedade, a declaração possui um parágrafo que se dedica exclusivamente ao povo mexicano e defende a justiça da insurgência:

PUEBLO DE MÉXICO: Nosotros, hombres y mujeres íntegros y libres, estamos conscientes de que la guerra que declaramos es una medida última pero justa. Los dictadores están aplicando una guerra genocida no declarada contra nuestros pueblos desde hace muchos años, por lo que pedimos tu participación decidida apoyando este plan del pueblo mexicano que lucha por *trabajo, tierra, techo, alimentación, salud, educación, independencia, libertad, democracia, justicia y paz*. Declaramos que no dejaremos de pelear hasta lograr el cumplimiento de estas demandas básicas de nuestro pueblo formando un gobierno de nuestro país libre y democrático. (1º Declaração da Selva Lacandona, 02 de janeiro de 1994)<sup>73</sup>.

A apresentação do movimento segue nas primeiras declarações, além disso, nessas declarações ficam expressas a operacionalização que o movimento deve adotar com seus participantes e com a sociedade em geral no que diz respeito a ação dos chefes do exército, participação de mulheres nas comunidades zapatistas, a arrecadação de impostos, a finalidade para qual serão dedicados e o tratamento com a propriedade privada.

Na terceira declaração temos contato, pela primeira vez, com a figura do Subcomandante Marcos, na declaração Zapatista é inserido como anexo um texto intitulado: *Viento primero* de autoria do Subcomandante. Nesse texto Marcos

<sup>72</sup> CF. < <http://info4.juridicas.unam.mx/ijure/fed/9/40.htm?s> >

<sup>73</sup> CF. < <http://palabra.ezln.org.mx/comunicados/1994/1993.htm> >

apresenta a região chiapaneca sob um olhar de um morador dessa região, demonstrando as intempéries com que o povo convive, a justificativa para a apresentação já demonstrava o que viria a seguir, dedicava-se a uma visão através do foco dos indígenas moradores da região em um momento em que “muchos y muy variados autores desempolvan su pequeño *Larousse ilustrado*, su México desconocido” (3º Declaração da Selva Lacandona – 27 de janeiro de 1994), portanto na publicação dessa declaração os Zapatistas já percebiam o interesse que essa região despertava devido à insurgência.

Outras transformações se encontram nas dedicatórias da primeira, segunda e terceira declaração da Selva Lacandona, a primeira declaração se dedica ao “povo do México e irmãos mexicanos”, já a segunda declaração é dedicado ao “povo do México, aos povos e governos do mundo e aos irmãos” e a partir desta, as declarações, costumeiramente, remetem-se aos povos e governos do mundo.

Conforme os dias vão passando o EZLN conscientiza-se do alcance que conquistou, e em diversas declarações fala sobre a atenção que o mundo inteiro dedica ao Zapatismo, ou relaciona a luta a aspectos universais:

“Mientras el gobierno descubría a México y al mundo su voluntad de muerte y destrucción, los zapatistas no respondimos con violencia ni entramos a la siniestra competencia para ver quién causaba más muertes y dolores a la otra parte.” (p.42)

“Además hemos, junto a otros, tendido puentes a todo el mundo y hemos contribuido a crear (al lado de hombres y mujeres de los 5 continentes) una gran red que lucha por medios pacíficos en contra del neoliberalismo y resiste luchando por un mundo nuevo y mejor”. (p.49)

“Ésta es nuestra palabra sencilla para contar de lo que ha sido nuestro paso y en donde estamos ahora, para explicar cómo vemos el mundo y nuestro país, para decir lo que pensamos hacer y cómo pensamos hacerlo, y para invitar a otras personas a que se caminan con nosotros en algo muy grande que se llama México y algo más grande que se llama mundo”. (p.55)

“Y entonces pues varias veces nos atacaron, pero no nos vencieron porque nos resistimos bien y mucha gente en todo el mundo se movilizó”. (p.57)

Y todo eso(o Subcomandante se refere a diminuição da pobreza no estado de Chiapas) ha sido posible por el avance de los pueblos zapatistas y el apoyo muy grande que se ha recibido de personas buenas y nobles, que les decimos «sociedades civiles», y de sus organizaciones de todo el mundo.(p.61)<sup>74</sup>

<sup>74</sup> EZLN. **Declaraciones y Comunicados [1993-2005]**. Disponível em <http://editorial-realvisceralista.blogspot.com.br/> no dia 20 de junho de 2012.

Pretendemos demonstrar com essas citações que da mesma forma que os olhares do mundo se voltam ao estado de Chiapas a partir de 1994, o olhar Zapatista também se volta ao mundo, portanto essa aproximação da sociedade cria no movimento uma transformação, uma transformação trazida pelos apoios gerados, pelos novos saberes apreendidos tanto pelo movimento, quanto pelos simpatizantes do movimento. O aprendizado é muito forte nessa situação, através das redes que o próprio movimento Zapatista cria ele informa e se informa sobre outros movimentos, formando uma teia informacional sobre os movimentos no mundo muito intensa.

E assim, através de sua luta o movimento não tenciona reafirmar as velhas identidades, mas sim superá-las:

Es aquí que tenemos que ubicar el significado de la lucha zapatista. No es una lucha por la autonomía indígena ni por la soberanía mexicana: es más que eso. No dicen "somos indígenas" ni "somos mexicanos", sino "somos indígenas, mexicanos y más que eso". No es una lucha para crear una nueva identidad ni para afirmar una vieja, más bien es la afirmación y la superación simultánea de una identidad. Ese es el sentido del concepto de la "dignidad". Dignidad no quiere decir simplemente "tengo el orgullo de ser quien soy", sino "soy quien soy y mucho más que eso", o tal vez, en otras palabras, "todavía no soy quien soy". La dignidad es un proyecto, una lucha, no una descripción. (HOLLOWAY, 1996, s.p.)

Para que, cada vez mais, as pessoas lutem contra as imposições do sistema econômico vigente, as diversas misérias no mundo, a falta de emprego, a falta de saúde, etc., de forma que o indivíduo não lute em favor dos Zapatistas, ou dos indígenas, dos sem-terra, ou de outras grandes minorias, mas que se importe com o outro de uma forma que a luta do outro seja a sua própria luta.

E é por essa razão, que o movimento Zapatista extrapola os aspectos locais em virtude dos mundiais de luta. Nesse caso, não acreditamos que essa prática foi prejudicial, uma vez que todo o mundo se voltou aos seus discursos, e o movimento tem conquistado simpatizantes no mundo inteiro através da Internet, no entanto, assim como no Zapatismo, um movimento social não pode somente restringir sua atuação a esse meio, o ativismo deve transpor os espaços online, para concluir esse raciocínio devemos entender mais sobre ciberativismo, buscando nessa forma de movimento um aliado à luta social.

### 3.3 CIBERATIVISMO

No decorrer desse capítulo falamos sobre a Internet e os atores sociais que se manifestam através dela, pudemos perceber que através das mudanças ocorridas na Internet, novas formas de militância surgem todos os dias, principalmente, dedicadas aos novos movimentos sociais, todos os argumentos apresentados nos possibilitam visualizar o alcance e a importância da Internet.

Muitos autores tem tratado de esmiuçar o fenômeno da aproximação dos movimentos sociais à Internet, alguns deles concentram-se nas questões envolvidas no embate do Oriente Médio, versando sobre esses assuntos como se tratassem de novos fenômenos.

O ponto essencial para iniciarmos nossa análise, e que deve ser esclarecido nas próximas linhas, é que para nós o ciberativismo está intimamente relacionado com a própria criação das redes sociais, uma vez que quem se movimenta são indivíduos, e que mesmo que esses indivíduos adotem novas identidades online, sua identidade real não se perde e de alguma forma se reflete também nesse meio. A partir dessa ideia, podemos partir da conceituação do Ciberativismo, relacionado ao Movimento Social Zapatista, que surgiu quase duas décadas antes dos conflitos da intitulada Primavera Árabe<sup>75</sup>.

Leão (2009, p.592) afirma que o surgimento do ciberativismo está relacionado à criação de novas formas de manifesto, e que a preposição de luta desses movimentos são a “pró-liberdade de expressão, por direitos humanos, justiça social e política, ações anti preconceitos, anti guerras, etc.”.

Rigitano (2005, p.250) relaciona o ciberativismo ao ativismo político comum a Internet:

Em linhas gerais, o ciberativismo pode ser definido como a presença de ativismo político na Internet (McCaughey, Ayers, 2003). Com o intuito de alcançar suas tradicionais metas ou lutar contra “injustiças” que ocorrem no interior da própria Rede, como consequências do surgimento desta, uma ampla gama de movimentos sociais, ONGs e indivíduos está-se utilizando dos recursos das novas tecnologias de comunicação, como a Internet, em prol de suas Causas. (RIGITANO, 2005, p. 250).

---

<sup>75</sup> CF. <<http://topicos.estadao.com.br/primavera-arabe>>

Já Ugarte (2008) aproxima o conceito a uma estratégia de militância destinada a transformação e/ou a visibilidade de determinados aspectos sociais:

Poderíamos definir “ciberativismo” como toda estratégia que persegue a mudança da agenda pública, a inclusão de um novo tema na ordem do dia da grande discussão social, mediante a difusão de uma determinada mensagem e sua propagação através do “boca a boca” multiplicado pelos meios de comunicação e publicação eletrônica pessoal. (UGARTE, 2008, p. 77).

Além disso, Ugarte (Id.) afirma que estamos exercendo o ciberativismo sempre que compartilhamos nossas ideias nas redes, e esperando que outros as acessem e as compartilhem, e que assim sejam criadas redes de discussões. Nesse sentido, o autor afirma que “o mantra do ciberativismo” seria: “discurso, ferramenta e visibilidade”.

Nessa concepção todos nós, uma hora ou outra, conectados online, seríamos ciberativistas considerando a facilidade em expor nossas ideias e termos nossas opiniões compartilhadas através da rede, uma vez que, em qualquer perfil do Facebook e de redes sociais semelhantes, é possível delimitar posicionamentos políticos, princípios de defesa e identidade.

Por isso estamos todos enredados no ciberativismo. O está um escritor que quer promover seu livro, um ativista social que quer converter um problema invisível em um debate social, a pequena empresa com um produto inovador que não pode chegar à sua clientela, ou o militante político que quer defender suas ideias. (UGARTE, 2008, p.77).

Portanto o ciberativista não limita sua atuação à luta pelos movimentos sociais, sua atuação implica outros meios como, por exemplo, a luta pela democratização dos meios de acesso a livros, filmes, músicas e outros recursos protegidos por direitos autorais. Alguns dos ciberativistas compartilham na Internet, através da clandestinidade e de grandes portais de acesso, um amplo número de arquivos para download, um exemplo disso é o PDL – Portal de Democratização da Leitura<sup>76</sup>, esse portal dispõe de milhares de compartilhamentos (livros grátis, quadrinhos, revistas, audiobooks), portais de bate-papo e grupos de discussões dos

---

<sup>76</sup> CF. <<http://www.portaldetonando.com.br>>



mais variados temas, a bandeira levantada por esses usuários é a necessidade da democratização da informação/conhecimento.

Portanto o ciberativista assume uma identidade peculiar. Uma identidade que questiona, debate, compartilha e luta também, por um acesso democrático à informação disponível em rede, nesse sentido, muitos portais se dedicam a compartilhar materiais dedicados ao conhecimento, como textos, artigos, documentários, etc.

Essa democratização à informação, tem sido a principal vantagem da Internet em relação aos outros meios midiáticos, nela o usuário, que busca através do seu movimento visibilidade, encontra um espaço livre, de acesso permanente e simples. No entanto outras vantagens são características da Internet no que diz respeito à ação civil política: o acesso ao outro é mais rápido, um e-mail pode ser enviado a dezenas de pessoas em questão de cliques, um abaixo-assinado pode ser compartilhado em redes específicas que possivelmente possibilitarão um reconhecimento de causa entre os usuários e um maior número de colaboradores.

O ciberativista utiliza desses meios para divulgar ações das quais faz parte, ações que simpatiza e apoia. Um exemplo do que o ciberativismo é capaz ocorreu recentemente, no dia 21 de dezembro de 2012, durante a manifestação dos Zapatistas em San Cristobál de Las Casas. Nós, enquanto pesquisadores do movimento, obtivemos notícias do que aconteceu através de um usuário do Facebook que compartilhou sobre a manifestação no mesmo dia que ela ocorreu.



Figura 13 – Publicação sobre a manifestação do dia 21 de dezembro no Facebook

Na ilustração podemos observar que 261 pessoas curtiram a publicação relativa a manifestação, 29 pessoas comentaram sobre, e 458 pessoas compartilharam em suas páginas gerando um número muito maior de pessoas que tiveram acesso a manifestação do Movimento Zapatista.

Como já dissemos outras vezes, a participação do simpatizante Zapatista não costuma transpor a barreira do universo online, dificilmente esses ativistas já pisaram sobre o solo Chiapaneco, no entanto, muito desses indivíduos costumam se reunir para discutir questões relacionadas ao Zapatismo, as reuniões são realizadas pelos comitês e redes de solidariedade do movimento.

Em nosso formulário, das pessoas questionadas, treze pessoas nunca estiveram nos estados de confrontos, o número é relativamente alto, considerando que nove dessas pessoas são mexicanas, dessa forma observamos:

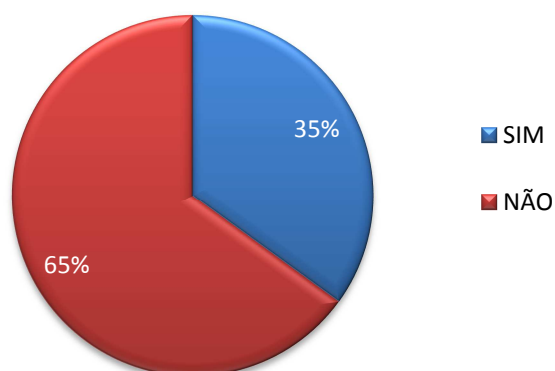


Gráfico 02 – Pessoas que já estiveram nas regiões de conflitos no México

Podemos dizer que a Internet e os fenômenos que nela ocorrem ainda são jovens, e ainda temos muito que entender e explicar, isso inclusive, é perceptível se considerarmos a pequena produção bibliográfica dedicada a explicar o ciberativismo.

Não podemos ainda ser taxativos em nossas análises, por duas principais razões, primeiramente a Internet ainda não mostrou, totalmente, do que é capaz, todos os dias novas formas de relações sociais são possíveis a partir dela, além disso, formas conhecidas de interação como o Orkut, vem sendo superadas e substituídas.

Outra questão importante, é a questão de acesso, não são todas as minorias que possuem acesso a rede, pelo contrário, o acesso ainda é restrito, especialmente nessa camada, e ainda há a restrição do uso dessas ferramentas por questão de domínio das tecnologias, uma vez que, costumeiramente, as crianças e adolescentes desempenham maior facilidade e domínio na execução de tarefas relacionadas às tecnologias, pois nasceram e cresceram rodeadas por essas tecnologias digitais.

Portanto, acreditamos que as mudanças promovidas pela Internet, nesse caso, começam a ser sentidas. Os movimentos sociais começam a descobrir a Internet como aliada em seus manifestos, no entanto, ainda não conseguem entender como ultrapassar a esfera da Internet e conquistar manifestações massivas que de fato consistiriam em grandes transformações sociais.

Enquanto isso não ocorre, defendemos a Internet e as redes sociais enquanto ferramenta possível de debate crítico e de disponibilização de informações

sobre os movimentos. Inserir nas redes sociais esses debates também se faz importante, e é de responsabilidade dos movimentos sociais promover essas discussões em rede. Portanto o desafio do Movimento social que atua na rede de computadores é ultrapassar a barreira *offline* – *online* na participação dos indivíduos, promovendo uma participação fora da rede e incentivando a participação dentro dela.

Afirmamos isso conhecendo as possibilidades que a Internet fornece. Entendemos que todos os recursos possíveis não são utilizados, no entanto, acreditamos que, com o tempo e domínio das ferramentas essa realidade será transformada e as manifestações serão organizadas na Internet, realizadas nas ruas e compartilhadas na rede, possibilitando que cada vez mais as redes de solidariedade entre os indivíduos e movimentos cresçam, e enfim transformem a sociedade na qual vivemos.

Cabe dizer, que as experiências tem formas de militância diferenciadas, dessa forma, seus possíveis resultados também são. A militância realizada nos meios exteriores a Internet, depende de grande dedicação e como já foi dito, também de uma disposição, algumas vezes construídas através de laços estreitos, e de uma identidade profunda com o movimento e sua luta.

No entanto, através da experiência que tivemos online, pudemos encontrar pessoas que afirmam sua identidade militante Zapatista, que apoiam suas atitudes e defendem seus motivos, de forma firme, e essas pessoas nunca estiveram no México. Elas compartilham todos os dias textos, imagens, fotografias e comunicados do movimento para os seus contatos e provavelmente não transformem a ideia que todos eles possuem sobre os movimentos sociais e sobre o Zapatismo, mas, certamente uma, duas ou três pessoas no mundo, pertencentes dessas redes sociais, terão contato com o movimento e talvez se simpatizem, talvez entrem na luta, ou talvez só descubram que existe um movimento indígena, armado de uma grande história de lutas, que busca transformar o mundo que conhecemos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O começo do fim...

*O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da História mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, constato não para me adaptar mas para mudar.*

**Paulo Freire<sup>77</sup>**

---

<sup>77</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 43 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. p. 74-5.

O curso de Pedagogia me propiciou uma formação crítica e política importantíssima, antes da minha caminhada universitária eu tinha somente um vislumbre do descaso e do sofrimento que muitas pessoas, em todo o mundo, vivenciam. A Pedagogia, e principalmente alguns professores da graduação, me permitiram enxergar o outro e compreender que as diferenças, que eu sempre pensei existirem, pouco significam, e foi na graduação que tive meus primeiros contatos com os movimentos sociais.

No mestrado aprofundi o meu conhecimento sobre os movimentos sociais, e entendi a importância do Zapatismo para solucionar minhas inquietações enquanto usuária da Internet: Incomodava-me, enquanto usuária das redes sociais, tantas possibilidades sendo desperdiçadas, tantas coisas que poderiam ser debatidas no lugar dos “virais” que a cada dia surgiam na Internet, se um vídeo qualquer pode ser amplamente divulgado, por que o analfabetismo no Brasil não é? Por que a fome que pessoas no Brasil e no mundo passam não é assunto das discussões online? O que produz esse efeito que não tem sido utilizado para outros propósitos?

Adentrando mais nesse universo, no intuito de encontrar minhas respostas, pude perceber que a Internet é um imenso e desconhecido mundo, até mesmo pra mim que tenho facilidade de lidar com as tecnologias e as possibilidades oferecidas por elas. Descobri que no momento que existem milhões de pessoas compartilhados “virais” existem outras milhões, discutindo, compartilhando, manifestando e se informando sobre as minorias no mundo, sobre o Zapatismo e vários outros movimentos sociais, um movimento na rede que até então eu desconhecia.

Durante esses meses de pesquisa várias vezes fui questionada, por professores e colegas, sobre a minha escolha de estudo, enfrentei estranhamento e até algum preconceito com o tema escolhido, e muitas vezes fui desmotivada a continuar. No entanto, quanto mais conhecia o universo Zapatista mais percebia que a minha compreensão sobre os movimentos sociais na Internet não teria validade sem o entendimento dos sujeitos pertencentes ao movimento, militantes ou simpatizantes.

A temática central dessa dissertação envolve os movimentos sociais, histórico e espacialmente localizados na América Latina e questões relacionadas as

tecnologias, temas que, para sua compreensão, extrapolam a abordagem disciplinar, como corrobora Maria da Glória Gohn:

Em síntese: o estudo sobre os movimentos sociais latino-americanos deve ter um enfoque multidisciplinar, envolvendo a sociologia, a ciência política, a antropologia, a história, a economia e a psicologia social. A política deve ser destacada por ser a grande arena de articulação, pelo fato de os movimentos sociais sempre estarem envolvidos ou ligados a relações de poder. Devemos considerar: ideologia, valores, tradições e rituais da cultura de um grupo, a cultura política como um todo etc. assim como a estrutura sociopolítica e econômica em que os movimentos estão inseridos, numa abordagem histórico cultural renovada. (Gohn, 2007, p. 240).

Esse indicativo é de importância sumária tanto para o desenvolvimento da presente pesquisa, como a abordagem do programa de pós-graduação no qual estou inserida, por se tratar de um mestrado interdisciplinar, creio que seja necessário, além de abordagens e metodologias interdisciplinares, objetos de estudo que potencializem essa característica.

Dessa forma, acredito ter conquistado os objetivos propostos inicialmente, e ainda ter cumprido a proposta do Mestrado na realização de um estudo interdisciplinar que compreenda as fronteiras, além das que são visíveis, e que demonstre a transposição dessas. Como a distância geográfica dos simpatizantes que mesmo assim apoiam o movimento, a fronteira transposta de um movimento social, que mesmo com todas as suas limitações de acesso conquistou a Internet, a resistência do movimento e muitas outras que tentei demonstrar nesse estudo.

Como por exemplo, à interatividade encontrada entre os simpatizantes, essa ação derruba a fronteira geográfica, a fronteira cultural, a fronteira identitária, e promove uma identificação com a luta Zapatista. Formar um grupo de pessoas, que compartilhe dos mesmos ideais, e estejam dispostas a lutar não é uma tarefa simples, na Internet os iguais se reconhecem com mais facilidade, fixam suas bandeiras online, e buscam conquistar o possível, algumas vezes, não ultrapassando sua zona de conforto.

Percebemos que dificilmente as pessoas que se manifestam através das redes sociais demonstram essas manifestações nas ruas ou em seu cotidiano, isso é ainda mais evidente com o Zapatismo uma vez que o movimento está distante e que manifestações de apoio nas ruas brasileiras, argentinas ou chilenas não seriam

tão eficazes quanto às manifestações dos indígenas Zapatistas nas “*calles mexicanas*”.

No entanto, essa participação, do indivíduo online, não pode ser menosprezada, no caso do Zapatismo essa participação que salvou vidas e, evitou que o Movimento fosse engolido por políticas mexicanas abusivas. Da mesma forma, não podemos subestimar essa participação, definindo o movimento como movimento social da Internet e outras denominações adotadas, definir o Zapatismo como um movimento exclusivamente cibernético desconsidera os anos de luta, os 11 princípios de defesa, a figura indígena e a força de insurgência que esses militantes tiveram em 1994. O movimento tem questões maiores que o uso das máscaras ou a curiosidade que a identidade do Subcomandante Marcos desperta.

E são exatamente essas questões (questões simbólicas) que costumam ser valorizadas na Internet, muitas vezes, são elas que fazem o diferencial na conquista de visibilidade online, e isso não é um problema. No entanto, a manutenção dessas questões no imaginário dos simpatizantes online restringem a atuação e a própria resistência do Zapatismo nas quase últimas duas décadas, pela ausência de buscas de informações sobre o movimento muitos desses simpatizantes deixam de buscar novas informações por acreditarem que o movimento se extinguiu, e isso sim é um grande problema na Internet, nos levando mais uma vez a efemeridade dos fenômenos, tanto na Internet, quanto na própria sociedade.

Por isso, muitos se surpreenderam, quando no último dia 21 de dezembro de 2012 os Zapatistas voltaram a tomar a Internet e outras mídias, com a manifestação que levou milhares de indígenas as ruas do Sudeste do México. Essa manifestação nos trouxe inúmeras respostas, pudemos perceber que ao contrário do que muitos defendem o movimento respira, e que o Zapatismo é parte intrínseca aos indígenas mexicanos, portanto, pode ser que ocorram novas pausas em suas manifestações, mas assim como no dia 01 de janeiro de 1994, eles devem ressurgir, e assim até que o governo admita um diálogo verdadeiro, tencionando que de fato os problemas vividos naquela região sejam superados.

Concluo também, que a participação do Subcomandante é polêmica, porém muito importante na divulgação do movimento, principalmente na Internet por sua constituição como já afirmamos. Não acreditamos na sua atuação online, e com isso pretendemos dizer que a força do movimento se concretiza na Internet devido à participação das redes de usuários que difundem a mensagem Zapatista, em várias



línguas e a vários usuários. Esses usuários são conquistados no momento que existe, de alguma forma, um reconhecimento identitário como o movimento, dessa forma quando se usa uma máscara, e se apela para diversas minorias, certamente muitas pessoas possam se reconhecer no Zapatismo:

Sou gay em São Francisco, negro na África do Sul, asiático na Europa, hispânico em San Isidro, anarquista na Espanha, palestino em Israel, indígena nas ruas de San Cristóbal, rockero na cidade universitária, judeu na Alemanha, feminista nos partidos políticos, comunista no pós-guerra fria, pacifista na Bósnia, artista sem galeria e sem portfólio, dona de casa num sábado à tarde, jornalista nas páginas anteriores do jornal, mulher no metropolitano depois das 22h, camponês sem terra, editor marginal, operário sem trabalho, médico sem consultório, escritor sem livros e sem leitores e, sobretudo, zapatista no Sudoeste do México.” Enfim, sou um ser humano qualquer neste mundo. Sou todas as minorias intoleradas, oprimidas, resistindo, exploradas, dizendo ¡Ya basta! Todas as minorias na hora de falar e majorias na hora de se calar e aguentar. Todos os intolerados buscando uma palavra, sua palavra. Tudo que incomoda o poder e as boas consciências, este sou eu.“ (Subcomandante Marcos, 28 de março de 1994).

Dessa forma, não somente o Zapatismo, como muitos dos movimentos sociais ou até mesmo mobilizações sociais, angariam simpatizantes despertando neles um reconhecimento e conseqüentemente uma busca pela aproximação a essas lutas e atenção as necessidades dos movimentos sociais que se encontram na Internet. Acredito que essa aproximação (do movimento Zapatista com as minorias no mundo) não ocorreu ou ocorre de forma ingênua, pensar assim também é subestimar a organização do movimento, acredito que existe sim, uma preocupação em angariar simpatizantes no mundo todo, e não vemos essa tentativa de forma negativa, pois entendemos que os movimentos sociais precisam também, para continuar vivos e se movimentando, de visibilidade e a essa necessidade a Internet correspondeu perfeitamente.

Portanto, a participação do Movimento nas mídias, em 1994, fez com que o movimento discutisse suas práticas e que as transformasse graças ao apelo da Sociedade que obtinha conhecimento do movimento por essas mídias. Discutindo suas práticas o movimento abandonou sua característica principal até o momento – o caráter armado. Assumiu um diálogo, e a partir disso atua respaldado pela atenção que o mundo dedica ao movimento.

Essa atenção não significa a solução plena desses problemas, mas uma ampliação da força do movimento que não se concentra mais somente na força indígena do mesmo. O EZLN mostra que a luta por uma nova forma de pensar e de viver não é utópica ou inexistente, que em algum lugar do mundo existe sim, pessoas com muitas dificuldades lutando por mudanças, por sonhos e “um mundo onde caibam outros mundos”.

Infelizmente, não tive a oportunidade de conhecer o México, e para este momento apresento uma pesquisa baseada em grandes autores que trazem relatos impressionantes advindos da região de Chiapas, uma história rica de lutas e embates, principalmente no campo das ideias.

Por último, acredito que são os estreitamentos dos laços sociais na rede capazes de transformar a conjuntura atual dos Movimentos sociais, concluo que estamos participando de uma progressão das redes sociais nos últimos anos, que apontam para uma maior facilidade na concretização dessas relações, uma vez que a rede social mais visitada na atualidade, o Facebook, tem como principal característica o encontro de pessoas já relacionadas em meios externos à rede.

Considerando os laços já constituídos, os “nós” representados nos grafos se aproximam e constituem redes maiores e mais firmes, fator que nunca impedirá que os usuários que não se conheçam passem a se relacionar virtualmente ou presencialmente, baseados em suas afinidades, cada vez mais as pessoas se posicionam nessas redes difundindo e definindo firmemente suas posturas culturais, sociais e políticas nas redes e através delas, esses comportamentos podem ser comparados a espelhos, que através dos usuários conectados as redes, refletem o ideal Zapatista pelos países do mundo, assim como o Subcomandante afirma: [...] Somos el final, la continuación y el comienzo. Somos el espejo que es cristal que es espejo que es cristal. Somos la rebeldía. Somos la necia historia que se repite para ya no repetirse, el mirar atrás para poder caminar hacia adelante<sup>78</sup>.

---

<sup>78</sup> CF., < <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2011/03/03/rincon-zapatista-df-invita-al-ciclo-de-cine-militante-%E2%80%9C%E2%80%A6hubo-un-tiempo-en-que-toda-america-latina-estaba-aqui-nomasito%E2%80%9D-viernes-4/>>

## REFERÊNCIAS

ARELLANO, Alejandro Buenrostro y. **As raíces do fenômeno Chiapas – o já basta da resistência Zapatista**. São Paulo: Alfarrabio, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. "Vivemos tempos líquidos. Nada é para durar". **Revista Istoé**, 24 set. 2010. Istoé Entrevistas. Disponível em: < [http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/102755\\_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NADA+E+PARA+DURAR](http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NADA+E+PARA+DURAR)>. Acesso em 06 de junho de 2012.

BEZERRA, Marcos Antonio Alexandre; ARAÚJO. Eliany Alvarenga de; **Reflexões epistemológicas no contexto do Orkut: ética da informação, sociabilidade, liberdade e identidade**. Revista Perspectivas em Ciência da Informação, v.16, n.2, p.3-17, abr/jun. 2011. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v16n2/05.pdf>>. Acesso no dia 14 de dezembro de 2012.

BRIGE, Marco; ORTIZ, Pedro; FERRARI, Rogério. **Zapatistas – A velocidade do Sonho**. Brasília: Entre Livros: Thesaurus, 2006.

CARRILLO, Alfonso Torres. **Movimientos sociales, organizaciones populares y constitución de sujetos colectivos**. Bogotá: Universidad Abierta y a Distancia – UNAD, 2002.

CASANOVA, Pablo González. **As novas ciências e as humanidades da academia à política**. São Paulo: Boitempo, 2006.

CASTELLANOS, Laura. **Corte de Caja**. Naucalpan: Endira México, 2008.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. **O poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

\_\_\_\_\_. **A Galáxia da Internet – reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CATAPAN, Araci Hack. **Trabalho e conhecimento – O movimento constitutivo na formação do homem**. Revista Perspectiva, Florianópolis, v.10, n.17, p.67-77, 1992.

CATTANI, Antonio David; Cimadamore, Alberto. **Produção de pobreza e desigualdade na América Latina**. Porto Alegre: CLACSO/Tomo Editorial, 2007.

CECEÑA, Ana Esther; BARREDA, Andrés. **Chiapas y sus recursos estratégicos.** In: **Revista Chiapas, n.1.** Disponível em: <http://www.ezln.org/revistachiapas>. Acesso no dia 26 de janeiro de 2013.

COLE, Jeff. **Internet e Sociedade numa Perspectiva Global: lições de cinco anos de análise de campo.** In: CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo. **A sociedade em Rede – Do conhecimento a ação política.** Belém: Imprensa Nacional, 2005.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Educação e contradição – elementos metodológicos para a teoria crítica do fenômeno educativo.** São Paulo: Cortez, 2000.

DÍAZ, Laura Mota. **Instituições do Estado e produção e reprodução da desigualdade na América Latina.** In: CATTANI, Antonio David; Cimadamore, Alberto. **Produção de pobreza e desigualdade na América Latina** (Orgs). Porto Alegre: CLACSO/Tomo Editorial, 2007.

DARLING, Victoria Inés. **Movimientos de Resistencia al neoliberalismo en América Latina: el reto de la construcción de utopías en el siglo XXI.** Ciudad del México, 2008. 155f. Tesis (Programa de Posgrado en estudios latinoamericanos). Universidad Nacional Autónoma del México – UNAM.

DOWNING, John D. H. **Mídia Radical – Rebeldia nas comunicações e nos movimentos sociais.** São Paulo: Editora SENAC, 2002.

EDER, Klaus. **A classe social tem importância no estudo dos movimentos sociais? Uma teoria do radicalismo da classe média.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 16, n. 46, p. 5-27, jun, 2001.

EZLN. **EZLN anuncia seus seguintes passos. comunicado de 30 de dezembro de 2012.** México: Enlace Zapatista, 2012. Disponível em: < <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2013/01/14/ezln-anuncia-seus-seguientes-passos-comunicado-de-30-de-dezembro-de-2012/> >

FRANCHI, Tássio. **O movimento Zapatista e a constituição de redes intelectuais ao seu redor.** Revista Universum, Maule – Chile, n.18, p.283-293, 2003.

GADEA, Carlos A.; SCHERER-WARREN, Ilse. **A contribuição de Alain Touraine para o Debate sobre sujeito e democracia Latino-americanos.** Revista de Sociologia e Política, Curitiba, n.25, p.39-45, nov, 2005.

GENNARI, Emilio. **As comunidades Zapatistas reescrevem a história.** Rio de Janeiro: Achiamé, 2002.

GLADWELL, Malcolm. **A revolução não será tuitada**. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/il1212201004.htm>>. Acesso no dia 15 de dezembro de 2012.

GÓES, Laércio Torres de. **Contra hegemonia e Internet: Gramsci e a Mídia Alternativa dos Movimentos Sociais na Web**. Anais do IX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Nordeste, Salvador, 2007.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. **Teoria dos Movimentos Sociais – Paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 1997.

\_\_\_\_\_. **Novas teorias dos movimentos sociais paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 2006.

\_\_\_\_\_. **Abordagens teóricas no estudo dos movimentos sociais na América Latina**. Caderno CRH, Salvador, v.21, n.54, p.439-455, set/dez, 2008.

\_\_\_\_\_. **Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo**. Petrópolis: Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. **A revolução será tuitada**. Disponível em <[http://boitempoeditorial.com.br/publicacoes\\_imprensa.php?isbn=978-85-7559-216-8&veiculo=Cult%20%96%20Do%20ssi%20%EA](http://boitempoeditorial.com.br/publicacoes_imprensa.php?isbn=978-85-7559-216-8&veiculo=Cult%20%96%20Do%20ssi%20%EA)>. Acesso no dia 15 de dezembro de 2012.

GUIMARÃES, Sônia M. K. . **Classes e movimentos sociais na América Latina: questões para debate**. In: LARANGEIRA, Sônia M. G. (org.). (Org.). **CLASSES E MOVIMENTOS SOCIAIS NA AMÉRICA LATINA**. São Paulo: Hucitec, 1990, v. , p. 19-29.

GUTIERREZ, Suzana. **"A Etnografia Virtual na Pesquisa de Abordagem Dialética em Redes Sociais On-line"**, in *32ª Reunião Anual da Anped. Caxambu. Sociedade, Cultura e Educação: Novas Regulações?* Rio de Janeiro, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2009. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT16-5768-Int.pdf> . Acesso: 25/12/09.

HOBBSAWN, Eric J. **Rebeldes primitivos: estudos sobre formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

HOLLOWAY, John. **Cultura y transición democrática**. In: ECHEVERRÍA, Bolívar et al. **Chiapas**. México: Ediciones Era, 1996.

JUNIOR, José Gaspar Bisco. **Guerrilha em foco: a presença na mídia do discurso Zapatista, de seu surgimento até a Quinta Declaração da Selva**

**Lacandona.** Juiz de Fora – MG. 2007. 144 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Juiz de Fora.

LARANGEIRA, Sonia (Org.). **Classes e movimentos sociais na América Latina.** São Paulo: Hucitec, 1990.

LE BOT, Yvon. **O sonho Zapatista.** Lisboa: Asa, 1997.

LEÃO, Lúcia. **Muito além do entretenimento e do espetáculo: projetos radicais na cibercultura.** In: CARAMELLA, Eliane [et. al.]. **Mídias – Multiplicação e convergência.** São Paulo: Editora Senac. 2009. P.587-600.

LEÓN, Antonio García de. **Prólogo - El jaguar de la noche.** In: EZLN. **EZLN – Documentos y comunicados.** México – DF: Ediciones Era, 1994.

LEVYA-SOLANO, Xóchitl; SONNLEITNER, Willibald. **¿Qué es el neozapatismo?** Revista Espiral, Guadalajara, v.6, n.17, p.163-201, abr, 2001.

MANN, Michael. **A crise do Estado-nação latino-americano.** In: DOMINGUES, José Maurício. MANEIRO, María. (Orgs.) **América Latina Hoje; conceito e interpretações.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MARTINS, Fernando José. **Ocupação da escola: uma categoria em construção.** Cascavel: Edunioeste, 2011.

MATAMOROS, Fernando; HOLLOWAY, John; TISCHLER, Sergio. **Zapatismo – Reflexión teórica y subjetividades emergentes.** Buenos Aires: Herramienta, 2008.

MCLUHAN, Marshall. **Comprender los medios de comunicación.** Buenos Aires: Paidós, 1996.

MONTAÑO, Carlos; DURIGUETTO, Maria Lucia. **Estado, Classe e Movimento Social.** São Paulo: Cortez, 2010.

OLIVEIRA, Francisco de. **Fronteiras invisíveis.** In: NOVAES, Adauto (Org.). **Oito visões da América Latina.** São Paulo: Editora Senac, 2006.

RAMONET, Ignácio. **Marcos la dignidad rebelde – Conversaciones con Ignacio Ramonet.** Buenos Aires: Capital Intelectual S.A., 2001.

RECUERO, Raquel. **Comunidades virtuais no IRC: o caso do #Pelotas – Um estudo sobre a comunicação mediada por computador e a estruturação de**

**comunidades virtuais.** Porto Alegre - RS. 2002. 165 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

\_\_\_\_\_. **Redes Sociais na Internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIGITANO, Eugênicia. **Ciberativismo: Definições, origens e possíveis classificações.** In: LEMOS, André (org). **Ciberurbe – A cidade na sociedade da informação.** Rio de Janeiro: E-papers. 2005.

ROJAS, Carlos Antonio Aguirres. **Para compreender o século XXI: uma gramática de longa duração.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

SANTOS, Theotonio dos. **Conceito de Classes Sociais.** Petrópolis: Vozes, 1983.

SADER, Emir. **Encontros e desencontros.** In: NOVAES, Adauto (Org.). **Oito visões da América Latina.** São Paulo: Editora Senac, 2006.

SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. **Redes sociais digitais – a cognição conectiva do Twitter.** São Paulo: Paulus. 2010.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Movimentos sociais.** Florianópolis: Editora da UFSC, 1984.

\_\_\_\_\_. **Redes de movimentos sociais.** São Paulo: Loyola, 1996.

SCHULZ, Markus S. **Novas mídias, mobilização transnacional e as reestruturações das esferas públicas.** Revista Civita, Porto Alegre, v.7, n. 2, p.108-128, jul, 2007.

\_\_\_\_\_. **Mobilización Transnacional y nuevas redes mediáticas – El caso del movimiento Zapatista, 1994 – 2011.** Ponencia presentada en la Conferencia “Mobilización transnacional y Zapatismo Internacional”, 2012, México.

SOUZA, Herbert José de. **Como se faz a análise de conjuntura.** Petrópolis: Vozes, 1985.

STEINBERG, Gustavo. **Política em pedaços ou Política em bits.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

TARROW, Sidney. **El poder em movimiento - Los movimientos sociales, la acción colectiva y política.** Madrid: Alianza Editorial, 1997.

TREJO, Guillermo. **Etnia e mobilização social: uma revisão teórica com aplicações à “quarta onda” das mobilizações indígenas na América Latina.** In: DOMINGUES, José Maurício; MANEIRO, María. **América Latina hoje – conceitos e interpretações.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

UGARTE, David de. **O poder das redes.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

ZIBECHI, Raúl. **Territorios en resistencia:** cartografía política de las periferias urbanas latinoamericanas. Buenos Aires: La Vaca Editora, 2008.



## GLOSSÁRIO

**Avatar** – Na internet um avatar é uma representação gráfica de si mesmo, uma forma do usuário se reconhecer dentro da realidade virtual, normalmente, o usuário costuma emprestar características próprias a essa representação.

**Blogs e Weblogs** – Um blog tem estrutura semelhante a um site, entretanto sua forma de postagem é mais rápida e simples e é por essa razão que se tornou uma ferramenta tão utilizada no ciberespaço.

**Char** – Chars são personagens semelhantes aos avatares, entretanto não costumam adquirir características do usuário, os chars são utilizados em jogos online, e o usuário/jogador necessita de dedicação e tempo para que o seu char conquiste força/poder.

**Fakes** – Nas redes sociais alguns usuários criam perfis inverídicos sobre suas identidades, normalmente os fakes adotam identidades de pessoas conhecidas, como artistas e grandes escritores.

**Fotologs** – Fotolog é uma ferramenta que mistura a estrutura do blog com a capacidade de envio e disponibilização de fotografias online, através dessa ferramenta, o usuário poderá compartilhar fotos que poderão ser enviadas a sua rede de contatos online.

**Homepages** – São os próprios sites que podem ser acessados pelos navegadores, a criação dos sites costuma ser complicada e exige do usuário um conhecimento amplo sobre Internet, toda homepage tem um endereço por onde o usuário o acessa.

**ID's** - É a identidade que um indivíduo adquire na Internet, normalmente seguido do símbolo @ e do domínio.

**Login** – Semelhante ao ID, entretanto serve como porta de entrada para diversos sites que disponibilizam de cadastro e acesso através do login.

**MySpace** – Rede Social semelhante ao Facebook, entretanto, possibilita uma maior interação de imagens, músicas e vídeos.

**Nickname** – Nome utilizado para o login na Internet especialmente nos sites de bate-papos muito utilizados nas últimas décadas.

**Offline** – Pode ser utilizado para definir uma homepage ou uma rede que não estejam conectas, ou seja, que não estejam online.

**Perfil** – É a descrição de um indivíduo na Internet, a maioria das Redes Sociais disponibiliza esse espaço para que seja preenchido com essa descrição.

**Spams** – O termo spam é utilizado para definir as mensagens replicadas ao extremo por usuários e ou programas dedicados a esse fim no intuito de divulgar uma determinada mensagem, costumeiramente esse tipo de prática está relacionada aos e-mails mas também se prolifera nas redes sócias.

**Twitter** – É uma rede social, com fim de compartilhamento de mensagens com até 140 caracteres, existe uma grande interação entre os usuários, principalmente através das hashtags marcações que permitem que uma expressão se torne um link, tal como, #vetadilma já citado dentro dessa pesquisa.

**VoIPs** - VOIP significa Voice Over IP, é um sistema que possibilita a transmissão de voz sobre o protocolo IP, no Brasil conhecido como “Voz sobre a Internet”, o programa mais conhecido de VoIP é o Skype, que basicamente tem como função de realizar chamadas de voz e de vídeo entre usuários.